FIAR

A MATÉRIA DO TEMPO EM RODA, CELEBRAR 10 ANOS DE HISTÓRIA

ANAIS DO IV SEMINÁRIO RODAS DO FIAR

Luciana Ostetto
Marta Maia
Ana Grazyele Araujo
Laís Vilela Gomes
(Organizadoras)



Pedro & João editores



FIAR A MATÉRIA DO TEMPO EM RODA, CELEBRAR 10 ANOS DE HISTÓRIA

ANAIS DO IV SEMINÁRIO RODAS DO FIAR

UFF/Niterói - 17, 18 e 19 de novembro de 2026

Pedro & João editores



FIAR A MATÉRIA DO TEMPO EM RODA, CELEBRAR 10 ANOS DE HISTÓRIA

ANAIS DO IV SEMINÁRIO RODAS DO FIAR

UFF/Niterói - 17, 18 e 19 de novembro de 2026

Luciana Ostetto
Marta Maia
Ana Grazyele Araujo
Laís Vilela Gomes
(Organizadoras)

Pedro & João editores



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Ostetto, Luciana; Maia, Marta; Araujo, Ana Grazyele; Gomes, Laís Vilela [Orgs.]

Fiar a matéria do tempo em roda, celebrar 10 anos de história: Anais do IV Seminário Rodas do FIAR. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 110p. 16 x 23 cm.

ISBN **978-65-265-3389-5** [digital]

1. Educação infantil. 2. Arte e Educação. 3. Formação Docente. 4. Estética. I. IV Seminário Rodas do FIAR (2026 : Niterói, RJ). II. Título.

CDD 372.21

Capa: Marcos Della Porta.
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Ida Conceição Andrade de Melo
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Comissão Organizadora

Marta Maia - Presidente
Luciana Ostetto
José Firmino de Oliveira Neto
Ana Grazyele Silva Araujo
Graziela Ferreira de Mello
Iasmim Cavalcanti Caballero Lira
Laís Vilela Gomes
Mariana Soares Dantas
Michele Costa Pereira
Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias

Comitê Científico

Marta Maia (UFF)
Luciana Ostetto (UFF)
Cristiana Callai (UFF)
José Firmino de Oliveira Neto (UFG)
Ester Alves Lopes Mendes (SME-GOIÂNIA)
Thais Regina de Carvalho (UFG)
Luciane Goldberg (UFC)
Edith Maria Batista Ferreira (UFMA)
Joelma Reis Correia (UFMA)
Kátia Cilene Amorim Gomes (UFMA)
Patrícia Torres de Barros (UFMA)
Carla Andrea Corrêa (UFF/FIAR)
Graziella Mello UFF/FIAR)
Daiane de Medeiros (UFF/FIAR)
Mariana Soares Dantas (UFF/FIAR)
Laís Vilela Gomes (UFF/FIAR)
Iasmim Cavalcanti Caballero Lira (UFF/FIAR)
Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias (UFF/FIAR)



Agradecemos o apoio recebido para a realização do IV Seminário Rodas do FIAR - Fiar a matéria do tempo em roda, celebrar 10 anos de história: Programa de Pós-graduação em Educação da UFF Faculdade de Educação (FEUFF) Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) Biblioteca Central do Gragoatá (BCG/UFF).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

NO ACENO DE MUITOS BRAÇOS, UM DESEJO FIANDEIRO: ABRIR NOVOS ESPAÇOS PARA SEGUIR TECENDO HISTÓRIAS OUTRAS.....15
Comissão Organizadora

CONVERSAÇÕES EM RODA

AS INFÂNCIAS, AS IMAGENS E O CHÃO DA ESCOLA: POR UM ENSINO DE ARTES VISUAIS QUE DÊ LUGAR AO ESPANTO E AO MARAVILHAMENTO COMO EXPERIÊNCIAS.....18
Sidiney Peterson F. de Lima

EDUCAÇÃO INFANTIL, INFÂNCIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS: EM DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS.....20
Maria Aparecida Guedes Monção

RODAS DE CONVERSAÇÃO: TRABALHOS INSCRITOS E APRESENTADOS

Fiação 1
Tramas da Formação de professoras(es) das infâncias

1.1. A DIMENSÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES DA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA.....24
Débora Kelly da Silva

1.2. ENCANTARIÊNCIAS.....25
Michelle Dantas Ferreira
Edilane Oliveira da Silva
Adrianne Ogêda Guedes

1.3 ANTES DE SABER LER, JÁ SE LÊ? LITERATURA E FORMAÇÃO DOCENTE NO COTIDIANO DE UMA TURMA DE GREI 2.....26
Isabella Coelho Figueiredo

1.4 BERÇÁRIO: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR NA BUSCA PELO DESEMPAREDAMENTO.....27
Vanessa Kelly Delfino do Nascimento

1.5 MODOS DE REGISTRAR A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRATIVAS DOCENTES.....28
Miriam Nogueira de Maltos

1.6 OLHARES SENSÍVEIS NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS NA EMEI: FORMAÇÃO DOCENTE E INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA.....29
Eliane Coimbra Aradi

1.7 A LENTE DO OUTRO: TECENDO OLHARES PARA AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ESCOLA MATERNAL E CRECHE VOTORANTIM.....30
Maria Clara Coimbra Garcia

1.8 NAS VIAS DA DIMENSÃO BRINCANTE, DIÁLOGOS ENTRE A BRINCADEIRA POPULAR E FORMAÇÃO DOCENTE COM AS INFÂNCIAS, A PARTIR DO COCO DE RODA.....31
Mariana Soares Dantas



1.9 SERÁ QUE A TERRA SENTE? - ENTRE LITERATURA E GRAFISMOS, PROFESSORES(AS) DAS INFÂNCIAS (RE)PENSAM A RELAÇÃO HUMANIDADE-NATUREZA.....32
Thays Pereira Martins
Kerolayne Martins Severo
Weverton Fernandes Cardoso
José Firmino De Oliveira Neto

1.10 LITERATURA, FORMAÇÃO ESTÉTICA E CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES.....33
Victor da Penha Miranda
Analice de Oliveira Martins

1.11 O PLANEJAMENTO DOCENTE COMO GESTO CRIADOR: NARRATIVAS DE PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....34
Laís Vilela Gomes

1.12 TRANS-BORDAR: ENTRE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E PRINCÍPIOS QUE ATRAVESSAM O VIVIDO COM AS INFÂNCIAS.....35
Alessandra Menck Machado de Almeida

1.13 ALINHAVANDO TEMPO-ESPAÇO DE FORMAÇÃO ESTÉTICA PELA CIDADE: NARRATIVAS SOBRE OUTROS MODOS DE SENTIR-PENSAR-TECER A DOCÊNCIA E A FORMAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA.....36
Edith Maria Batista Ferreira

1.14 ENTRE O TEMPO DO RELÓGIO E O TEMPO DO CORAÇÃO: FORMAÇÃO ESTÉTICA DE PROFESSORES DA INFÂNCIA - UMA EXPERIÊNCIA DE PAUSA.....37
Fabiana Buexm Nagib de Mattos

1.15 SONHAR DOCÊNCIAS: PELAS FRESTAS DE UMA FORMAÇÃO-ARTE.....38
Edilane Oliveira Da Silva
Michelle Dantas Ferreira
Adrianne Ogêda Guedes

1.16 COM PAULO E MADALENA, PENSAR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL FREIRIANA.....39
Marta Nidia Varella Gomes Maia

1.17 DRAMATURGIAS DA MEMÓRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE NA/COM EDUCAÇÃO INFANTIL: INACABAMENTOS E ENCANTAMENTOS.....40
Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias

1.18 DESVENDANDO JARDINS SECRETOS: QUANDO A PESQUISA TRANSFORMA O OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA.....41
Amanda Lobosco Pinto

1.19 ENTRE RETALHOS, NÓS E TRANÇAS, (RE)CRIAÇÕES INVENTIVAS DE BONECAS ABAYOMI: PROFESSORES(AS)-PEDAGOGOS(AS) EM "ENCONTRO PRECIOSO".....42
Thais Oliveira Luz
Kerolayne Martins Severo
José Firmino de Oliveira Neto

1.20 NARRATIVAS DE ONTEM E DE HOJE:POESIA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COMO CAMINHO FORMATIVO COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....43
Maria Leticia Felintro da Silva



1.21 ESCUTA SENSÍVEL E PRÁTICAS POÉTICAS: A FORMAÇÃO ESTÉTICA COMO RESISTÊNCIA E ACOLHIMENTO NA DOCÊNCIA.....44
Luana Nogueira Costa
Michelle Dantas Ferreira

1.22 "É PRECISO TRANSVER O MUNDO!": FLORESCER EM NARRATIVAS SOBRE DESENHO, INFÂNCIA E FORMAÇÃO DOCENTE.....45
Joelma Reis Correia
Edith Maria Batista Ferreira

1.23 CINEMA FALADO: O USO DA CINEMATOGRAFIA COMO FONTE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE E SUA APLICABILIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....46
Monica Ferreira de Farias
Sarah Lima de Oliveira

1.24 PELAS TRILHAS DA ANCESTRALIDADE INDÍGENA, GUARANIZAR A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM ARTE: NARRATIVA DE UMA PROFESSORA JURUA.....47
Taia Nobre Machado Terra Borba

1.25 DESABITUAR O OLHAR PARA AS INFÂNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....48
Tânia Maria de Sousa França

1.26 TECER MEMÓRIAS, CORAZONAR A MADRE TIERRA: ANCESTRALIDADES, RE-EXISTÊNCIAS E FORMAÇÃO DOCENTE ENTRE BRASIL E COLÔMBIA.....49
Daiane Francisco De Medeiros

1.27 (RE)ENCANTAR CORPOS DOCENTES: FIANDO MEMÓRIAS, TECENDO CONVERSAS.....50
Adrianne Ogêda Guedes
Michelle Dantas Ferreira
Edilane Oliveira Da Silva

1.28 FRESTAS PARA (RE)ENCANTAR CORPOS DOCENTES: TECENDO ETHOS DO CUIDADO NA FORMAÇÃO.....51
Andrea Álvaro Alberto Bacellar
Adrianne Ogêda Guedes
Edilane Oliveira da Silva
Michelle Dantas Ferreira

Fiação 2
Tramas da Educação Infantil

2.1 O QUE É SUBSTANCIAL NAS FALAS DAS CRIANÇAS? MINHOCAS QUE CONECTAM MUNDOS, CONFLUÊNCIAS DE SABERES E A CRIAÇÃO DE REDES DE AFETOS NOS COTIDIANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....53
Liana M V Santos

2.2 "A TUA PRESENÇA DESINTEGRA E ATUALIZA A MINHA PRESENÇA": ESCUTA DA POÉTICA DAS INFÂNCIAS, EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E DOCÊNCIA EM TRANSFORMAÇÃO...54
Wallace Benjamim Costa Amorim

2.3 VER/A/CIDADE: DESLOCAMENTOS DE CRIANÇAS PEQUENAS NO TERRITÓRIO PERIFÉRICO.....55
Juliana Candida de Oliveira



2.4 ARTESANIAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....56
Juliana Ferreira dos Santos Cordeiro
Roberta Dias de Souza

2.5 EDUCAÇÃO INFANTIL COMO TERRITÓRIO DE POTÊNCIA: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E RESSIGNIFICAÇÃO DE ESPAÇOS EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA URBANA.....57
Danielle Loureiro Lemos
Luana Nogueira Costa
Michelle Dantas Ferreira

2.6 FIAR PERGUNTAS, DOCUMENTAR PERCURSOS: A TRILHA PEDAGÓGICA DO PROJETO ABACAXI NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....58
Ingrid Flores Vale Scarpa

2.7 TECENDO EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ARTE E A NATUREZA COMO EIXOS ORIENTADORES DE PRÁTICAS EDUCATIVAS.....59
Débora Magalhães De Souza França
Renata Rodrigues Chagas Pessoa

2.8 INFÂNCIA E LEITURA: MEMÓRIAS LITERÁRIAS, TERRITÓRIOS EDUCATIVOS E CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....60
Claudia Oliveira Fernandes
Claudio Oliveira Fernandes

2.9 RODAS INVESTIGATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OBSERVAR E VIVER A NATUREZA...61
Ingrid Conceição da Costa

2.10 O AMBIENTE COMO TERCEIRO EDUCADOR E MEDIADOR DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS.....62
Caroline do Nascimento Macedo

2.11 TERRITÓRIOS EDUCATIVOS: A CIDADE COMO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL..63
Olívia Maria da Costa Ferreira

2.12 ENTRE ARTE E NATUREZA: SEMEAR E COLHER PRESENÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....64
Alessandra Piedras

2.13 O DESENHO DE SI NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA DO AUTORRETRATO COM TURMAS DE UMA PRÉ-ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA-CE.....65
Leandro Da Silva Pereira Junior
Janice Débora De Alencar Batista Araújo

2.14 ARTESANIAS: MODOS OUTROS DE TECER A DOCÊNCIA E A FORMAÇÃO.....66
Jane Marchon Cordeiro Celestino
Roberta Dias de Sousa
Juliana Ferreira dos Santos Cordeiro

2.15 O QUE NARRAM AS CRIANÇAS SOBRE O PÁTIO NATURALIZADO? POR ENTRE OS FIOS DO MUNDO SOCIAL E NATURAL EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA/CE.....67
Francisca Paloma Almeida Vital
Leandro da Silva Pereira Junior

2.16 EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO COTIDIANO DA CRECHE.....68
Liliane Feliciano Alves



2.17 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO "SEMENTES DO BRINCAR: CULTIVANDO INFÂNCIAS E SABERES".....69
Fabiana Mendonça Lima
Acreciana de Sousa Melo

2.18 NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL, MÚLTIPLAS EXPERIÊNCIAS COM A LITERATURA INFANTIL: MOVIMENTAÇÕES DE UMA INSTITUIÇÃO DE GOIÂNIA (GO).....70
Sabrinna Rodrigues Rezende

2.19 NARRATIVAS POÉTICO-FOTOGRÁFICAS NO ENCONTRO ENTRE CRIANÇAS E FORMAS OUTRAS DE VIDA: INVENTARIANDO A PRÁTICA DOCENTE.....71
Michele Costa Pereira

2.20 IMAGENS E SENTIDOS DO CUIDADO NO FAZER DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL...72
Francisca Vanderlucia Ribeiro Rainha

2.21 CORPO E LINGUAGEM NA EXPERIÊNCIA ESCOLAR DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS...73
Dayane Cabral Leite
Maria Angélica Augusto de Mello Pisetta

2.22 DO CHÃO DO QUINTAL AO PENSAR CIENTÍFICO: CONTRACOLONIALIDADE E A REORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NATURAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....74
Ana Clara de Sousa Freire
Adriana Martins Cerqueira
Olivia Maria da Costa Ferreira

2.23 CONSTRUINDO UMA ESCOLA PARA AS INFÂNCIAS: ENTRE REINVENÇÕES E POSSIBILIDADES.....75
Gabriela Elmor Gonçalves
Camille da Silva Oliveira

2.24 INSERÇÃO DA LITERATURA AFETIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES ÁVIDOS.....76
Pablo Marcel de Morais Lima

2.25 RELATOS DE PRÁTICAS SOBRE ESCUTA DIÁRIA DAS CRIANÇAS NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....77
Lohane Maísa Marques Pereira

2.26 O CADERNO DE FOTOGRAFIAS E AS NARRATIVAS DAS EXPERIÊNCIAS DOS BEBÊS A PARTIR DO PROJETO DE LITERATURA INFANTIL "A SACOLA LITERÁRIA: O ENCONTRO DOS BEBÊS COM OS LIVROS".....78
Maria Fernanda de Souza Nascimento

2.27 SABERES ANCESTRAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS: RELATO DE UMA TRAMA ENTRE OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....79
Priscilla Ramos Figueiredo Cunha
Daniele Prudencio

2.28 OS ESPAÇOS QUE HABITAMOS: PRAIA SECA E SUAS RIQUEZAS NATURAIS.....80
Franciara Barbosa Lemos da Silva

2.29 PARA AS INFÂNCIAS, UMA GOIABA NUNCA É APENAS UMA GOIABA: A NATUREZA E AS EXPERIÊNCIAS QUE HABITAM O NOSSO QUINTAL.....81
Jenifer Porto Fagundes Barreto
Alessandra da Silva Ribeiro
Rosimeri de Lima
Michelle Rangel Belém Velasco



2.30 PRÁTICAS, RELAÇÕES E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O COTIDIANO DE UMA CRECHE PARCEIRA EM TERRITÓRIO DE FAVELA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.....82
Juliana Assis da Costa Lopes

2.31 VOZES INFANTIS E DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA EM UMA CRECHE DA PERIFERIA CARIOCA.....83
Alessandra Moreira Alves de Freitas
Bianca dos Santos Reis
Ana Paula Rizo de Souza
Nilda Antônia Clercq de Oliveira

2.32 O QUE AS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE TRINDADE (GO) LEEM PARA AS CRIANÇAS? - DA FORMAÇÃO LEITORA DAS PROFISSIONAIS A (RE)CONSTITUIÇÃO DOS ACERVOS NOS TERRITÓRIOS INSTITUCIONAIS.....84
Cristiane Ricci Mancini
José Firmino De Oliveira Neto

2.33 "NÃO FOI FERIADO, FOI OPERAÇÃO": INFÂNCIAS DA CIDADE DE DEUS QUE NARRAM A VIOLÊNCIA.....85
Juliana de Oliveira Guimarães

2.34 CORPO, INFÂNCIA E CONTROLE: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA DE ENSINO.....86
Daniella Fernandes Americo

2.35 NADA PRONTO, TUDO EM CONSTRUÇÃO: INFÂNCIAS PROTAGONISTAS ENTRE O DISCURSO E A PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....87
Cristiane Tomaz da Silva de Almeida

Fiação 3
Tramas da Educação e Arte

3.1 SABORES DE CORA: QUANDO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA É TECIDA POR MUITAS MÃOS.....89
Thamires Ramos dos Santos Aguiar
Silvana de Fatima Ramos dos Santos Aguiar

3.2 "UM JEITO DE INVENTAR MUNDOS RECORTANDO E COLANDO PEDAÇOS DA REALIDADE": EM ESTADO DE ATELIÊ, PROFESSORES(AS) DAS INFÂNCIAS EXPERIMENTAM A LINGUAGEM DA COLAGEM.....90
José Firmino de Oliveira Neto

3.3 DANÇAS CIRCULARES E EDUCAÇÃO: REENCANTANDO CORPOS A PARTIR DO PRINCÍPIO DA CIRCULARIDADE.....91
Gabriela Farias Ribeiro de Vasconcelos
Adrianne Ogêda Guedes

3.4 O PAPEL DO ATELIÊ NA FORMAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS PARA BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....92
Priscilla Vieira Nunes

3.5 DESAFIOS E POTENCIALIDADES DE RE-EXISTÊNCIA DE UM ESPAÇO PARA AS ARTES NA ESCOLA.....93
Daniela Brasil Cassinelli
Monique Serenado da Silva
Vitória Luiz Carneiro de Souza



3.6 PROFESSORES(AS) DAS INFÂNCIAS EM MOVIMENTO NO ATELIÊ: EM QUESTÃO A GRAMÁTICA DA ARGILA.....94
Maria Auxiliadora Fernandes Justiniano,
Ronnan Raimere Cavalcante Mota Kevany Costa Araujo
José Firmino de Oliveira Neto

3.7 TECENDO MUNDOS DE CALMARIA CURUMIM: PROCESSO DE CRIAÇÃO EM ARTE ENTRELAÇADOS À TECNOLOGIA ANCESTRAL INDÍGENA DA COSTURA.....95
Elvis Jordan Santos Farias
Luciane Germano Goldberg
Francisco Rodrigues Holanda(Rodrigo Tremembé)

3.8 CAIXARTE: A ETERNA NOVIDADE DAS INFÂNCIAS - A CRIANÇA COMO OBRA DE ARTE E POTÊNCIA CRIADORA.....96
Giselle Pertinhes

3.9 ENCONTRAR-SE, FAZER À MÃO, REMEMORAR: ONDE ESTÁ A ARTE NOS PERCURSOS FORMATIVOS E NA PRÁTICA DOCENTE?.....97
Luciana Esmeralda Ostetto
Ana Grazyele da Silva Araujo

3.10 A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS(AS) NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.....98
Luciane Germano Goldberg

3.11 COMO OS ESPAÇOS ESTÉTICOS PODEM CONTRIBUIR NA DESCONSTRUÇÃO DAS ATIVIDADES ESCOLARIZADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?.....99
Leidiane Ferreira Leite
Michelle Dantas Ferreira

3.12 NARRATIVAS COMPARTILHADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS ENTRE ARTE E PEDAGOGIA.....100
Iasmim Cavalcanti Caballero Lira

3.13 UMA EXPOSIÇÃO DE PROCESSOS E REVERBERAÇÕES POÉTICAS: NAS FRESTAS - GEST(O)AÇÕES COLETIVAS, UMA ESTRATÉGIA DE VER-SENTIR-PENSAR.....101
Beatriz Jabor Hugueney
Adrianne Ogêda Guedes

3.14 ARTE CONTEMPORÂNEA E INFÂNCIAS INVENTIVAS: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS COM A CULTURA NORDESTINA.....102
Janice Débora de Alencar Batista Araújo
Pedro Cauã Patrício da Silva

3.15 MUSEUS COMO TERRITÓRIOS DE ENCANTAMENTO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....103
Hiago Viveiros da Silva
Adrianne Ogêda Guedes
Gabriela Farias Ribeiro de Vasconcelos



ATELIÊS

Ateliê 1 - ENTRE CHAMAS E CORES, BRINCAR COM O FOGO.....105
Mariana Dantas

Ateliê 2 - POESIA ILUSTRADA: PERCEBENDO AS IMAGENS QUE AS PALAVRAS PROVOCAM.....105
Michele Costa

Ateliê 3 - FIAR IMAGENS, COLAR HISTÓRIAS.....105
Iasmim C. C. Lira

Ateliê 4 - INVENTÁRIOS DO CAMINHO: (RE)ENCONTROS COM A CIDADE E A FORMAÇÃO ESTÉTICA DOCENTE.....105
Graziela Mello
Laís Vilela Gomes

Ateliê 5 - ARTE, IMAGENS E TEMPORALIDADES.....106
Sidiney Peterson

Ateliê 6 - "EM TUDO EU PONHO A VIDA DE GOIÁS. TUDO O QUE FAÇO É BRASIL": COM A ARTE DE ANTÔNIO POTEIRO, PENSAR O TEMPOESPAÇO DE ESTESIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....106
José Firmino de Oliveira Neto
Maria Auxiliadora Fernandes Justiniano

Ateliê 7 - "EU RABISCO O SOL QUE A CHUVA APAGOU": DESENHOS, INFÂNCIAS E AUTOBIOGRAFIAS.....106
Luciane Germano Goldberg
Leandro Pereira Junior

Ateliê 8 - "QUEM DISSE QUE DESENHO É SÓ COISA DE LÁPIS E PAPEL?" - CORPO, LINHA E INVENÇÃO.....106
Edith Maria Batista Ferreira
Joelma Reis Correia

Ateliê 9 - POÉTICAS NEGRAS E NARRATIVAS DE SI: UM ENCONTRO-ATELIÊ DE MEMÓRIAS, IMAGENS E ESCREVIVÊNCIAS.....107
Greice Duarte de Brito Silva

Ateliê 10 - VESTÍGIOS DA MEMÓRIA: DRAMATURGIAS TEATRAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE.....108
Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias

EXPOSIÇÃO

A MATÉRIA DO TEMPO (CON)FIADA EM MEMÓRIAS: 10 ANOS DO CÍRCULO DE ESTUDO E PESQUISA FORMAÇÃO DE PROFESSORES, INFÂNCIA E ARTE.....109
Luciana Ostetto
Ana Grazyele Araujo
Simone Bibian
Graziela mello
Iasmim C. Lira



APRESENTAÇÃO



NO ACENO DE MUITOS BRAÇOS, UM DESEJO FIANDEIRO: ABRIR NOVOS ESPAÇOS PARA SEGUIR TECENDO HISTÓRIAS OUTRAS

[...] E quem garante que a História
É carroça abandonada
Numa beira de estrada
Ou numa estação inglória

A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue

É um trem riscando trilhos
Abrindo novos espaços
Acenando muitos braços
Balançando nossos filhos [...].

Canción por la unidad de Latinoamérica
Pablo Milanés (versão de Chico Buarque)

Desde sua fundação, o Círculo de Pesquisa FIAR habita o território situado nas fronteiras, no entre-lugar, no entre-campos da Educação e da Arte. Esse posicionamento é impulsionado pela compreensão de que Arte é essencial para a Educação, mas que, historicamente, os campos da Educação e da Arte foram apartados e distanciados entre si. As propostas de arte-educação, ou arte/educação, por exemplo, formuladas como movimento de sustentação do trabalho de arte na educação, nem sempre dialogam com o campo da Pedagogia e da formação docente para as infâncias - Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta compreensão ativa o desejo de tecer diálogos a partir das especificidades do campo da Pedagogia, da formação e da prática docente com as infâncias. Então, como círculo de estudo e pesquisa que habita o entre-lugar, sem no entanto desconsiderar as especificidades de um e de outro campo, falamos em Educação e Arte, posicionando-nos na fronteira, no sentido que a bailarina Martha Graham (1894-1991) atribui ao termo, em uma de suas coreografias, chamada *Frontier.* No seu livro *Memórias do sangue: uma autobiografia* (Graham, 1993), ela conta que foi interpelada sobre as razões de ter chamado *Frontier* àquela coreografia, pois o termo lembrava barreira, contenção, impedimento, ao que ela argumenta: "Em minha mente, eu tinha a idéia de *Frontier* como uma fronteira de exploração, uma fronteira de descoberta, e não uma fronteira de limitação." (Graham, 1993, p.148)

Para o FIAR, a fronteira é assumida como uma metáfora daquilo que pode ser borrado, dissolvido, ocupado para além dos limites instituídos. A fronteira, como na dança de Martha Graham, indica coragem para dar um passo em direção ao que ainda não foi mapeado ou ocupado, que ainda não está contornado e definido. Foi assim que o fio do círculo de pesquisa FIAR foi sendo tecido: movimentando-se daqui pra lá, de lá pra cá, de dentro pra fora e de fora pra dentro, borrando fronteiras, reconhecendo identidades mas misturando-se e esticando limites; encorajando a criação, a imaginação e o fortalecimento da presença, e essencialidade, da arte na pedagogia.

O desejo, que impulsionou a busca e a (con)fiança do caminho, desde o início da trama do primeiro fio que dá origem ao FIAR, em 2016, no Programa de Pós-graduação em Educação/na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, também teceu os fios que urdiram um modo de pensar-fazer pesquisa e formação: em movimentos circulares, errantes, abertos, que afrouxam limites e alargam sentidos - da educação, da formação estética, da docência, da prática pedagógica com as infâncias, especialmente na Educação Infantil -, nutrindo relações empáticas, plurais, inclusivas, comprometidas com a vida.

No giro de seus dez anos, o círculo fiandeiro desenhou percursos teóricos, acolheu texturas da prática, entreteceu pesquisa e formação, entrelaçou as vozes das infâncias com os saberes docentes pelas veredas da arte, transformando processos acadêmicos em uma tessitura viva de sonhos, afetos, reinvenção, resistências e afirmação de autorias, em perspectiva ética, política e estética.

Como um tempo de celebração da memória do que já foi bordado coletivamente, o 4º Seminário Rodas do FIAR foi desejado e alinhavado para ser um espaço-convite ao desassossego - do olhar e da escuta, do tato, do paladar e do olfato -, para aguçar a sensibilidade, para que o pensamento transborde o óbvio e a diferença se esparrame como dimensão constitutiva da beleza de ser e estar em comum união com todos os seres, terra, plantas, bichos e gentes, sem apagamentos ou silenciamentos. Como (desa)fio contínuo de descolonizar a estética para libertar *aisthesis*, o círculo fiandeiro vem cultivando o terreno acadêmico para o diálogo, dentro e fora da universidade, chamando a atenção para a relação da arte na formação docente para/com

as infâncias, pelas vias (auto)biográficas e narrativas - com cuidado, delicadeza, amorosidade e compromisso com a Educação Básica com as crianças, com suas educadoras e seus educadores.

Uma década de existência criativa e fecunda na Universidade Federal Fluminense, ramificada por interlocuções com tantas partes do Brasil, é motivo para festa, para agradecimentos e abraços! E para os festejos, para girar em confluência coletiva, pelas trilhas da programação proposta - com comunicações de relatos de pesquisa e de experiência da prática docente, conversações em roda, ateliês e uma exposição - toda a gente foi convidada: estudantes de graduação e de pós-graduação, docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, gente que faz pesquisa, que estuda e (con)fia outros mundos possíveis, com decência e boniteza, com as infâncias, na Educação Infantil, na formação e na prática docente.

Por isso, em sua quarta edição, o Seminário Rodas do FIAR, pela primeira vez abriu espaço para comunicações, ao modo de relatos de pesquisa e experiência da prática docente, organizadas em 3 eixos-fiações temáticos, que dialogam com os grandes temas que atravessam e constituem o trabalho fiandeiro, no ensino, na pesquisa e na extensão: Fiação 1 - Tramas da Formação de professoras(es) das infâncias, Fiação 2 - Tramas da Educação Infantil, Fiação 3 - Tramas da Educação e Arte.

Como resposta ao chamado-convite ao diálogo, recebemos 152 inscrições, dentre as quais, 78 com apresentação de trabalho, sendo: 28 na Fiação 1; 35 na Fiação 2 e 15 na Fiação 3. A capilaridade do FIAR revela-se na procedência dos trabalhos inscritos, que se ramificam por diferentes cidades do sudeste, centro-oeste e nordeste. São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Maranhão e Ceará são os estados presentes.

As temáticas que configuram as tramas dialógicas propostas para as rodas de conversação de trabalhos inscritos, são também matéria das três Conversações em roda, dinamizadas com a participação de professores-pesquisadores convidados: 1) Arte, infância e formação de professores em memórias fiandeiras, com as professoras da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenadoras do FIAR, Marta Maia e Luciana Ostetto; 2) Arte, pedagogia e formação docente para as infâncias, com o professor doutor Sidiney Peterson, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); 3) Educação Infantil, infâncias e políticas públicas, com a professora doutora Maria Aparecida Guedes Monção, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Sustentando o gosto e o princípio do fazer à mão, foram oferecidos 10 ateliês, que emergem como espaço-tempo de partilha e cultivo de saberes-fazeres no envolvimento com todos os sentidos, corpo inteiro e múltiplas linguagens.

Como um retrato dos sonhos sonhados, projetados e do campo arado, na pesquisa, no ensino e na extensão, também organizamos uma exposição - A matéria do tempo (con)fiada em memórias: 10 anos do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte - reunindo memórias do percurso de existência fiandeiro, marcadas em imagens e texturas, artefatos e poéticas, que com alegria e emoção são oferecidas em partilha à comunidade, neste tempo de festa e de celebração! A exposição foi acolhida pela Biblioteca Central do Gragoatá, em seu espaço cultural.

No ensejo das comemorações fiandeiras, compartilhamos com emoção e gratidão os resumos dos trabalhos, reunidos nestes Anais do 4º Seminário Rodas do FIAR, que está carregado do mais genuíno propósito de reacender o desejo, que faz mover a busca e renovar esperanças em atos. Assim, em mais uma volta de sua existência, com esse ato-celebração-publicação, o círculo de pesquisa FIAR lança ao mundo outros fios, matizados pela presença de toda a gente que chegou para celebrar com fiandeiras e fiandeiros.

Embarcado no carro alegre da história, como nos inspira a canção em epígrafe, o FIAR vai em frente, riscando trilhos, movimentando-se em coletivo, abrindo novos espaços, acenando seus braços, em abraços gentis, acolhendo quem também se coloca em movimento. Segue inventando novos modos de pensar-sentir-fazer educação, formação estética e docência com as infâncias.

O 4º Seminário Rodas do FIAR não estaria circulando se não fosse pela presença de você que desejou entrar na roda, que enviou seu trabalho para ser partilhado, que chegou para participar e festejar nos dias 17, 18 e 19 de novembro de 2026. Como a embalar o futuro que já vem, entre incertezas e um bocadinho de confiança, entoamos uma canção de agradecimento, por todas as relações fiadas.

Abraços fiandeiros.

Muito obrigada e até o próximo!

Comissão Organizadora

Niterói, primavera de 2026.

CONVERSAÇÕES EM RODA



AS INFÂNCIAS, AS IMAGENS E O CHÃO DA ESCOLA: POR UM ENSINO DE ARTES VISUAIS QUE DÊ LUGAR AO ESPANTO E AO MARAVILHAMENTO COMO EXPERIÊNCIAS

Sidiney Peterson F. de Lima
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Museu de Artes Universitário (MUnA/ufu)

Há um paradoxo vibrante que habita as salas de aula da contemporaneidade, qual seja, nunca as infâncias consumiram, produziram e fizeram circular, por si mesmas, por seus familiares, professoras(es) e/ou pessoas próximas tantas imagens e, ao mesmo tempo, como professores(as) nunca fomos tão desafiados(as) a compreender a complexidade dessas tantas imagens. As crianças de hoje não chegam à escola esvaziadas de referências visuais, elas trazem consigo um ecossistema estético vivo, povoado pelas lógicas dos jogos digitais, pelas narrativas fragmentadas das telas, pelos memes, pelas produções midiáticas e pelas poéticas de suas culturas locais e regionais.

Diante de tal realidade, nós, professores(as) que trabalhamos com artes visuais e culturas visuais nos deparamos com um chamado ético e estético: o trabalho com as imagens, em instituições educativas não pode ser planejado a partir da suposição de uma falta ou de um suposto analfabetismo do olhar, por parte das crianças, ao contrário, é nosso papel reconhecer a legitimidade dessas visualidades, estabelecendo o espaço educativo como território de diálogo e escuta, como lugar de (trans)formação dos modos como vemos, como somos vistos(as) e de como esses modos implicam na maneira como atuamos no mundo, desde as infâncias.

Para compreender a densidade dessa bagagem que nos fita no presente, faz-se necessário escutar os ecos da história e perceber que as imagens, de artes e culturas visuais, de diferentes épocas e lugares foram criadas e serviram como molduras normativas para disciplinar os corpos infantis. Durante séculos, a arte europeia e burguesa inventou enquadramentos para aprisionar as infâncias. A teologia visual desconhecia a especificidade anatômica e psicológica das crianças. Em iluminuras góticas e nas primeiras representações da *Virgem com o Menino*, a figura infantil era retratada sob a estética do *homúnculo*, ou seja, um adulto em miniatura com músculos definidos, feições severas, calvície aparente e vestes pesadas, indicando um sujeito já integrado à rigidez do mundo produtivo dos adultos.

Já no século XIX temos a concepção de *homúnculo* dando lugar ao *putto* (o querubim gordo e angelical) forjando o mito da pureza e da inocência romântica. Telas como *As Crianças Hülsenbeck* (1805) de Philipp Otto Runge, considerada uma obra-prima do período, retrata os filhos de um comerciante em tamanho real, brincando no jardim. Na imagem, ao invés da pose rígida tradicional, as crianças têm expressões vívidas, rostos expressivos e parecem integradas de forma quase divina à paisagem e às flores ao redor.

A tradição visual romântica operara de modo a negar a criança real como sujeito pleno de sua própria história. O resíduo dessa herança histórica e de suas imagens de controle ainda assombra os chãos da escola atual toda vez que oferecemos atividades estereotipadas, como desenhos prontos para colorir ou moldes rígidos de cópia, que insistem em domesticar o gesto e padronizar o imaginário, tentando substituir o repertório vibrante da criança por uma estética asséptica e disciplinada.

Na contemporaneidade, as crianças, desde muito cedo, subvertem esse lugar de mera espectadora e passam a atuar como coautoras de sua própria cultura visual. O desafio, portanto, não é banir as telas ou as imagens que as crianças trazem de fora da escola sob uma justificativa tecnofóbica, mas sim desacelerar o olhar.

Em um tempo marcado pelo fluxo ininterrupto de estímulos digitais e algoritmos desenhados para o consumo rápido, a velocidade corre o risco de transformar a imagem em mera mercadoria descartável. É nessa brecha que o ensino de artes visuais se levanta como uma poética da dissidência. Acolher o repertório visual da criança significa usá-lo como matéria-prima para o espanto, fazendo as perguntas que desnaturalizam o visível: *Quem inventou essa imagem? Quais corpos ela celebra e quais ela silencia? Como podemos remontá-la desde nossas próprias referências visuais?Que referências visuais as crianças levam à escola? O que queremos, nós professores(as) de artes, com as imagens na escola?*

As tentativas por respostas possíveis aos questionamentos apresentados precisam reconhecer as infâncias em sua pluralidade como primeiro passo para fraturar certas molduras de controle. Falar de infâncias, no plural, não é um mero preciosismo linguístico, mas um posicionamento político e metodológico fundamental para as professoras e professores de arte e pedagogas (os). Significa compreender que não existe "a infância" como um território universal, homogêneo e abstrato que, historicamente, partiu de uma idealização de criança branca, europeia e burguesa.

As infâncias são plurais porque são encarnadas e podem ser percebidas no cruzamento de marcadores de raça, classe, gênero, território e neurodiversidade. As infâncias são muitas e complexas: infâncias periféricas, rurais, ribeirinhas, indígenas, imigrantes, quilombolas, asiladas nas telas. Precisamos perceber e compreender que essas vidas se tecem e são urdidas em suas poéticas de diferentes contextos, então por que não valorizar essas diferenças no trabalho com imagens em sala de aula? Por que insistir numa curadoria que privilegia produções euro/estadunidenses e não latino-americana, quilombola, indígena, ribeirinha?

Em cada uma dessas infâncias podemos encontrar repertórios visuais marcadamente distintos, atravessados tanto por saberes ancestrais e comunitários quanto pelas indústrias da cultura pop e das mídias digitais. Assim, o ensino de artes visuais que se pretende emancipatório e decolonial não pode homogeneizar o ver imagens através de propostas unificadas ou expectativas lineares de desenvolvimento. O ensino de artes visuais precisa ser compreendido como acolhimento e fricção das imagens que trabalhamos em sala de aula, das imagens que as crianças levam para a sala de aula, compreendendo que cada criança produz imagens a partir do chão específico que seus pés habitam.

Uma pedagogia da arte comprometida com as infâncias plurais entende a criança como ser que ocupa espaços com seu corpo, com suas ideias, com suas referências visuais. O repertório visual não está guardado apenas na mente da criança, mas pode se traduzir na forma como a criança se coloca no espaço, como ela tateia o mundo, como utiliza os materiais no espaço de produção artística. Contra a imaterialidade excessiva do vidro do *tablet*, a sala de aula precisa ser um laboratório de constante pesquisa por parte do(a) professor(a) e das crianças, espaço onde o pixel pode dialogar com matérias vivas como a argila, o carvão, a casca da árvore, a tinta guache e o próprio corpo em performance. Ensinar e aprender artes visuais com as infâncias é garantir o direito ao risco, ao erro, ao borrão, à autoria sem moldes, ao espanto. Afinal, as crianças não desenham para passar o tempo, elas produzem imagens para fundar mundos próprios.

As infâncias são espanto e encantamento. A criança não olha apenas com os olhos. Ela olha com as mãos, com a boca, com o movimento inteiro de sua presença. Que nós, professores(as) de artes visuais, saibamos dar lugar ao maravilhamento em nossas salas de aula e que possamos assumir esse espaço de criação como território onde o tempo precisa desacelerar e as imagens deixarem de ser mercadoria para voltar a ser poesia, provocação, espanto.

Referências

BARBOSA, A. M.; LIMA, S. P. F. de. **Artes visuais na Educação Infantil a partir da abordagem Triangular**. São Paulo: Cortez, 2024.

BARBIERI, S. **Interações**: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

CALDERÓN, A. S. **La performatividad de las imágenes**. Santiago de Chile: Ediciones Metales Pesados, 2020.

MANNING, E. **O gesto menor.** São Paulo: GLAC edições, 2026.

PETIT, M. **Somos animais poéticos**: a arte, os livros e a beleza em tempos difíceis. São Paulo: Editora 34, 2024.

EDUCAÇÃO INFANTIL, INFÂNCIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS: EM DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS

Maria Aparecida Guedes Monção
Faculdade de Educação da Unicamp.

Quero a
utopia quero tudo e mais
Quero a felicidade dos olhos de um pai
Quero alegria muita gente feliz
Quero que a justiça reine em meu país
Milton Nascimento

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e sua constituição se deu a partir de mobilizações de movimentos sociais, especialmente o movimento de mulheres e de luta por creches entre as décadas de 1970 e 1980. As reivindicações desses movimentos juntamente com educadores e pesquisadores culminaram na inserção da creche ao lado da pré-escola no campo da educação na Constituição Federal de 1988, como direito das crianças e das trabalhadoras e trabalhadores com filhos/as de 0 a 5 anos e responsabilidade do Estado.

Os documentos normativos elaborados pelo MEC para a educação infantil, adotam a compreensão das crianças desde bebês como sujeitos de direitos e a infância como uma construção social e histórica. Tendo em vista a diversidade e as desigualdades presentes em nosso país é pertinente considerarmos as "infâncias" para não deixarmos de reconhecer as diferentes condições culturais, sociais e econômicas nas quais as crianças estão inseridas.

Nessa perspectiva, as instituições de educação infantil são consideradas como contextos coletivos promotores da socialização das crianças pequenas, em ação compartilhada de cuidado e educação entre as professoras e as famílias, em busca de promover o desenvolvimento integral da criança compreendendo-a como capaz de participar desde a mais tenra idade de seu processo de formação.

As políticas públicas de Educação Infantil bem como, as práticas pedagógicas desenvolvidas no interior das instituições, devem ter como sustentáculo os direitos fundamentais das crianças pequenas e a escuta permanente de suas expressões e manifestações.

Acolher, as expressões e sentimentos das crianças desde bebês e escutá-las em profundidade pressupõe o exercício da alteridade e a disposição permanente dos adultos em abdicar da dominação etária que exerce historicamente sobre a criança, e abrir-se para aprender com ela cotidianamente. Dalmo de Abreu Dallari e Janusz Korczak (1986), defendem o direito de a criança ser, pensar, sentir, querer, viver, sonhar e ser respeitada.

> Não há qualquer justificativa para obrigar a criança a agir contra seus sentimentos, querendo que ela se sinta melhor fazendo aquilo que os adultos preferem que ela faça. O respeito ao direito de sentir das crianças permitirá que elas cresçam de acordo com suas características e que consigam o pleno desenvolvimento de sua personalidade. (Dallari; Korczak, 1986, p. 45)

Ao tomar a criança como sujeito de direitos, conforme previsto na legislação brasileira e nos tratados internacionais dos quais o país é signatário, implica na constituição de políticas públicas para a infância que consideram o direito de as crianças expressarem suas opiniões em assuntos que as afetam, conforme consta no artigo 12 da Convenção Internacional da Organização Nacional das Nações Unidas sobre os direitos das Crianças.

> Os Estados Partes devem assegurar à criança que é capaz de formular seus próprios pontos de vista o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados a ela, e tais opiniões devem ser consideradas, em função da idade e da maturidade da criança. (Brasil, 1990)

Tendo em vista que os bebês e as crianças pequenas que frequentam as instituições de educação infantil, muitas vezes não tem como expressar e defender seus direitos nos espaços de decisões das políticas, as professoras podem assumir o papel de porta-vozes de suas necessidades e prerrogativas. Assim, torna-se imprescindível sua participação na definição, planejamento e implementação das políticas públicas, para possibilitar que as perspectivas infantis sejam reconhecidas e consideradas pelos gestores públicos.

Considerar os direitos e as necessidades das crianças nas políticas públicas é reconhecê-la como "um sujeito na política" (Qvortrup, 2010, p. 4) um ser que pensa e se manifesta por meio de múltiplas linguagens constantemente, e o adulto tem o papel

compreender suas linguagens e contribuir para sua formação integral.

De acordo com Qvortrup (2010) "[...] as crianças sempre tiveram um papel específico – a saber, o de matéria-prima para a produção da população adulta [....]" (p. 11). Segundo o autor a criança e a infância são historicamente consideradas como objeto para as políticas, servindo como "instrumentos para a produção de um bom adulto" ou para "o desenvolvimento do capital humano e da qualidade de uma futura força de trabalho" (p.12) em síntese "[...] crianças são parte de um projeto que faz delas a matéria para a construção do futuro [...]" (p. 16)

O uso instrumental da criança tem sido reforçado e naturalizado em nossa sociedade nas políticas públicas de cunho neoliberal, em que a presença marcante das fundações defensoras dos interesses do mercado financeiro incide sobre as definição e implementação e avaliação das políticas educacionais. No caso da educação infantil é possível constatar essa incidência nas mudanças nas políticas municipais de educação infantil que se contrapõe aos marcos regulatórios que garantiram o avanço da primeira etapa da Educação Básica.

O avanço das políticas neoliberais, refletiu na ampliação da oferta da educação infantil, por meio da privatização - vouchers, parceria público-privada -. Nos últimos quinze anos, vários municípios não investiram na construção de creches públicas, como no caso da cidade de São Paulo em que

> [...] a expansão do atendimento se deu na forma de convênios com instituições privadas, permitindo afirmar que a rede direta tem uma diminuição no seu atendimento a partir de 2012, permanecendo praticamente estável a partir deste ano e diminuindo a sua proporcionalidade de atendimento se comparada aos convênios. Percebe-se que esse foi o ano no qual atingiu a sua maior abrangência, com 60.621 matrículas. Após esse ano, as matrículas seguem oscilando, porém com atendimento sempre menor, se comparada à rede parceira. (Nascimento; Silva; Souza; Alencar, 2022, p. 8)

Tomando como exemplo a rede de ensino do município de São Paulo – que representa o movimento de muitas redes de ensino brasileira -, a ampliação da oferta por convênios promove desigualdades no atendimento às crianças e bebês, uma vez que as famílias não podem escolher a unidade em que seu/sua filho/a será matriculado. Quando a matrícula ocorre no Centro de Educação Infantil (CEI) público, a criança terá acesso a instituições planejadas para o atendimento educacional da primeira infância, contando com infraestrutura adequada e professoras com jornadas de 6 horas diárias e plano de carreira. Em contrapartida, nos CEIs conveniados, as instalações são, em grande parte, improvisadas e não oferecem condições adequadas para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas. Ademais, as professoras dessas instituições cumprem jornada de nove horas diárias, predominantemente sem plano de carreira e com remuneração inferior à das docentes que atuam na rede pública.

Outra forma em que os preceitos neoliberais afetam a Educação Infantil e promovem retrocessos desconsiderando a legislação vigente, é a contratação de profissionais somente com ensino médio, sem formação pedagógica, para atuar especialmente com a faixa etária de 0 a 3 anos, muitas vezes sem a presença de uma professora. Essa situação ocorre no país inteiro e negligencia o direito das crianças de serem cuidadas e educadas por professoras, com formação em Pedagogia, que ao longo de sua trajetória acadêmica acessaram conteúdos teóricos e experiências de estágios, necessárias para garantir um trabalho pedagógico de qualidade de acordo as especificidades das crianças desde bebês.

Não podemos desconsiderar que alguns municípios com poucos recursos financeiros acabam por ofertar a educação infantil com fragilidades e com profissionais sem formação, entretanto, consta na legislação a cooperação entre os entes federados para efetivar a educação básica pública que deve ser efetivada nessas situações. A omissão do Ministério da Educação é amplamente questionada por pesquisadoras e professoras que defendem o cumprimento do que está previsto no artigo 62 da LDB:

> A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Brasil, 1996)

Os preceitos neoliberais na educação infantil se expressam também na disseminação de propostas que estimulam o "Empreendedorismo e negócios de impacto social para a primeira infância" pautadas em uma visão economicista atribuem valor monetário a infância, estimulando investimentos como forma de promover ganhos a médio e longo prazo (Corrêa, 2020). Essas proposições são divulgadas pelas fundações empresariais

que se apoiam em pressupostos superficiais da neurociência para justificar a necessidade de investimentos nos anos iniciais da vida por considerá-los etapa fundamental na formação humana, desconsiderando toda produção de conhecimentos na área de educação que considera as dimensões humanas das crianças que não podem ser comparadas nem aproximadas a questões monetárias.

A concepção de criança e infância é nosso ponto de partida, e nosso ponto de chegada. Compreender a criança em sua singularidade, sem desconsiderar o contexto em que está inserida, é fundamental para defesa dos seus direitos e das suas vozes na elaboração das políticas de Educação Infantil.

Referências:

BRASIL. **Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990**. Promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 22 nov. 1990.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 17 out. 2026.

CORRÊA, B. C. A educação infantil sob a lógica do empreendedorismo e dos "negócios de impacto social". **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.36,2020.

DALLARI, Dalmo de Abreu; KORCZAK, Janusz. **O direito da criança ao respeito.** São Paulo: Summus, 1986.

Nascimento, A. P. S. do, Silva, C. N. de O., Souza, E. M., & Alencar, F. (2022). Creches Conveniadas e Compra de Vagas na Cidade de São Paulo: formas de privatização da Educação Infantil. **FINEDUCA - Revista de Financiamento da Educação,** v.12, 2022.

QVORTRUP, J. Infância e Política. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 141, p. 777-792, set./dez., 2010.

FIAÇÃO 1

Tramas da Formação de professoras(es) das infâncias



FIAR
Círculo de Estudo e Pesquisa
Formação de Professores, Infância e Arte

1.1
A DIMENSÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES DA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA

Débora Kelly da Silva

Ao assumir o cargo de Coordenadora Pedagógica na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, em 2021, deparei-me com um desafio recorrente nos processos de formação continuada: como promover o envolvimento das professoras nos momentos formativos de modo que estes se tornassem experiências significativas para as práticas pedagógicas? Minha trajetória nas áreas de Letras, Artes e Pedagogia, além das especializações em Arte-Terapia e Pedagogia Waldorf, sustenta minha compreensão da arte como um potente recurso de sensibilização e reflexão. Ao longo dos anos na coordenação pedagógica *em* Centros de Educação Infantil (CEI), busquei garantir que o Projeto Especial de Ação (PEA), desenvolvido anualmente, valorizasse a experiência estética e as vivências artísticas como elementos constitutivos da formação docente. Alguns dos projetos desenvolvidos foram “A Expressão pela Arte: múltiplos olhares na primeiríssima infância” e “A natureza como possibilidade de desenvolvimento das múltiplas linguagens”. Mesmo quando a arte não constituía o eixo central do estudo, as experiências artísticas eram incorporadas de forma contextualizada, por compreender que a formação precisa ultrapassar a dimensão teórica e reconhecer a experiência como parte fundamental da construção dos saberes profissionais. As reflexões apresentadas na obra “Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão”, de Luciana Ostetto e Maria Isabel Leite (2004), apontam a arte como experiência estética e cultural capaz de favorecer a autoria docente, ampliando o olhar sobre si, sobre as crianças e sobre o mundo. Outro fundamento importante foi o princípio da homologia de processos, discutido por Donald Schön, segundo o qual os professores aprendem de forma mais significativa quando vivenciam, em sua formação, experiências semelhantes às que poderão desenvolver posteriormente com as crianças. Assim, os encontros formativos articulavam estudo teórico, experimentação e reflexão. Com base nessas intencionalidades, procurava-se garantir que, ao menos uma vez por mês, os momentos formativos contemplassem uma vivência prática vinculada ao objeto de estudo, seguida de reflexão coletiva. A dimensão estética, inserida nos processos formativos, contribui para a constituição de docentes mais sensíveis, criativos e reflexivos. Os encontros com a arte, o brincar e a experimentação possibilitavam às professoras vivenciar modos de ser e estar no mundo característicos da infância, marcados pela curiosidade, pela investigação, pela descoberta e pela disponibilidade para criar. Ao se colocarem na condição de experimentadoras, ampliavam suas possibilidades de compreender as múltiplas linguagens infantis e de construir práticas pedagógicas mais sensíveis e autorais. Ao longo do processo, observou-se maior participação das professoras nas formações e o surgimento de práticas pedagógicas alinhadas aos conteúdos discutidos. A análise desse percurso evidencia a relevância da arte como dimensão constitutiva da formação.

Palavras-chave: Formação continuada; dimensão estética, autoria docente; homologia de processos; educação infantil.

Referências:

OSTETTO, L. E.; LEITE, M. I. **Arte, infância e formação de professores**: autoria e transgressão. Campinas: Papirus, 2004.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

1.2
ENCANTARIÊNCIAS

Michelle Dantas Ferreira
Edilane Oliveira da Silva
Adrianne Ogêda Guedes

É possível garantir à docentes das infâncias o direito a formações que tenham a arte, a educação estética (Duarte Jr.; 2000), o sonho (Freire, 2020a; Limulja, 2022; Ribeiro, 2022), o encantamento (Simas; Rufino, 2020; Rufino, 2021), o amor (hooks, 2021) e o respeito à inteireza dos corpos (Patzdorf, 2021) como pilares inegociáveis? Formações continuadas que aconteçam a partir de dentro das instituições (Imbernón, 2010) e sejam garantidas por políticas públicas? Formações que (re)encantem corpos docentes que estão sendo cada dia mais sobrecarregados e anestesiados? Estas são inquietações que nos acompanham no Doutorado em Educação, realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e no Grupo FRESTAS, que tem a formação docente como temática de pesquisa. Aqui, nos voltamos aos processos formativos propostos pelo Grupo de Pesquisa em 2024 e 2025, na oferta de dois cursos de extensão voltados à profissionais da rede pública municipal do Rio de Janeiro, realizados aos sábados, por 4h, na própria UNIRIO. No total, foram 25 encontros realizados de agosto de 2024 a novembro de 2025, pelas duas edições, abarcando cerca de 45 pessoas. Estas duas formações geraram uma gama de registros narrativos, que se materializaram em forma de palavras, imagens, vídeos, áudios, composições, que foram vividas e criadas de corpo inteiro. Uma formação que se propõe contracolonial (Bispo, 2023), encarnada e encantada (Rufino, 2021; 2023), tendo a arte, a educação estética, o sonho (Freire, 2020a), o cuidado, a escuta e o amor (hooks, 2021) como princípios inegociáveis, fundamentais e urgentes. Os materiais produzidos nestas formações e rodas de conversa posteriores com cursistas que atuaram nas duas formações, são campo de investigação destas pesquisas que concebem as formações como vitalizadoras da docência e mobilizadoras do potencial criativo e criador professoral, apostando que há uma tessitura nessa forma de construir conhecimento, que é germinadora de esperanças (Freire, 2020b) e semeadora de florescimentos; fiando possibilidades de fomentar o (re)encantamento dos corpos e atuar como uma frente de resistência ao projeto de sucateamento da educação, ao investir na potencialização das relações sensíveis que vão sendo tecidas nos tempos e espaços, nas práticas docentes e vivências estéticas que compõem uma cartografia-vida, permeada pelos processos e percursos educacionais. Assim, a pesquisa cartografa caminhos que ajudem a refletir, compreender e transformar as relações corporais e educacionais, tendo como premissa o cuidado (Patzdorf, 2021; Alice, 2025), a escuta atenta, o conhecimento como um processo individual e coletivo, o afeto como mobilizador, o esperançar, o sonho e o amor como pilares; compartilhando tramas da formação de professoras das infância na construção de políticas públicas de formação que mobilizem encantariências - experiências encantadas e encantantes.

Palavras-chave: Formação Docente; Arte; Educação Estética; Cartografia; Encantamento.

Referências:

ALICE, T. (Org.). **Poéticas do Cuidado**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2025.
DUARTE JUNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a.
FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.
HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Elefante, 2021.
IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
LIMULJA, H. **O desejo dos outros**: uma etnografia dos sonhos Yanomami. São Paulo: Ubu, 2022.
PATZDORF, D. **Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados**. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/52447603/PEQUENO_MANUAL_DE_AUTOCUIDADO_PARA_CORPOS_ESGOTADOS
RIBEIRO, S. **Sonho manifesto.** São Paulo: Cia das Letras, 2022.
RUFINO, L. **Vence-demanda:** educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.
RUFINO, L. **Ponta-cabeça:** educação, jogo de corpo e outras mandingas. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.
SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
SIMAS, L. A; RUFINO, L. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

1.3
ANTES DE SABER LER, JÁ SE LÊ? LITERATURA E FORMAÇÃO DOCENTE NO COTIDIANO DE UMA TURMA DE GREI 2

Isabella Coelho Figueiredo

Neste trabalho, relato uma experiência vivida em uma turma de GREI 2, com 17 crianças de 2 e 3 anos, em uma unidade de Educação Infantil da Rede Municipal de Niterói, em 2026, meu segundo ano após o retorno à Educação Infantil. A experiência nasceu das leituras literárias que realizo diariamente com o grupo e da observação dos modos como as crianças se relacionam com os livros. As leituras acontecem, geralmente, na primeira roda do dia, considerando os interesses da turma. Eu e as outras duas professoras também deixamos diferentes títulos disponíveis no livreiro da sala, entre contos clássicos, fábulas e livros que abordam questões raciais, para que as crianças possam manuseá-los e explorá-los. Um episódio com o livro A Bruxa do Breu, de Mari Brigido, chamou minha atenção. Apresentei o livro depois que as crianças passaram a cantar repetidamente uma música sobre uma bruxa, sua vassoura e seu caldeirão. A partir dessa e de outras experiências, fui percebendo que as crianças contavam narrativas pelas imagens, reconheciam livros pelas capas, atribuíam títulos às obras e demonstravam conhecer aspectos relacionados à autoria. Esses acontecimentos me fizeram pensar sobre como as crianças pequenas constroem relações com os livros antes da leitura convencional e sobre o que esses modos de ler podem ensinar à professora. A experiência é pensada a partir de Salutto (2022), ao discutir as interações entre adultos, bebês e livros, e de Micarello e Baptista (2018), ao abordarem a literatura na Educação Infantil e a formação docente. Para acompanhar o cotidiano, observei e registrei situações vividas nas rodas de leitura e em outros momentos de contato com os livros, considerando as escolhas, os gestos, as narrativas e as formas de participação das crianças. Ao acompanhar esses movimentos, passei a valorizar ainda mais a leitura deleite no início do dia e a considerar os interesses do grupo na escolha das obras. Em alguns momentos, também passei a organizar situações de encontro com os livros durante o acolhimento. A experiência me fez perceber que as crianças pequenas constroem modos próprios de ler, narrar, imaginar e participar das experiências literárias, mesmo sem dominar a leitura convencional. Ao mesmo tempo, essas observações transformaram meu modo de olhar para a literatura e para a docência. Fui aprendendo a escutar com mais atenção aquilo que as crianças comunicam por diferentes linguagens e a reconhecer que a literatura pode ocupar um lugar cotidiano na Educação Infantil. Nesse movimento, compreendi também que, enquanto acompanho as crianças em seus encontros com os livros, elas também me ensinam a ser professora.

Palavras-chave:Literatura infantil; crianças pequenas; leitura literária; formação docente; Educação Infantil.

Referências:

SALUTTO, N. “Será que é mágica”?: ponderações sobre interações entre adultos, bebês e livros. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 24, 2022.

MICARELLO, H.; BAPTISTA, M. C. Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 169-186, nov./dez. 2018.

1.4
BERÇÁRIO: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR NA BUSCA PELO DESEMPAREDAMENTO

Vanessa Kelly Delfino do Nascimento

A educação infantil constitui a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade promover o desenvolvimento integral dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, assegurando-lhes experiências que respeitem seus direitos de brincar, explorar, participar, conviver, conhecer-se e expressar-se. Nesse contexto, os espaços educativos assumem papel fundamental, pois são capazes de potencializar aprendizagens e interações. O trabalho docente no berçário é marcado por desafios relacionados às condições de trabalho e às exigências físicas e emocionais que cercam a profissão. Pensar nos profissionais que se relacionam com os bebês e crianças bem pequenas nos berçários diariamente é de suma importância, visto que as demandas são muitas e os cuidados com cada um deles fica despercebido. Entre os desafios que os profissionais enfrentam destaca-se a promoção do desemparedamento, garantindo, aos bebês e às crianças bem pequenas, o acesso aos diferentes ambientes que compõem a creche, dentre eles, as áreas externas. Ao assegurar esse direito, o professor fortalece práticas pedagógicas comprometidas com o desenvolvimento integral das crianças e com a efetivação dos princípios da educação infantil de tornar rotina, o que só acontece de forma esporádica como é o caso do acesso dos bebês e crianças bem pequenas aos pátios. Uma mudança de comportamento e de planejamento se faz necessária para compreender que isso é um direito estabelecido pela lei e que realizá-lo é indiscutível. O relato de experiência de um dia letivo com festividade interna, realizada na creche, evidenciou as potencialidades que essa possibilidade traz, sobretudo, quando se trata do espaço externo. Na ocasião, foi possível observar o envolvimento das crianças em diferentes experiências, estabelecendo relações entre pares de diferentes idades e com diversos profissionais da instituição. A festividade revelou que a saída da sala referência é viável, quando há colaboração entre os profissionais da unidade, demonstrando que a circulação por outros ambientes também pode se tornar uma prática cotidiana. Dessa forma, o episódio reforça a necessidade de organização institucional e de um compromisso coletivo para garantir o direito das crianças e dos professores de vivenciar diferentes espaços da creche, ampliando oportunidades de desenvolvimento e aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Infantil; Professor; Espaços.

Referências:

BARBOSA, M. C. As especificidades da ação pedagógica com bebês. 2010. Disponível em:https://amavi.org.br/arquivos/amavi/areas-tecnicas/educacao-desporto/freiavi/2014/As_Especificidades_da_Acao_Pedagogica.pdf. Acesso em 4 out. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). **Diretrizes Curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, . **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf. Acesso em 10 out.

1.5
MODOS DE REGISTRAR A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRATIVAS DOCENTES

Miriam Nogueira de Maltos

A pesquisa aqui apresentada (Maltos, 2025), desenvolvida no âmbito da Linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos (LCPF), no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, e vinculada ao Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR), propõe o encontro-diálogo com professoras de Educação Infantil sobre o registro da prática pedagógica. O registro e a documentação pedagógica, conceitos basilares da fundamentação teórica e da interpretação dos dados da pesquisa, são estudados na perspectiva de sua compreensão aprofundada, cotejando referenciais nacionais e internacionais (Reggio-Children, 2021; Edwards; Gandini; Forman, 1999; Freire, 2023; Warschauer, 2017; Ostetto, 2018). Considerando o encontro como espaço polifônico, que fertiliza tempos de rememoração, reflexão e avaliação sobre a jornada de vida-formação-prática docente, tomou-se a entrevista narrativa (Jovchelovitch; Bauer, 2002) como inspiração para criar um lócus de compartilhamento de experiências e produção de relatos (auto)biográficos, tentando superar o esquema pergunta-resposta de entrevistas clássicas. As questões que impulsionaram a investigação - Como as professoras concebem e praticam o registro, na dinamicidade institucional? Qual o tempo-espaço que possuem para registrar? Onde aprenderam a registrar? O que dizem sobre registro e documentação pedagógica? -, pautaram os encontros, configurados no marco teórico-metodológico da pesquisa narrativa (auto)biográfica (Delory-Momberger, 2012; Josso, 2004; 2007; 2014 e 2009; Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015; Passeggi, 2008; entre outros). Neste marco, a ação de dialogar com as professoras de Educação Infantil também mobilizou a pesquisadora a partilhar seus percursos como docente que faz do registro uma possibilidade de tecer memória e história. Desta maneira, o material (auto)biográfico foi (a)colhido por meio da abertura à escuta sensível (Rinaldi, 2016) das experiências - da pesquisadora e de outras duas professoras, que participaram das entrevistas narrativas. Realizadas em momentos e lugares distintos com cada uma das participantes, as entrevistas foram gravadas, transcritas e textualizadas. A leitura atenta, pausada e cuidadosa das narrativas, permitiu o aprofundamento e refinamento do olhar em repetidos processos de releitura, tal como indicado na base teórico-metodológica assumida. Assim, buscou-se tecer diálogos pelas vias interpretativas, para capturar sentidos, mapear caminhos trilhados com o registro no cotidiano educativo e dar a conhecer concepções e modos próprios de registrar.

Palavras-chave: Registro; Documentação Pedagógica; Educação Infantil; Práticas docentes; Narrativas (Auto)biográficas.

Referências:

JOSSO, M-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v. 30, n. 63, p; 413-438, 2007.

JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, M. W. A entrevista narrativa. In: Bauer, M. W. & Gaskell, G. **Pesquisa Qualitativa com texto imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

MALTOS, M. N. de. **Modos de registrar a experiência pedagógica na Educação Infantil**: Narrativas docentes. 2025. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2025. Disponível em:https://app.uff.br/riuff/handle/1/40230

OSTETTO, L. E. (Org.). **Registros na educação infantil:** pesquisa e prática pedagógica. Papirus Editora, 2018.

PASSEGGI, M. C. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T.M.N. (Orgs.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2008 (p.27-42).

REGGIO-CHILDREN. A**s cem linguagens em mini-histórias:** contadas por professores e alunos de Reggio Emilia. Escolas e creches da infância de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2021.

RINALDI, C. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.). **As cem linguagens da criança:** a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016.

1.6
OLHARES SENSÍVEIS NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS NA EMEI: FORMAÇÃO DOCENTE E INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA

Eliane Coimbra Aradi

Esta pesquisa aborda a organização dos espaços na Educação Infantil, compreendendo-os como uma dimensão pedagógica que expressa concepções de infância, de educação e de prática docente, influenciando as interações, as brincadeiras e as aprendizagens das crianças. O estudo nasce das inquietações construídas ao longo da trajetória da pesquisadora como professora da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, diante das diferentes formas de organização dos ambientes educativos e de seus impactos nas experiências infantis. Teve como objetivo compreender de que maneira a formação docente pode contribuir para a reflexão, a ressignificação e a qualificação da organização dos espaços em Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), potencializando as experiências e as aprendizagens das crianças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem narrativa autobiográfica, fundamentada na análise de experiências vividas pela pesquisadora em diálogo com referenciais teóricos sobre infância, espaços educativos e formação docente. O estudo fundamenta-se em autores como Malaguzzi (1999); Edwards, Gandini (1999); Friedmann (2012), Barros (2015), Ostetto (2000), além de documentos oficiais, como as DCNEI (2010), o Currículo da Cidade de São Paulo (2019) e os Padrões Básicos de Qualidade da Educação Infantil Paulistana (2015). Os resultados evidenciam que a organização intencional dos espaços favorece a autonomia, o protagonismo infantil, as interações, a exploração e a construção de aprendizagens significativas, enquanto práticas marcadas por concepções adultocêntricas tendem a restringir as experiências das crianças. Conclui-se que a formação docente constitui elemento essencial para ampliar a sensibilidade e a intencionalidade pedagógica na organização dos ambientes educativos, reconhecendo o espaço como parte constitutiva do currículo e das experiências da infância.

Palavras-chave: Educação Infantil; organização dos espaços; formação docente; intencionalidade pedagógica; narrativa autobiográfica.

Referências:

BARROS, M. de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BRAGANÇA, I. F. de S. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB no 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/CNE, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

CEPPI, G.; ZINI, M. (org.). **Crianças, espaços, relações:** como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2013.

COCITO, R. P.; MARIN, F. A. D. G. A ação docente e a organização dos espaços na educação infantil. In: A**nais do VI Congresso Nacional de Formação de Professores e XVI Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores**. UNESP, 2024. Disponível em: https://eventos.reitoria.unesp.br/anais/vicnfp-xvicepfe/738034-a-acao-docente-e-a-organizacao-dos-espacos-na-educacao-infantil/ . Acesso em 26/04/2026 às 20h16.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 1999.

FRIEDMANN, A. **O brincar na Educação Infantil:** observação, adequação e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p.20-28, jan./abr. 2002.

MALAGUZZI, Ls. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 1999.

MORAIS, J. de S.; MACEDO, J. R. M. Cartas narrativas como dispositivo de formação docente: diálogos e deleite com emoção. **Revista Cocar**, Belém, Edição Especial.

1.7
A LENTE DO OUTRO: TECENDO OLHARES PARA AS PRÁTICAS EDUCATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ESCOLA MATERNAL E CRECHE VOTORANTIM

Maria Clara Coimbra Garcia

A presente pesquisa insere-se no campo da História da Educação Infantil e investiga a constituição histórica da Escola Maternal e Creche Votorantim entre os anos de 1925 e 1935, período correspondente à criação e institucionalização do estabelecimento. A instituição destaca-se historicamente por representar uma das pioneiras experiências no Brasil relativas ao estabelecimento de um convênio entre o Estado e as Indústrias. Este trabalho deriva da pesquisa de Mestrado apresentada em 2025 junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Carlos, Campus Sorocaba, intitulada "Escola Maternal e Creche Votorantim: concepções pedagógicas e práticas pedagógicas de 1925 a 1935". A trajetória metodológica orientou-se pelos eixos de analisar, mapear, observar e identificar, buscando compreender como as práticas educativas e formativas direcionadas a docentes e crianças se constituíram no início do século passado. De caráter histórico-bibliográfico, o estudo fundamenta-se em uma abordagem com multiplicidade de fontes documentais tratadas segundo suas especificidades, com centralidade no exame dos registros e anotações dos termos de visita dos inspetores escolares produzidos entre 1925 e 1935. Para embasar a análise das fontes históricas e compor o cenário da época, a investigação articulou-se ao referencial teórico da história da infância e da educação infantil de Tizuko Morchida Kishimoto (1988, 2014, 2014a), Sonia Kramer (1994), Moysés Kuhlmann Jr. (2001) e Maria Walburga dos Santos (2005), somado aos aportes historiográficos de Jacques Le Goff, Roger Chartier (1990) e Boris Kossoy (2001). O exame do corpus documental revelou a atuação de Joana Grassi Fagundes, ex-diretora da Escola Caetano de Campos na capital paulista, designada como inspetora especial de Escolas Maternais para atuar na fiscalização, implementação e organização de instituições no interior paulista. Em um período em que a formação docente se limitava ao magistério e ao preparo focado na alfabetização, a análise de seus registros evidenciou uma sensibilidade apurada para as práticas educativas e a necessidade de um preparo docente específico para o trabalho com as crianças em Creches, Escolas Maternais e Parques Infantis. Desenvolvendo uma prática orientadora diferenciada, a inspetora frequentava as salas de aula, dialogava com as professoras e introduzia orientações pautadas nos princípios das pedagogias Froebeliana, Montessoriana e Decroliana, promovendo um novo olhar sobre a forma de conhecer e compreender as infâncias. A interlocução e o tratamento integrado das fontes históricas permitiram reconstruir o panorama de fundação da Escola Maternal e Creche Votorantim, bem como mapear os primeiros indícios de uma formação docente voltada à Educação Infantil no início do século XX. A análise das anotações de inspeção evidenciou que, mesmo diante de um cenário de formação tradicional centrado na alfabetização escolar, emergiram propostas pioneiras de orientação pedagógica comprometidas em conhecer e respeitar o universo da criança.

Palavras-chave: Educação Infantil; Formação de Professores; Escola Maternal e Creche Votorantim; Joana Grassi Fagundes; História da Educação

Referências:

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

KISHIMOTO, T. M. **A pré-escola em São Paulo**: das origens. 1988. 348 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 2014a.

KISHIMOTO, T. M. **Práticas pedagógicas da professora Alice Meirelles Reis**: 1923-1935. São Paulo, 2014.

KOSSOY, B. **Fotografia & história**. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

KUHLMANN JR., M. **Infância e educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SANTOS, Maria W**. Educadoras de parques infantis em São Paulo:** aspectos de sua formação e prática entre os anos de 1935 e 1955. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – São Paulo, 2005.

1.8
NAS VIAS DA DIMENSÃO BRINCANTE, DIÁLOGOS ENTRE A BRINCADEIRA POPULAR E FORMAÇÃO DOCENTE COM AS INFÂNCIAS, A PARTIR DO COCO DE RODA

Mariana Soares Dantas

A temática e as questões que aqui apresento, advém de pistas e perguntas fertilizadas na dissertação de mestrado (Dantas, 2026), desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF-Niterói, que contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001. Vivamente produzida com brincadeira, fruição, desenhos, poesias, pinturas, encantamentos, no entrelaçamento de pressupostos teórico-metodológicos referenciados nas abordagens narrativas e (auto)biográficas, em diálogo com Benjamin (1994, 2013), Josso (2007), Ostetto e Kolb-Bernardes (2015), Ostetto (2016), Nóvoa e Finger (2014), Guedes e Ribeiro (2019), Munduruku (2005), Adichie (2019) entre outras vozes-ideias, naquela pesquisa fui ao encontro de professoras das infâncias, que se fizeram testemunhas/narradoras, para escutar suas histórias de vida, formação e atuação docente com brincadeira. Neste movimento, pude pensar teoricamente a dimensão brincante como uma "atitude contra-hegemônica com/no mundo, atravessada pelas artes, pela sensibilidade e pela boniteza; cultivadora de tempos circulares, espiralados, esferoidais e lentos; aberta à criação, ao improviso, à curiosidade e à fruição". (Dantas, 2026, p. 167). O foco principal da dissertação foi pensar a relação cultural das pessoas adultas com o brincar, especialmente daquelas que atuam como professoras na Educação Infantil e, dentre os achados, argumento que, para garantir o direito de brincar das crianças em creches e pré-escolas, conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil -DCNEI (Brasil, 2009), é condição essencial que a pessoa adulta-professora olhe para a própria dimensão brincante - na vida, na escola, com as crianças, com o mundo ao redor. Como potencializar essa dimensão no âmbito da docência? Além das indicações de que não há caminho linear ou prescritivo para acionar a dimensão brincante - pois cada pessoa-docente vive a brincadeira e o brincar, a seu modo, ao longo de toda a vida, de forma mais ou menos intensa, com apatia ou vibração, estesia ou anestesia -, uma possibilidade se anunciou: as manifestações artístico-culturais populares brasileiras, também chamadas de brincadeiras e folguedos. É deste núcleo anunciado que atualmente semeio um caminho na pesquisa de doutorado recém-iniciada. Aproximando-me ainda mais das manifestações artístico-culturais-brincantes contra-hegemônicas das classes populares no Brasil, tenho por objetivo mapear os saberes educativos singulares que emergem na brincadeira popular coco de roda, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Desde essa projeção, pretendo identificar contribuições à formação docente para a atuação com as infâncias.

Palavras-chave: Narrativas (auto)biográficas; Dimensão brincante; Brincar e formação docente; Brincadeira popular; Educação Infantil.

Referências:

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I -** Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única:** Infância berlinense-1900. Belo Horizonte : Autêntica, 2013.

BRASIL. **Resolução no 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. D.O. da União, Brasília, 2009.

DANTAS, M. S. **"Na minha cabeça, eu tenho que me reconectar com minha infância para ser uma professora"**: A dimensão brincante na docência da Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). UFF. Niterói, 2026.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. Revelar-se ou ocultar-se? Apontamentos para pensar uma pesquisa educativa. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T.(Orgs). **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

JOSSO, M-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação e Realidade**, v. 63, Porto Alegre, n. 3, p. 413- 438, set/dez. 2007

MUNDURUKU, D. **Antologia de contos indígenas de ensinamento**. São Paulo: Moderna, 2005.

NÓVOA, A.; FINGER, M.. (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação.** Trad. Mária Nóva. - 2a. ed. - Natal, RN: EDUFRN, 2014.

OSTETTO, L. E.; KOLB-BERNARDES, R.. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, v. 26, n.1 (76), p. 161- 178, jan./abr. 2015.

OSTETTO, L. E. Fazer à mão para falar de si: a dimensão estética na formação e nas narrativas de professores. In: MONTEIRO, F. de A.; NACARATO, A. M.; FONTOURA, H. A. de. **Narrativas docentes, memórias e formação**. Curitiba:CRV, 2016. (p.143-159).

1.9
SERÁ QUE A TERRA SENTE? - ENTRE LITERATURA E GRAFISMOS, PROFESSORES(AS) DAS INFÂNCIAS (RE)PENSAM A RELAÇÃO HUMANIDADE-NATUREZA

Thays Pereira Martins
Kerolayne Martins Severo
Weverton Fernandes Cardoso
José Firmino De Oliveira Neto

Em tempos de emergência climática/planetária urgimos o diálogo acerca da relação humanidade-natureza, como fresta para (re)constituição de um sujeito ecológico, que é pertencente à teia de relações sociais, naturais e culturais (Carvalho, 2017). Quanto aos professores(as) das infâncias, suscitamos a (re)construção de uma identidade ambiental pautada na concepção de Educação Ambiental Crítica que vivifique "[...] uma formação político-filosófica para além do instrumental técnico/metodológico" (Martins; Schnetzler, 2018, p. 585), constituindo "[...] uma liderança apta a contribuir na construção de ambientes educadores críticos e a criar condições de resistência e de superação da racionalidade dominante [...]" (idem). E que nessa perspectiva, mobilize com as crianças desde bebês em territórios de Educação Infantil propostas pedagógicas orientadas pela indissociabilidade entre criança-natureza. Nesses meandros, orientados pelos estudos do Circularis - Círculo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Literaturas e Ciências da Natureza, realizamos o ateliê "Será que a terra sente?" no tempoespaço da disciplina de "Infâncias em situações de emergência planetária", na especialização em "Docência na Educação Infantil" (MEC/UFPI/UFG). Assim, ao modo de um relato de experiência, objetivamos (re)pensar as marcas que ousaram ficar nos professores(as) das infâncias após o ateliê. A proposta foi realizada mediante os seguintes movimentos: 1) recepção dos(as) 17 professores(as) no espaço devidamente ambientado, seguido de cantiga com a música "Sabiá lá na gaiola"; 2) proferição da obra "Será que a terra sente?", de Marc Majewski; 3) roda de conversação literária baseada no enfoque Diga-me (Chambers, 2023); 4) produção de desenhos a partir da questão: "Que planeta queremos agora"? e 5) apresentação/diálogos dos desenhos produzidos. O ateliê permitiu que professores(as) presentes mobilizassem reflexões sobre suas concepções de natureza e meio ambiente, o que, por sua vez, ficou evidenciado na roda de conversação literária e nos desenhos (re)elaborados. Quanto à conversação literária os(as) professores(as) compartilharam seus entusiasmos, desconcertos, dificuldades na construção dos sentidos e conexões com a vida-docência. Já os desenhos, ao permitirem os(as) professores(as) novo vínculo com a produção artística, materializaram uma reflexão sobre/com o meio ambiente caminhante para uma perspectiva de Educação Ambiental Crítica, ao passo que ao reconhecer conflitos, também lançou luz acerca de novos/oportunos movimentos coletivos para viver-saber com a natureza na vida-Educação Infantil. Afinal, o ateliê "[...] reacende sentimentos e emoções, nos transportam para outros lugares e abre a nossa mente para também pensar em momentos com as crianças" (Professora 4). Por fim, apontamos a urgência de espaços de criação/experimentação na formação de professores(as) das infâncias que na relação com a arte, a natureza e a cultura, problematizem a relação humanidade-natureza.

Palavras-chave: Formação continuada; Professores(as) das infâncias; Relação Humanidade-Natureza; Ateliê.

Referências:

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2017.

CHAMBERS, A. **Diga-me**: as crianças, a leitura e a conversa. São Paulo: Cortez, 2023.

MAJEWSKI, M. **Será que a terra sente?** São Paulo: Pequena Zahar, 2023.

MARTINS, J. P. A.; SCHNETZLER, R. P. Formação de professores em educação ambiental crítica centrada na investigação-ação e na parceria colaborativa. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 24, n. 3, p. 581-598, 2018.

1.10
LITERATURA, FORMAÇÃO ESTÉTICA E CULTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA COM PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Victor da Penha Miranda
Analice de Oliveira Martins

Este estudo apresenta e reflete sobre uma experiência de formação continuada desenvolvida com professoras da Educação Infantil da rede municipal de ensino de Campos dos Goytacazes - RJ, tendo como base as relações entre a literatura, a formação estética e cultural das crianças. A experiência partiu da inquietação acerca dos modos como a literatura vem sendo inserida no cotidiano da Educação Infantil e da necessidade de tensionar perspectivas que a reduzem a recurso meramente didático, desconsiderando sua dimensão artística, estética e cultural. Objetivou-se promover, com base na vivência das professoras, espaços de reflexão e experiência com a literatura, discutindo suas possibilidades como manifestação artística e, também, como elemento constitutivo da formação cultural das crianças, assim como problematizar o papel docente na mediação das experiências literárias. O referencial teórico fundamentou-se, entre outros, nas contribuições de Antonio Candido (2011), ao compreender a literatura como dimensão da experiência humana e direito social; de Felipe Minuta (2024), no que se refere à formação do leitor, à educação literária e à mediação; e de Michèle Petit (2024), a partir de suas reflexões sobre leitura, subjetividade, construção de si e experiência cultural. Metodologicamente, configura-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, elaborado a partir dos encontros formativos - em formato híbrido - realizados com o grupo de professoras. As ações envolveram leitura e discussão de textos teóricos e literários, apreciação e análise da qualidade das obras selecionadas, vivências de leitura e reflexão sobre práticas de mediação literária na Educação Infantil, favorecendo a compreensão da leitura literária como experiência de fruição, imaginação, produção de sentidos e alargamento dos repertórios culturais. Conclui-se que a formação continuada de professoras para a mediação literária demanda não apenas conhecimentos sobre obras e estratégias pedagógicas, mas experiências efetivas de leitura e reflexão sobre o próprio ato de ler, uma vez que a formação das crianças como sujeitos leitores encontra-se profundamente relacionada às experiências, escolhas e mediações oferecidas pelos adultos que as acompanham.

Palavras-chave: Literatura, Educação Infantil, Cultura.

Referências:

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

MUNITA, F. **Eu, mediador(a)**: mediação e formação de leitores. São Paulo: Selo Emilia, 2024.

PETIT, M. **Somos animais poéticos**: a arte, os livros e a beleza em tempos de crise. São Paulo: Editora 34, 2024.

1.11
O PLANEJAMENTO DOCENTE COMO GESTO CRIADOR: NARRATIVAS DE PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Laís Vilela Gomes

A pesquisa, em desenvolvimento no Doutorado em Educação no PPGEDU/UFF, nasce das inquietações vividas no cotidiano da Educação Infantil, no exercício da coordenação pedagógica na rede municipal de São Paulo. Nasce, sobretudo, do encontro com as professoras e dos modos como seus saberes-fazeres se ressignificam entre aquilo que é prescrito e aquilo que é exercido como ato de criação docente. Interessa-me escutar e (a)colher o que acontece no entrelugar: os desvios, escolhas, intenções, sentidos e (re)existências quando as professoras planejam o cotidiano, compreendendo o trabalho pedagógico como ação de um sujeito-pessoa: professora e/ou professor que (re)cria, (re)inventa e (re)produz modos de fazer-ser, na docência. A pergunta que guia essa investigação busca compreender: como professoras da Educação Infantil concebem e praticam o planejamento pedagógico do cotidiano e o que narram sobre limites e possibilidades para uma experiência de criação-invenção em 5 contextos atravessados por prescrições institucionais? Tem como objetivo geral: (A)colher narrativas docentes sobre modos de pensar-praticar o planejamento pedagógico na Educação Infantil, mapeando possibilidades de experiência de criação-invenção em meio às prescrições institucionais que atravessam seus saberes fazeres. E como específicos: a) Investigar os sentidos atribuídos pelas professoras ao planejamento; b) Identificar marcas de autoria e criação nos modos de planejar narrados pelas professoras; c) Analisar como as prescrições institucionais são apropriadas, tensionadas e/ou reinventadas pelas professoras; d) Mapear condições que favorecem ou limitam práticas de criação-invenção no planejar e desenvolver o planejado. O percurso metodológico inspira-se em uma “metodologia errante” (Ostetto, 2019), movida pelo desejo de caminhar com os sujeitos, para com eles criar, experimentar, questionar, reinventar e mobilizar sentidos, por meio de linguagens diversas. Ao pretender pesquisar com professoras, colocando-me à escuta sobre suas experiências educativas de planejar, na docência vivida junto às infâncias, retomo a companhia de autores-pesquisadores, estudiosos das abordagens narrativas (auto)biográficas (Bragança, 2016; 2018; Guedes e Ribeiro, 2019; Ostetto, 2019; Passeggi, 2010), que embasaram minha pesquisa de mestrado. Serão realizados círculos de escuta-conversa (Ribeiro; Sampaio, 2018) com professoras de Educação Infantil, compondo um espaço-tempo de partilha, escuta sensível e produção de sentidos acerca de seus saberes-fazeres referentes ao planejamento na Educação Infantil. A pesquisa vislumbra a possibilidade de encontrar, nas narrativas docentes, brechas onde o planejamento deixa de ser somente tarefa burocrática e se constitui como espaço de criação e (trans)formação, afirmando o planejamento como gesto vivo, sensível e autoral, no qual a docência se (re)inventa no encontro com as infâncias.

Palavras-chave: Planejamento docente; Processos criativos; Educação Infantil; Narrativas (auto)biográficas; Dimensão estética.

Referências:

ALBÁN ACHINTE, A. **Prácticas creativas de re-existencia**: más allá del arte - el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2017.

BRAGANÇA, I. F. de S.; ABRAHÃO, M. H. M. B.; FERREIRA, M. S. (org). P**erspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016.

FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**: relatos de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, M. **Educador, educa a do**r. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (org). **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayu, 2019.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo. Cortez, 2004.

OSTETTO, L.E. O planejamento pedagógico na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando experiências de estágio. Campinas-SP: Papirus, 2000, p. 175-200.

PROENÇA, M. A. **O registro e a documentação pedagógica:** entre o real e o ideal - o possível. São Paulo: Panda Educação, 2021.

RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C. S.(Org.) **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

1.12
TRANS-BORDAR: ENTRE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E PRINCÍPIOS QUE ATRAVESSAM O VIVIDO COM AS INFÂNCIAS

Alessandra Menck Machado de Almeida

A dissertação que trans-borda este trabalho é uma trama de muitos fios e, neste resumo, alguns são novamente puxados: os das experiências formativas narradas por quatro professoras da Educação Infantil do município de Votorantim/SP. De abordagem qualitativa e inspiração narrativa e (auto)biográfica, a pesquisa foi realizada no PPGEd-So/UFSCar, sob orientação da professora Dra. Maria Walburga dos Santos. Esses fios passam também pela minha trajetória de vida e formação. Experiências que não se apartam das inquietações que conduzem a pesquisa: como nos tornamos e nos formamos para estar com as infâncias? Em com-tato com singulares vozes, busco compreender como as experiências formativas de professoras atravessam os modos de estar com as crianças e de viver as práticas educativas, em interface com os princípios éticos, políticos e estéticos das DCNEI (Brasil, 2009). No centro desse movimento, está o conceito de experiência, marcador teórico e modo de habitar a pesquisa. Substanciada em Larrosa (2015), Dewey (2023) e Benjamin (1987), é compreendida como o que nos acontece, nos faz pensar, tremer e buscar expressão, gestada no tempo, na presença sensível e nos encontros. Em diálogo com Delory-Momberger (2008; 2011), Josso (2006; 2010), Ostetto (2021; 2023), reconhece a formação como processo histórico, narrativo, sensível e inseparável da vida. As narrativas foram acolhidas em perspectiva compreensiva-interpretativa (Souza, 2014). Os ambientes de escuta foram compostos por fotografias, objetos e materiais múltiplos, como disparadores narrativos sensíveis e possibilidades expressivas para além da palavra. Ao escutá-las, ao tocá-las, a pesquisadora também é tocada. Nesse emaranhado vivo de afetos, a pesquisa trans-bordou em tons e nuances, e nasceram Riacho, Chuva, Aurora e Névoa, nomes pelos quais as presenças narrativas são apresentadas. Delas, emergem rastros de experiências que atravessam a docência e se inscrevem nos modos de compreender as crianças e viver os cotidianos. Histórias que fluem pelas margens da escassez, pelas interdições raciais e dores silenciadas, mas também pelas brincadeiras, conquistas, sonhos. Histórias singularmente vividas que revelam também dimensões coletivas e condições estruturais que marcam vidas. Os princípios das DCNEI atravessam as narrativas nos modos de olhar as crianças, organizar tempos e espaços, sustentar a escuta, o brincar, e reconhecê-las como sujeitos de direitos e produtoras de cultura. Revelam, simultaneamente, fissuras, tensionamentos, contradições e apropriações que marcam o cotidiano da Educação Infantil. O “trans-bordar”, que nomeia a dissertação, inscreve-se como gesto epistemológico: trans-bordar bordas entre educação e vida, rigor e sensibilidade, trazendo os pontos e os nós imbricados nas cores e tons vividos com as crianças e derramando-se por possibilidades outras de ver, sentir, narrar e compreender a formação docente.

Palavras-chave: Educação Infantil; Experiências formativas; Narrativas (auto)biográficas; DCNEI; Infância.

Referências:

BRASIL. **Resolução CNE/CEB no 5, de 17 de dezembro de 2009.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**. São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1., p. 333-346, abr. 2011.

DEWEY, J. **Experiência e educação.** Petrópolis: Vozes, 2023.

JOSSO, M-C. **Caminhar para si**. Trad. A Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, M-C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, 2006.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

OSTETTO, L. E. Formação, pesquisa e prática docente pelos territórios da arte. In: OSTETTO, L. E.; SILVA, G. D. de B.; BIBIAN, S. **Educação infantil, formação e prática docente nas tramas da arte**: Diálogos com Anna Marie Holm e Vea Vecchi. Curitiba: Appris, 2021.

OSTETTO, L. E. Sobre a organização curricular da Educação Infantil: conversas com professoras a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista Zero-a-seis**, NUPEIN/CED/UFSC, v. 19, n. 35, p. 46-68, jan-jun 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5007/1980-4512.2017v19n35p46

SOUZA, E. C.de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p.39-50, jan./abr. 2014.

1.13
ALINHAVANDO TEMPO-ESPAÇO DE FORMAÇÃO ESTÉTICA PELA CIDADE: NARRATIVAS SOBRE OUTROS MODOS DE SENTIR-PENSAR-TECER A DOCÊNCIA E A FORMAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Edith Maria Batista Ferreira

Começo a alinhavar essa escrita de mim “entoando” alguns versos do hino “Louvação à São Luís-MA”, de autoria de Bandeira Tribuzzi, um poeta e intelectual maranhense: “Ó minha cidade, deixa-me viver/Que eu quero aprender tua poesia...”. Tão presente em minhas memórias de infância, o poema evidencia a relação entre cidade, corpo, memória e formação. Inicia com um pedido para se deixar viver/aprender a cidade. Vida e aprendizagem são inseparáveis. Experimentar com o corpo inteiro é condição para aprender, é vivendo a cidade que se aprende aquilo que ela tem a ensinar. Nessa direção, Leontiev (1978, p.153) afirma que a aprendizagem é “[...] o processo de apropriação da cultura humana no decurso dos seus contatos com seus semelhantes”. Assim, aprender não acontece separado da experiência cotidiana; ele emerge do contato com as pessoas, os lugares, as manifestações culturais, as paisagens, as histórias que o constituem. Portanto, a cidade que caminhamos também nos caminha. Aquilo que vemos em suas ruas, que sentimos em suas paisagens e guardamos em nossa memória participa daquilo que nos tornamos. Nessa perspectiva, a cidade deixa de ser cenário e passa a ser acontecimento formativo (Mello, 2021). Com uma pedagogia própria (Gadotti et al., 2006), vivida com/pelo corpo, educa por meio de suas materialidades, de suas políticas culturais, de seus gestos cotidianos e de suas disputas simbólicas. Tendo esta compreensão, rememorei experiências vividas outrora na cidade de São Luís e me dispus a andarilhar pelo centro histórico. Ao fazer isso, fui atravessando camadas do tempo, bordadas de história, cultura e narrativas que interpelam o meu olhar: Como a dimensão estética foi se fazendo presente no meu jeito de sentir-pensar-tecer a docência e os processos formativos na primeira infância? Para tecer respostas, atualizo o tempo por meio de narrativas, afinal “a narrativa é uma tentativa de ligar fatos no tempo, através dos sentidos” (Silva, 2023, p. 29). Neste trabalho, anuncio a costura inicial da pesquisa-formação (Josso, 2004) que vai sendo tecida no Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, cujo objeto é a cidade como território de formação estética. Inscrita no campo das abordagens (auto)biográficas (Delory-Momberger; 2012; Passeggi, 2010), tendo o memorial de formação estética (Ostetto, 2019) como dispositivo de geração de dados biográficos, objetivo apresentar as reverberações da minha experiência com a cidade-formadora no meu jeito de sentir-pensar-tecer a docência e os processos formativos na primeira infância. Os resultados apontam para a importância de se garantir encontros férteis com a cidade ao longo da vida, de modo a favorecer a educação das sensibilidades; revelam ainda que as experiências estéticas contribuem para a vivência da docência e formação como processos autorais, sensíveis e criativos.

Palavras-chave: Formação estética. Cidade. Docência. Infância.

Referências:

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set./dez. 2012.

GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDO, A. (org.). **Cidade educadora:** princípios e experiências. São Paulo: Cortez, 2006.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte Universitário, 1978.

MELLO, G. F. de. **No álbum da memória:** a cidade, a infância de professoras e a formação estética. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

OSTETTO, L. E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 1, p. 57-76, jan./abr. 2019. Disponível em: https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7307 . Acesso em: 28 ago. 2026.

PASSEGGI, M. da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: Passeggi, M. da C. & Silva, V. B. da (Orgs.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

SILVA, G. D. de B.. Olhar dentro e fora, circular pelo mundo-vida: narrativas de professoras da educação infantil por tempos e espaços de formação estética. In: OSTETTO, L.; MAIA, M.; CALLAI, C. (orgs.). **Formação, educação e arte:** tessituras em pesquisa e prática docente. Campinas: Papirus, 2023, p. 25-44.

TRIBUZI, B. Louvação à São Luís. In: TRIBUZI, Bandeira. **Crônicas da vida**. São Luís: [s.n.], [s.d.].

1.14
ENTRE O TEMPO DO RELÓGIO E O TEMPO DO CORAÇÃO: FORMAÇÃO ESTÉTICA DE PROFESSORES DA INFÂNCIA - UMA EXPERIÊNCIA DE PAUSA

Fabiana Buexm Nagib de Mattos

Este relato apresenta uma experiência de formação continuada realizada com professores e gestores da Educação Infantil das redes públicas dos municípios de Macaé e Campos dos Goytacazes/RJ, tendo como questão mobilizadora a seguinte indagação: como uma formação sensível e estética dos professores pode contribuir para problematizar e ressignificar a relação com o tempo? A experiência partiu da compreensão de que a cultura contemporânea da aceleração atravessa os espaços educativos, podendo produzir rotinas fragmentadas, agendas rígidas, antecipação de aprendizagens e redução dos tempos destinados à brincadeira, à escuta, à contemplação e à experiência. Teve como objetivo promover uma reflexão sobre as múltiplas dimensões do tempo - cronológico, vivido, corporal, relacional e poético - e sobre a necessidade de construir práticas educativas mais atentas aos ritmos e às singularidades das crianças, considerando também as condições temporais que atravessam a vida dos próprios professores. O referencial teórico dialogou com os estudos de Jorge Larrosa sobre experiência e saber da experiência; Hartmut Rosa sobre aceleração social e alienação; Walter Benjamin acerca do empobrecimento da experiência; Leda Maria Martins sobre o tempo espiralar; Luciana Ostetto acerca da formação estética de professores e António Nóvoa, especialmente em sua compreensão da formação docente como processo que articula dimensões pessoais, profissionais, culturais e coletivas. Metodologicamente, a proposta foi organizada como uma experiência formativa de caráter sensível e estético, buscando coerência entre aquilo que se pretendia discutir e o modo como a formação foi vivenciada. Música, dança, teatro, poesia, literatura e artes visuais constituíram dispositivos de sensibilização, reflexão e produção de sentidos. Entre as experiências realizadas, destacaram-se a contemplação de imagens fotográficas da exposição PAUSA, da artista e educadora Stella Barbieri, mediada pela narrativa da minha experiência pessoal na exposição, que me mobilizou a refletir sobre essa temática e sua urgência; a recitação de poemas de Manoel de Barros e apresentações de músicos, bailarinos e atores convidados. . A experiência evidenciou que a formação estética não se reduz à inserção de atividades artísticas nos processos formativos, mas envolve a ampliação da capacidade de sentir, perceber, imaginar, contemplar e atribuir sentidos à experiência. Concluo que discutir os tempos da infância implica também problematizar os tempos dos adultos que educam e que, em contextos marcados pela aceleração, criar espaços de pausa, presença, escuta e contemplação pode constituir uma forma de resistência pedagógica e política. Assim, a formação de professores da infância mostra-se potente quando possibilita não apenas aprender sobre a sensibilidade, mas experimentá-la, criando condições para que algo se “acenda por dentro” e possa, posteriormente, iluminar o encontro cotidiano e poético com as crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil; formação estética; formação docente; tempo e experiência; arte.

Referências:

BARBIERI, S. **Pausa. Exposição/instalação artística**. São Paulo: Sesc 14 Bis, 2024.
BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** São Paulo: Brasiliense, 1994.
DUARTE JÚNIOR, J.F. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2001.
KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Belo Horizonte: Cobogó, 2021.
NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.
OSTETTO, L. E. A arte no itinerário da formação de professores: acender coisas por dentro. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 29-43, jan./jun. 2006.
OSTETTO, L. E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 1, p. 57-77, jan./abr. 2019.
OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. A.; BEZELGA, I. Além de um programa curricular: a formação estética de professoras/educadoras das infâncias. **Educação e Fronteiras,** Dourados, v. 9, n. 27, p. 23-35, 2020.
ROSA, H. **Aceleração e alienação:** esboço de uma teoria da temporalidade moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

1.15
SONHAR DOCÊNCIAS: PELAS FRESTAS DE UMA FORMAÇÃO-ARTE

Edilane Oliveira Da Silva
Michelle Dantas Ferreira
Adrianne Ogêda Guedes

Os povos originários nos ensinam que sonhar é um modo de conhecer. Os sonhos também são territórios de criação, da memória e de transformação. Enquanto sonhamos, costuramos fragmentos da experiência, reorganizamos afetos, criamos sentidos novos para aquilo que vivemos. Talvez a docência, também seja isso... uma arte de costurar mundos. Uma prática de sonhar acordado. Uma disposição para imaginar futuros antes que eles existam. Diante disso, indagamos: quais sonhos nos trouxeram até aqui, quais sustentaram nossa caminhada e quais ainda nos acompanham? Hanna Limulja (2022) nos convida a perceber que os sonhos não pertencem apenas aos indivíduos, pois eles são modos de relação; formas de comunicação entre diferentes planos de existência. São experiências que produzem conhecimento e orientam caminhos coletivos. Pensando nisso, questionamos: quem nos ensinou a permanecermos humanos diante das exigências do mundo? Para viver isso, uma sala da UNIRIO se transformou em cabana do sonho, com tecidos pendentes e fios de fada, erguidos sobre uma grande “cama” de tecidos. Sete professoras da Educação Básica da rede municipal do Rio de Janeiro se reencontram para uma roda de conversa, com o propósito de fiar tramas da/na formação de professoras das infâncias. Em comum, além da profissão, há o vínculo fortalecido após participação em dois cursos de extensão ofertados pelo Grupo de Pesquisa FRESTAS, em 2024 e 2025, intitulados Frestas para (re)encantar corpos docentes. Conversar (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018) sobre os caminhos percorridos nas referidas formações tem aberto frestas para cartografarmos docências (Passos; Kastrup; Tedesco, 2025), encantamentos (Rufino, 2021) e processos formativos, intencionando a constituição de um outro ethos formativo, propositivo de outras formas de performar formações. O convite a sonhar coletivamente (Ribeiro, 2022; Limulja, 2022; Freire, 2020) iniciou com uma meditação guiada, evocando presenças ancestrais e, posteriormente, a conversa teve como disparador um Oráculo dos sonhos ? construído pelas autoras, traz cartas que contém perguntas e pensamentos criadas a partir do encontro com os registros dos referidos cursos. A cada compartilhamento das perguntas, concepções de docência, formação, pesquisa e vida foram sendo tecidas, entremeadas à feitura de travesseiros aromáticos personalizados, que cada uma foi artesanalmente construindo e recheando com desejos em papel germinador. A roda finalizou com as cartas-pensamentos do Oráculo, trazendo perspectivas que ampliaram nossas percepções de mundo e do vivido. Para casa, como gesto simbólico que convida a seguirem sonhando, levaram materiais para a confecção de um apanhador de sonhos e a memória encarnada de um sonho vivido coletivamente que (re)encantou estes corpos docentes. Em nós, fica a certeza de que precisamos seguir constelando (Krenak, 2020) educações, subvertendo as lógicas dominantes ao semearmos formações que busquem envolver e confluir saberes (Bispo, 2023).

Palavras-chave: Formação Docente; Arte; Educação Estética; Cartografia; Sonho.

Referências:

BISPO, A. dos S. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
KRENAK, A. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
LIMULJA, H. **O desejo dos outros:** uma etnografia dos sonhos Yanomami. São Paulo: Ubu a, 2022.
PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2025.
RIBEIRO, S. **Sonho manifesto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de; SAMPAIO, C. S. (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
RUFINO, L. **Vence-demanda:** educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

1.16
COM PAULO E MADALENA, PENSAR UMA EDUCAÇÃO INFANTIL FREIRIANA

Marta Nidia Varella Gomes Maia

Pensar uma Educação Infantil freiriana, como um tempo espaço de liberdade e aprendizagem para as crianças, de relações mais horizontalizadas e menos coercitivas, trazendo para a formação docente leituras de pai e filha, que contribuam para a maior conscientização sobre seu próprio papel na construção de uma educação libertadora desde os começos, é a proposta da disciplina/extensão que dá origem a esse relato de experiência. A formação docente para a Educação Infantil tem especificidades e temas clássicos ou obrigatórios visando um maior conhecimento sobre a crianças desde bebês, seu desenvolvimento, suas formas peculiares de aprendizagem, suas potencialidades e como tudo isso se organiza para a oferta de um espaço/tempo no qual as crianças possam viver as suas infâncias o mais plenamente possível, com segurança, respeito e ampliação de sua inserção sociocultural. Além dos autores clássicos da área, encontramos em Paulo Freire e Madalena Freire um olhar sobre as infâncias que compreendemos como absolutamente alinhado ao que preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (Brasil, 2010). Quando Paulo Freire afirma, no texto “A importância do ato de ler”? (Freire, 1989, p. 9) que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”, ele não só está ampliando o conceito de alfabetização como está apresentando aquilo a que a Educação Infantil deve se dedicar, a leitura do mundo, a experiência significativa da criança em seus começos no mundo. Nessa frase Paulo Freire estabelece o que define e diferencia, sob o nosso ponto de vista, aquilo que cabe a primeira etapa da Educação Básica prioritariamente e o que é da competência do Ensino Fundamental: ler o mundo primeiro, ler a palavra e assim continuar a ler o mundo. Nas palavras do autor: “Primeiro, a ‘leitura’ do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da ‘palavramundo’ ” (Freire, 1989, p. 9). Esse princípio é fartamente ilustrado por Freire no mesmo texto quando traz suas memórias de um tempo de antes de aprender a palavra e quando a aprende e apreende, sua infância no quintal de casa, seu pequeno mundo. Seguindo a trilha de narrativas do vivido, vamos encontrar como experiência, narrativa e reflexão a célebre obra de sua filha Madalena, “A paixão de conhecer o mundo” (Freire, M. 1999) que se acresce da narrativa de sua experiência com um público novo para ela e tão mais comum nas nossas escolas públicas: “Relatos da (con)vivência: Crianças e mulheres da Vila Helena nas famílias e na escola” (Melo; Freire, 1986). Num exercício de pensar-se e pensar o outro em diálogo buscamos ampliar nossa consciência crítica sobre o contexto em que estamos inseridos, como também sobre os sujeitos que compõem a Educação Infantil e seus cotidianos.

Palavras-chave: Formação docente; Docência da/na Educação Infantil; Educação freiriana; Educação libertadora.

Referências:

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2010.
FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
MELO, S. L. ; FREIRE, M. Relatos da (con)vivência: Crianças e mulheres da Vila Helena nas famílias e na escola. Relatos de experiência. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo (56):82-105, fev. 1986.

1.17
DRAMATURGIAS DA MEMÓRIA NA FORMAÇÃO DOCENTE NA/COM EDUCAÇÃO INFANTIL: INACABAMENTOS E ENCANTAMENTOS

Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias

Este trabalho apresenta parte de um projeto de tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). A pesquisa investiga a formação docente para e com a Educação Infantil a partir da articulação entre teatro autobiográfico, Drama, memória, registros sensíveis e outras linguagens artísticas, como música, dança e performance. Parte-se da problematização de perspectivas técnico-instrumentais ainda presentes nos processos formativos, nas quais os registros pedagógicos tendem a assumir caráter descritivo e burocrático, limitando suas dimensões narrativas, poéticas e reflexivas. Nesse contexto, pergunta-se de que modo experiências teatrais autobiográficas e sua articulação com diferentes linguagens artísticas podem mobilizar, em estudantes-estagiários, outros modos de perceber, narrar e documentar as experiências vividas nos cotidianos da Educação Infantil. O objetivo geral é compreender como essas experiências podem favorecer a construção de dramaturgias da memória, entendidas como registros sensíveis capazes de contribuir para a constituição da identidade profissional docente por meio de experiências estéticas, autobiográficas, inacabadas e encantadas. A investigação dialoga com Paulo Freire (2025), Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2020), Teresa Sarmento (2009), Jorge Dubatti (2016), Beatriz Cabral (2006), Lev Vigotski (1984), Luciana Ostetto (2025), Lícia Sánchez (2010) e Angelene Lazzareti (2025), articulando discussões sobre formação docente, infância, teatro, Drama, memória, documentação pedagógica e experiência estética. Metodologicamente, insere-se na perspectiva da pesquisa-criação, articulada às abordagens autobiográfica, narrativa e participativa. O campo empírico será constituído por estudantes-estagiários da Educação Infantil, com a realização de ateliês artístico-formativos fundamentados no teatro autobiográfico, no Drama e em linguagens híbridas. Serão produzidos registros escritos, imagéticos, corporais, sonoros, performativos e narrativos, como diários de bordo, escritas autobiográficas, fotografias, vídeos, desenhos, mapas afetivos, partituras corporais, objetos-processo e registros produzidos pelas próprias crianças. Esses materiais serão analisados a partir das categorias de memória, experiência estética, corporeidade, autobiografia, registro sensível e identidade profissional docente. Como desdobramento artístico-pedagógico, pretende-se produzir coletivamente uma dramaturgia da memória, materializada em exposição, instalação, performance ou outro dispositivo estético. Por tratar-se de uma pesquisa em desenvolvimento, ainda não são apresentadas conclusões empíricas definitivas. Sustenta-se que essas experiências podem deslocar modos de perceber, narrar e documentar os cotidianos educativos, compreendendo a memória como criação e reinvenção do vivido e afirmando a formação docente como experiência estética, sensível, autobiográfica, inacabada e encantada.

Palavras-chave: Formação docente; Teatro autobiográfico; Memória; Registros sensíveis; Educação Infantil.

Referências:

BIBIAN, S.; OSTETTO, L. E. Olhares múltiplos: ateliê artístico e poético para/com professoras das infâncias - o encontro com a arte por meio das redes. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 9, n. 3, p. 32?49, dez. 2023.

CABRAL, B. Â. V. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.

DUBATTI, J. **O teatro dos mortos**: Introdução a filosofia do teatro. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

LAZZARETI, A. Arte como Pesquisa e o Saber do Processo. **Revista Cena**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 02-13, jan./abr. 2026.

OSTETTO, L. E. Inventários, coleções, narrativas como dispositivos de formação no estágio de docência para a Educação Infantil. **Educação**, Santa Maria, v. 50, p. 01-24, jan./dez. 2025.

RUFINO, L.; SIMAS, L. A. **Encantamento:** sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SÁNCHEZ, L. **A dramaturgia da memória no teatro-dança**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SARMENTO, T. As Identidades Profissionais em Educação de Infância, **Locus SOCI@L**, 2009, vol.2, p.46-64.

VIGOTSKI, L. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

1.18
DESVENDANDO JARDINS SECRETOS: QUANDO A PESQUISA TRANSFORMA O OLHAR SOBRE A DOCÊNCIA

Amanda Lobosco Pinto

O relato de experiência de pesquisa, nasce das reverberações da minha dissertação de mestrado, intitulada “Professoras, crianças e natureza: narrativas docentes da/na pandemia” (Pinto, 2023), desenvolvida a partir da pesquisa narrativa e (auto)biográfica, compreendendo a experiência de pesquisar como um movimento profundamente implicado com a vida e com a docência. Ao narrar experiências, revisitá-las e atribuir-lhes novos sentidos, a pesquisa não se encerra com a escrita da dissertação, mas permanece como experiência formadora que transforma modos de olhar, pensar e habitar a escola. Ao final da dissertação, permanece um convite: desvendar os jardins secretos existentes nos espaços escolares. É a partir desse convite que o presente relato busca refletir sobre os deslocamentos produzidos no olhar sobre a docência após a conclusão da pesquisa e sobre os modos como essa experiência passou a reverberar no cotidiano da Educação Infantil. Em diálogo com Tiriba (2018), compreende-se a importância de favorecer às crianças experiências cotidianas de aproximação, convivência e contato com a natureza. Barros (2018) contribui para essa discussão ao dialogar com o termo desemparedamento da infância, ampliando as possibilidades de experiências para além dos espaços internos da escola. Já Lima (1989) possibilita pensar o espaço escolar como lugar vivido, produzido e significado por aqueles que o habitam. A partir dessas perspectivas, reabitar a escola com as crianças desloca meu olhar para espaços antes percebidos prioritariamente por sua função: o refeitório, as varandas, os corredores e diferentes áreas externas tornam-se lugares de encontro, exploração e experiência. A luz, o vento, os sons da cidade, o canto dos pássaros, a presença de uma árvore e outros elementos naturais passam a compor o cotidiano pedagógico. Nesse percurso, pesquisa e vida se entrelaçam, e a experiência narrada torna-se também uma reflexão sobre a própria formação docente, (Josso, 2004). Desvendar jardins secretos significa, assim, reconhecer que pesquisar também pode transformar quem pesquisa, que a escrita pode produzir deslocamentos na maneira de habitar a escola, e que reabitar os espaços com as crianças pode revelar possibilidades de experiências estéticas, sensíveis e de aproximação com a natureza. A pesquisa de mestrado, portanto, não representa um ponto de chegada, mas continua a produzir perguntas, movimentos e outras formas de estar na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Docência; Pesquisa Narrativa Autobiográfica; Espaço escolar; Natureza.

Referências:

BARROS, M. I. A. de (org.). **Desemparedamento da infância:** a escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

PINTO, A. L. **Professoras, Crianças e Natureza:** narrativas docentes da/na pandemia. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

1.19
ENTRE RETALHOS, NÓS E TRANÇAS, (RE)CRIAÇÕES INVENTIVAS DE BONECAS ABAYOMI: PROFESSORES(AS)-PEDAGOGOS(AS) EM "ENCONTRO PRECIOSO"

Thais Oliveira Luz
Kerolayne Martins Severo
José Firmino de Oliveira Neto

Em um movimento de busca/desejo em (re)formar professores(as) das infâncias em diálogo com a arte, na perspectiva da formação estética (Ostetto;Folque;Bezelga, 2019), temos impulsionado pelos territórios de formação inicial de professores(as)-pedagogos(as) percursos de trabalho com os ateliês (Barbieri, 2021; Barbieri, 2022). Nesse sentido, imbricado aos estudos e pesquisas do Circularis - Círculo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Literaturas e Ciências da Natureza -, temos apreendido o ateliê como lócus de criação, experimentação, elaboração a partir de múltiplas linguagens, em um trabalho que ao envolver o corpo todo permite um exercício de reflexão coletiva para nutrir percursos de estesia. Assim, objetivamos no presente trabalho (re)pensar crítico-reflexivamente os percursos de (re)criação inventiva/poética mobilizados em um ateliê em torno da Literatura Infantil e a (re)construção de bonecas abayomi. Ao modo de um relato de experiência abrimos o baú de memórias, em muito a partir de registros fotográficos, para resgatar o ateliê, na busca por suscitar suas reflexões/trajetórias em torno do sensível, vivificadas com professores(as)-pedagogos(as) em formação durante a II Semana de Pedagogia (FE/UFG), em 2025. O ateliê foi realizado mediante os seguintes movimentos: 1) recepção dos(as) participantes; 2) proferição da obra "Princesas Negras", de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza, seguido de reflexão sobre suas implicações no/com o cotidiano da vida-docência; 3) contextualização da história da princesa/boneca Abayomi; 4) confecção das bonecas Abayomi com retalhos, nós e tranças, com vista à promoção-valorização-conscientização da cultura afro-brasileira. Ao adentrar ao espaço do ateliê os professores(as)-pedagogos(as) em formação encontram uma sala previamente organizada que apresentava bonecas Abayomis, tesouras e tecidos diversos. Após a apresentação desses sujeitos e a contextualização do ateliê, proferimos o livro "Princesas Negras". Posteriormente, a história das bonecas Abayomi foi (re)contada, abrindo para o movimento de (re)criação inventiva/poética dessas. Estavam dispostas sobre as mesas, tesouras, tecidos na cor preta para o corpo e tecidos com diferentes estampas para os turbantes e lenços das bonecas. Um balé com as mãos se iniciou para a (re)construção das bonecas, com cores/texturas que apresentam as marcas da cultura afro-brasileira. Ao escolher e cortar os tecidos, os professores(as)-pedagogos(as) em formação se tornaram caminhantes do/pelo sensível, encontrando a si e outrem. Nesse movimento, cada etapa de (re)construção das bonecas foi proporcionando aos professores(as)-pedagogos(as) em formação um momento de alegria/diversão e representatividade, abrindo frestas para (re)pensar os percursos de estesia na formação, mas também com as crianças na Educação Infantil, mobilizados pela valorização de um povo que historicamente tem contribuído para (re)construção da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Formação de professores(as)-pedagogos(as); Ateliê; Formação Estética; Bonecas Abayomi.

Referências:

BARBIERI, S. **Territórios da invenção**: ateliê em movimento. São Paulo: Jujuba, 2021.
BARBIERI, S. **Territórios em transformação**. São Paulo: Jujuba, 2022.
MEIRELES, Ariane Celestino; SOUZA, Edileuza Penha de. **Princesas Negras**. Rio de Janeiro: Editora Malê Mirim, 2018, 24 p.
OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. A.; BEZELGA, I. Além de um Programa Curricular: a formação estética de professoras/educadoras das infâncias. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 9, n. 27, p. 23?35, 2019.

1.20
NARRATIVAS DE ONTEM E DE HOJE:POESIA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA COMO CAMINHO FORMATIVO COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Leticia Felintro da Silva

Desenvolvida no âmbito da Linha de Pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos - LCPF e do Círculo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores, Infância e Arte - FIAR, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, a pesquisa aqui apresentada teve como objetivo identificar a contribuição da leitura de poesias africanas e afro-brasileiras como proposição para formações docentes, iniciais ou continuadas suscitando experiência e reflexão sobre a educação para as relações étnico-raciais (ERER), (a)colhendo narrativas de professoras de Educação Infantil. Nas literaturas afro-brasileiras, pode-se encontrar palavras africanas, que foram incorporadas ao nosso idioma, ou mesmo palavras e/ou expressões em língua original de países africanos, que tornam as poesias possibilidades de acessar sentimentos e pensamentos relativos a dimensões históricas, sociais e políticas. Pensar que estamos "construindo conhecimentos" e que somos atravessados por situações, ações e pessoas, deu a perspectiva para sustentar o estudo pelas vias narrativas e (auto)biográficas, com professoras da educação infantil, a respeito das leituras de poesias africanas e afro-brasileiras como caminhos formativos decoloniais no cotidiano escolar. O esquema teórico-metodológico da pesquisa se baseou nas abordagens narrativas e (auto)biográficas (Josso, 2009; 2014; Delory-Momberger, 2012), na perspectiva da pesquisa-formação docente, articulou ERER, Educação Infantil e um gênero específico de poesia, que faz parte do que chamamos de literaturas africana e afro-brasileira (Duarte, 2014). Pelos aportes teóricos explicitados, foi organizado um encontro com um grupo de professoras de educação infantil que atuam na Rede Municipal de Niterói. Portanto, com o uso das abordagens (auto)biográficas e narrativas, o encontro aconteceu em forma de uma Ciranda de poesias africanas e afro-brasileiras, onde foram tecidos momentos de fruição estética e reflexão, contemplando leitura, conversas em círculo e produção de narrativas e criações estético-poéticas, a proposta da ciranda de poesia se transfigurou em um conjunto de rememorações, de vivências sentidas e compartilhadas. A ciranda indicou, além da fruição e ampliação do repertório literário docente, um caminho fértil para refletir e conhecer outras histórias, tecendo possibilidades para efetivar uma educação antirracista.

Palavras-chave: Formação docente; narrativas (auto)biográficas; poesia afro-brasileira.

Referências:

DELORY- MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n.51, set./dez. 2012.

DUARTE, E. de A. (Coord.). **Literatura afro-brasileira:**100 autores do século XVIII ao XX. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

JOSSO, M-C. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 136-199, ago./ dez. 2009.

SILVA, M. L. F. da. **Narrativas de ontem e de hoje:** poesia africana e afro-brasileira como caminho formativo com professoras da educação infantil, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

1.21
ESCUTA SENSÍVEL E PRÁTICAS POÉTICAS: A FORMAÇÃO ESTÉTICA COMO RESISTÊNCIA E ACOLHIMENTO NA DOCÊNCIA

Luana Nogueira Costa
Michelle Dantas Ferreira

Vislumbrando a apresentação no eixo temático Fiação 1: Tramas da Formação de professoras(es) das infâncias, esta pesquisa, de caráter qualitativo e pautada no diálogo com uma experiência de formação continuada, investiga a centralidade da formação estética e sensível de professoras/es e Agentes de Educação Infantil como condição indispensável para a emancipação e garantia dos direitos das crianças, especialmente em contextos de vulnerabilidade e violência urbana. Partindo da premissa de que a/o educadora/or precisa se constituir como pesquisadora/or e artista de sua própria prática, objetivamos resgatar vivências e experiências artísticas a fim de promovê-las em contextos formativos ao grupo docente de uma instituição de Educação Infantil, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Em diálogo com a Abordagem de Reggio Emilia (Forman; Edwards; Gandini, 2016; Malaguzzi, 1999), as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (Brasil, 2010) e com teóricos como Barbosa (2010), Malaguzzi (1999) e Tiriba (2018), o estudo analisa os impactos da formação continuada intitulada "Café com Pauta". Desenvolvida por meio de encontros periódicos estruturados e realizados na e pela própria instituição, propõe a imersão das profissionais em propostas que mobilizem sua potência criativa e criadora com as linguagens artísticas, como a construção de autorretratos, composições em intervenções com luz negra, colagens poéticas e Danças Circulares, atuando como contranarrativa ao silenciamento e ao desgaste emocional cotidiano. Os resultados evidenciam que, ao serem provocadas/os esteticamente, as/os profissionais espelham o comportamento infantil, transitando do receio inicial ao maravilhamento. Esse processo de reencantamento resgata memórias autobiográficas, fortalece vínculos coletivos e reconstrói a escuta sensível. Conclui-se que a formação estética docente não é um elemento acessório, mas o eixo estruturante que permite sustentar uma prática pedagógica emancipatória e poética em meio à adversidade, de acolhimento à alma docente e a uma escuta ativa e sensível, evidenciando a urgência de políticas públicas de formação que garantam tempos-espaços para que isto se dê no cotidiano das instituições educacionais, de modo a acolherem as singularidades e diversidades de cada território e coletivo.

Palavras-chave: Formação Estética Docente; Educação Infantil; Café com Pauta; Linguagens Artísticas; Escuta Sensível.

Referências:

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força:** cotidiano e prática pedagógica na Educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009.

FORMAN, G.; EDWARDS, C.; GANDINI, L. (Orgs.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G.(org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 49-97.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria:** em busca de pedagogias ecocêntricas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

1.22
"É PRECISO TRANSVER O MUNDO!": FLORESCER EM NARRATIVAS SOBRE DESENHO, INFÂNCIA E FORMAÇÃO DOCENTE

Joelma Reis Correia
Edith Maria Batista Ferreira

O grafismo é uma das linguagens mais antigas da humanidade. Na infância, essa manifestação expressiva é muito corrente. Trata-se de uma linguagem que toda criança possui em qualquer lugar ou tempo, basta ela ter um instrumento que deixe marca (Albano, 2013; Derdyk, 2020), para sair criando "metáforas visuais e pensamentos visíveis" (Staccioli, 2024, p. 5). Apesar de o desenho ser espaço de criação, ainda é muito recorrente a sua presença na escola por meio de ilustrações estereotipadas para colorir, deixando de lado o ato criador. Com o tempo, a "cor" do desenho vai esmaecendo e na vida adulta, com muita recorrência, vivemos a "síndrome do papel em branco" (Derdyk, 2014) quando somos chamados/as a desenhar. Este relato trata das experiências vividas com o desenho durante o Estágio Supervisionado em Docência na Educação Infantil, na Universidade Federal do Maranhão, nos anos de 2022 e 2023. Ancoradas nos aportes teórico-metodológicos das abordagens (auto)biográficas (Delory-Momberger, 2012; Passeggi, 2010), as experiências articulam três dimensões indissociáveis: a estética, vinculada ao sensível; a narrativa, relacionada à elaboração reflexiva da experiência pelos/as alunos/as; e a pedagógica, expressa nas transformações do fazer docente na Educação Infantil. Os encontros-ateliês (Ostetto, 2019; Ostetto; Folque, 2021) configuraram-se dispositivos de formação docente. No intuito de oportunizar novas vivências com a linguagem do desenho e repertoriar os/as futuros/as professores/as para enriquecerem as experiências das crianças, foram realizados encontros-ateliês denominados ?Desformando árvores?, com inspiração nas provocações do poeta Manoel de Barros (2016, p. 55) de que é preciso "desformar o mundo", tirar da forma, como fazem os artistas. Nos ateliês, os/as alunos/as foram chamados a rememorar suas experiências com o desenho e com a arte ao longo da vida e do processo de escolarização. Depois, convidados/as a desenhar uma árvore, que, em sua quase totalidade, esteve representada por uma macieira, mesmo esta árvore não sendo típica do nosso estado. Há um espanto ao perceber a uniformidade do traço. Novo mergulho nas memórias é feito, através de questionamentos: Alguma árvore esteve presente em sua vida? Qual relação era estabelecida com ela? Por meio da fotografia de uma "árvore do afeto", elas começam a habitar o espaço e servir de referência para a observação dos desenhos iniciais. Com a literatura e o encontro com artistas que trazem paisagens naturais em suas obras, acontecia a nutrição estética e o convite a ?desformar a árvore?, variando a forma gráfica do desenho, na experimentação de diferentes materialidades. As experiências revelaram o silenciamento da dimensão estética nos currículos da escola de educação básica e dos cursos de formação de professores/as. Além disso, evidenciaram a necessidade dos/as alunos/as terem acesso à novos repertórios gráficos para alterar as práticas estéreis ainda presentes na escola da infância.

Palavras-chave: Formação docente. Infância. Educação Infantil. Grafismo.

Referências:

ALBANO, A. A. **O espaço do desenho:** a educação do educador. São Paulo: Loyola, 2013.
BARROS, M. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set./dez. 2012.
DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Diálogos, 2020.
DERDYK, E. Papel em branco. In: GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. (orgs.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 127-136.
OSTETTO, L. E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 1, p. 57-77, 2019.
OSTETTO, L. E.; Folque, M. A. Na escuta de estudantes-professoras: entre memórias e miudezas, retratos de formação estética. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75592, 2021. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/75592 . Acesso em: 10 de set.2025.
PASSEGGI, M. da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. da C. & SILVA, V. B. da (Orgs.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.
STACCIOLI, G. **Pensar com imagens:** compreendendo a infância por meio dos desenhos das crianças. São Carlos: Pedro & João, 2024.

1.23
CINEMA FALADO: O USO DA CINEMATOGRAFIA COMO FONTE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE E SUA APLICABILIDADE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Monica Ferreira de Farias
Sarah Lima de Oliveira

Esta pesquisa, vinculada às atividades acadêmicas produzidas pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Infância (NIPHEI/UERJ) desenvolve-se no âmbito do projeto de extensão Cinema Falado: o uso da cinematografia como fonte no processo de formação docente e sua aplicabilidade nas práticas pedagógicas. Objetivamos analisar o uso do cinema como instrumento de problematização das práticas pedagógicas na formação docente, bem como na constituição dos processos históricos envolvidos com a criação e o funcionamento das Escolas públicas do município de São Gonçalo - RJ. Através da realização de oficinas pedagógicas, organizadas com a exibição de filmes e vídeos relacionados ao campo da Educação, criamos debates com o corpo docente, que resultam em uma escrita das vivências pedagógicas, articulando-se com a produção de saberes e sua aplicabilidade nas práticas educativas. A perspectiva teórico-metodológica opera com a noção de cultura como categoria central, produzindo em sua dimensão ativa, uma rede de significados socialmente construídos (Tura, 2005) e diretamente relacionados com o uso do cinema como elemento de reflexão, expressão e representação social (Barros, 2011). Neste sentido, torna-se expressivo o processo de reconstituição histórica das escolas como espaços de múltiplas convivências que imprimem sentido aos diversos tipos de socialização e construção de trajetórias sociais. Os resultados iniciais da pesquisa apontam para uma intensa conexão entre os temas abordados pelos filmes e vídeos exibidos no âmbito das oficinas pedagógicas e as demandas apreendidas nos discursos produzidos pelas(os) docentes. A continuidade das discussões e reflexões promovidas pelas oficinas pedagógicas busca contribuir para o registro e a análise das experiências vivenciadas pelas/os docentes, assim como para a composição de espaços de discussão e produção de saberes entre as diferentes esferas do conhecimento. Ressaltamos como essencial compreender o campo (Bourdieu, 2004) em que se definem as articulações entre as questões discutidas e as formas de organização e funcionamento das Escolas em sua dimensão institucional, bem como na implementação da concepção política impressa no exercício da docência.

Palavras-chave: Educação; escola; cinema; formação docente

Referências:

BARROS, J. D.. Cinema e História. Considerações sobre os Usos Historiográficos das Fontes Fílmicas. **Revista Comunicação e Sociedade**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. Ano 32. No.55. jan/jun. 2011.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

TURA, M. de L. R. A propósito dos Estudos Culturais. In.: MAFRA, L. de A.; TURA, M.de L. R. (Orgs.) **Sociologia para Educadores 2:** o debate sociológico da educação no século XX e as perspectivas atuais. Rio de Janeiro: Ed. Quartet. 2005.

1.24
PELAS TRILHAS DA ANCESTRALIDADE INDÍGENA, GUARANIZAR A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM ARTE: NARRATIVA DE UMA PROFESSORA JURUA

Taia Nobre Machado Terra Borba

O presente resumo apresenta reflexões parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, desenvolvida no contexto da Educação Escolar Indígena junto ao povo Guarani Mbya, em Maricá/RJ. A investigação emerge da experiência da autora-mestranda-professora jurua (não indígena) no exercício da bidocência em uma escola indígena e do desafio ético, político e pedagógico de repensar a docência não indígena em um território atravessado por outras epistemologias. Busca-se construir caminhos pedagógicos próximos ao Nhandereko, modo de ser, viver e relacionar-se com o mundo segundo a cosmologia Guarani, tendo a arte ancestral como fio condutor. A pesquisa problematiza a permanência de práticas escolares universalizantes e marcadas por lógicas coloniais, como atividades padronizadas, materiais estereotipados e recursos descontextualizados da cultura local, que podem se distanciar do propósito da escola indígena de fortalecer a língua, a cultura e o Nhandereko. Como afirma Benites (2020), a educação Guarani não se separa da vida, acontecendo no cotidiano, nas relações, na coletividade e no território. A questão que orienta a investigação é: as práticas artísticas, compreendidas como saberes ancestrais vivos, podem contribuir para “guaranizar” o fazer docente, promovendo processos educativos alinhados aos modos de aprender, ensinar e existir do povo Guarani, respeitando sua cosmovisão, territorialidade e autonomia cultural? O objetivo geral é compreender, por meio de narrativa autobiográfica, os sentidos e desafios da prática pedagógica de uma professora não indígena na Educação Escolar Indígena Infantil (EEII), reconhecendo as práticas artísticas como saberes ancestrais e vias de valorização da língua e da cultura Guarani. A abordagem teórico-metodológica fundamenta-se na pesquisa (auto)biográfica, como possibilidade de reflexão sobre a experiência e a formação docente, embasada na perspectiva de Passeggi (2008) e Josso (2020). Destaca-se ainda o Nhemongueta, prática Guarani de rodas de conversa, como dispositivo de escuta, partilha e construção coletiva. A arte ocupa lugar central, não como recurso, mas como experiência ancestral, linguagem e forma de conhecimento, mobilizando corpo, oralidade, canto, desenho, fazer manual, memória e sensibilidade. Os caminhos identificados apontam para a ampliação da escuta e a ressignificação do papel da professora jurua. A bidocência é compreendida como espaço de negociação intercultural, reconhecendo o professor Guarani como sujeito central na condução das práticas e tensionando hierarquias tradicionais do saber. Observa-se a aproximação com o cotidiano da aldeia, a oralidade, as vivências coletivas e os saberes tradicionais. “Guaranizar” a escola significa deslocar centralidades, reconhecer saberes historicamente silenciados e abrir espaço para outras formas de educar. A pesquisa busca contribuir para práticas pedagógicas comprometidas com a autonomia, a cultura, a língua, o território e os modos de existência do povo Guarani Mbya.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena, Arte, Bidocência, Narrativa (auto)biográfica, Guarani Mbya.

Referências:

BENITES, S. Educação Guarani e interculturalidade: a(s) História(s) Nhandeva e o Teko. **Caracol**, n. 20, p. 188-201, 2020.

JOSSO, M-C. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020.

PASSEGGI, M. da C.; BARBOSA, T. M. N. (org.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

1.25
DESABITUAR O OLHAR PARA AS INFÂNCIAS: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tânia Maria de Sousa França

Esta experiência apresenta como questão central o desabituar o olhar dos(as) alunos(as) para as infâncias quando se fala em observar uma escola de educação infantil no estágio no curso de Pedagogia. Assim, este relato tem como objetivo narrar uma experiência sobre o olhar na disciplina de estágio curricular supervisionado, na educação infantil, no curso de Pedagogia de uma IES no interior cearense. O referencial teórico que embasou a experiência foi a compreensão de estágio supervisionado como um processo de construção contínua da identidade docente. Esta percepção foi fortalecida pela leitura de Ostetto (2012), indicando que o estagiário aprende ao integrar sua história pessoal às práticas vividas no campo escolar, construindo novas formas de olhar para a Educação Infantil e com as ideias de Madalena Freire (2008), no texto educando o olhar na observação, o que reforçou a importância de observar e agir com sensibilidade durante a prática no estágio. Este resumo foi desenvolvido sob uma abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, por meio da observação participante, da intervenção pedagógica e leitura dos relatórios finais. A experiência foi realizada durante os encontros formativos na universidade na disciplina de estágio curricular supervisionado. A intervenção pedagógica ocorreu com a entrega de uma folha de papel aos estudantes, com a orientação de fazerem um pequeno furo. A partir daí, foi solicitado que se dirigissem à área externa da sala para observar o ambiente por meio do furinho, registrando em papel, aquilo que foi visto e sentido. Na sequência, cada participante recebeu um rolinho com o objetivo de repetir a experiência, agora com um campo de visão ampliado, observando novamente o espaço e relatando as percepções obtidas. Por meio de uma roda de conversa ocorreu o compartilhamento dos sentimentos diante dos artefatos de observação, identificando a conexão entre a atividade vivenciada e o Estágio em Educação Infantil. No encontro seguinte, foi retomada a atividade, desta vez, com a leitura do poema "O olhar", de Juliana Gonçalves Queiroz, que convidava a pensar sobre o que olhamos, como olhamos e o que os espaços escolares nos dizem. As principais conclusões dessa experiência estão relacionadas a proposta que embora simples, conduziu a uma profunda reflexão sobre os diferentes modos de olhar o ambiente escolar destinados à infância; ajudou a compreender como o olhar do professor pode se ampliar ao longo da formação, passando de uma percepção limitada (micro) para uma visão mais abrangente e crítica (macro), essencial para perceber os contextos e as singularidades das crianças e dos espaços; que a proposta, não foi apenas sobre desenhar o que se via, mas formar o olhar pedagógico-aquele que é capaz de enxergar além da superfície e acolher as múltiplas expressões da infância, isso na percepção dos(as) estudantes.

Palavras-chave: Desabituar o olhar; Estágio curricular; Educação infantil; Experiência pedagógica; Prática docente.

Referências:

OSTETTO, L. E. O estágio curricular no processo de tornar-se professor. In: OSTETTO, L. E (org.). **Educação infantil:** Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.

WEFFORT, M. F. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos I. 1996.

1.26
TECER MEMÓRIAS, CORAZONAR A MADRE TIERRA: ANCESTRALIDADES, RE-EXISTÊNCIAS E FORMAÇÃO DOCENTE ENTRE BRASIL E COLÔMBIA

Daiane Francisco De Medeiros

Este relato de experiência apresenta uma narrativa produzida no contexto de um estágio doutoral na Universidad del Cauca, Colômbia, realizado mediante bolsa CAPES/PDSE por uma doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Tecida desde Popayán-Colômbia e em interlocução com o orientador no exterior, a narrativa compreende a experiência internacional como deslocamento territorial, epistemológico e formativo, marcado pelo encontro com a universidade em territórios e saberes afro-colombianos e indígenas. Em diálogo com Josso (2004), Delory-Momberger (2008) e Bragança (2018), compreende-se a experiência como dimensão constitutiva da formação, na qual acontecimentos vividos, narrados e problematizados produzem processos de reflexividade e transformação. Nesse percurso, aprender acontece na "*juntança*", no acolhimento, na escuta e na partilha, tensionando racionalidades hegemônicas e valorizando o *corazonar* com/desde os territórios. Tal perspectiva aproxima-se das práticas de re-existência de Albán Achinte (2017), compreendidas como processos criativos de afirmação da vida, da memória e da dignidade diante das marcas da colonialidade, e das pedagogias decoloniais de Walsh (2017), que reconhecem práticas territoriais e comunitárias como possibilidades de resistir, re-existir e (re)viver. A perspectiva de Abya Yala e a categoria político-cultural de amefricanidade, de Gonzalez (1988), possibilitam deslocar leituras universalizantes da América Latina, reconhecendo histórias e suas ancestralidades. Metodologicamente, configura-se como relato de experiência de abordagem narrativa e (auto)biográfica, articulado à pesquisaformação (Bragança, 2018), tomando memórias, oralidades, corporeidades, práticas artísticas e territorialidades como dimensões epistemológicas. Os registros dos encontros, deslocamentos e práticas compartilhadas são compreendidos como acontecimentos formativos, capazes de mobilizar memórias e deslocar modos de pensar-fazer a docência. Conclui-se que a experiência colombiana evidencia a potência dos deslocamentos territoriais e epistemológicos para potencializar o trabalho de doutoramento em desenvolvimento, fortalecendo práticas narrativas, sensíveis, decoloniais e comprometidas com a pluralidade de saberes em Abya Yala para reflexionar a formação de professores da Educação Infantil. Mais do que produzir respostas, a experiência instaura perguntas, fissuras e possibilidades de re-existência, reafirmando a formação como processo inacabado de encontro, memória e transformação.

Palavras-chave: Formação docente; Narrativa; Ancestralidade; Pesquisa-formação.

Referências:

ALBÁN ACHINTE, A. **Prácticas creativas de re-existencia**: más allá del arte - el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2017.

BRAGANÇA, I. F. de S. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; CUNHA, J. L. da; BÔAS, L. V. (org.). **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmicos-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018. v. 1. p. [paginação não informada].

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, 2006.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MAVISOY MUCHAVISOY, W. J. **Kosmovilidad intercultural**: sentipensar la memoria-lugar y el encuentro con la historia-territorio en el kósmos kamënts - á del Putumayo. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2024.

OSTETTO, L. Fazer à mão para falar de si. In: MONTEIRO, F. de A.; NACARATO, A. M.; FONTOURA, H. A. da (org.). **Narrativas docentes, memórias e formação**. Curitiba: CRV, 2016. p. 143-159.

PASSEGGI, M. da C.. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, M. da C.; BARBOSA, T. M. N. (org.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 27-42.

WALSH, C. Gritos, grietas y siembras de vida: entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, C. (ed.). **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 17-41.

1.27
(RE)ENCANTAR CORPOS DOCENTES: FIANDO MEMÓRIAS, TECENDO CONVERSAS

Adrianne Ogêda Guedes
Michelle Dantas Ferreira
Edilane Oliveira Da Silva

Buscando visibilizar Tramas da formação de professoras(es) das infâncias compartilhamos reflexões acerca de um dos encontros que compõem o campo de duas pesquisas de Doutorado em Educação, do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que objetivam investigar a formação docente. Ambas têm como foco os cursos de extensão "Frestas para (re)encantar corpos docentes", ofertados para cerca de 45 profissionais da Educação Básica da rede pública municipal do Rio de Janeiro. Foram 25 encontros, no total, realizados entre agosto de 2024 e novembro de 2025; aos sábados, com 4h de duração. Em 2026, após alguns mergulhos nas narrativas produzidas nestes encontros, propusemos à 13 professoras-cursistas, participantes dos dois cursos, uma Roda de Conversa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018), com o intuito de aprofundarmos algumas questões que pulsavam: como o encantamento é produzido? O que nos encanta? Qual encontro te marca? Por quê? Assim, o encontro aconteceu na UNIRIO. Preparamos o espaço com colchonetes dispostos em um círculo ao redor de um centro preparado com objetos que remetiam aos encontros do curso. Cruzando a sala, barbantes acomodavam fotos coletivas e individuais das cursistas e das propostas vivenciadas. O primeiro convite foi de se deitarem e, após alguns movimentos corporais que evocaram a presença; memórias do vivido nas formações foram ativadas por meio de uma meditação guiada. O segundo convite foi para um jogo de cartas, personalizadas especialmente para este encontro. Eram três grupos de cartas: imagens de encontros das formações de 2024 e 2025; palavras-força e perguntas, ambas pinçadas e formuladas a partir das transcrições dos registros dos encontros. As cartas foram dispostas ao redor do centro, em três camadas, e as oito professoras-cursistas presentes foram convidadas a escolherem uma de cada categoria, partindo do afetamento com a formação. Assim, a conversa fluiu, germinando reflexões sobre a própria formação, suas docências e a vida. O corpo, as relações, os vínculos, a escuta, os afetos, as pausas e o cuidado também pulsaram, aparecendo como elementos essenciais na forma como habitamos o mundo; achadouros (Barros, 2018) de uma pesquisa que objetiva criar modos outros de formar professoras/es, tanto inicial, quanto continuamente, confluindo saberes e convocando envolvimento (Bispo, 2023), assim como, (re)encantando (Simas; Rufino, 2020; Rufino, 2021) corpos docentes e docências, subvertendo as lógicas dominantes e propondo uma educação contracolonial (Bispo, 2023), por meio da qual inéditos sejam realmente viáveis e a esperança (Freire, 2020) e o amor (hooks, 2021) sejam verbos que ebulicionem transformações. Finalizamos com a entrega de palavras-correnteza, depositadas em uma bacia com água e o plantio de palavras-germinantes em uma bacia com terra, fortalecendo o entendimento que somos natureza (Krenak, 2020a) e se faz urgente constelarmos (Krenak, 2020b) educações.

Palavras-chave: Formação Docente; Arte; Encantamento; Conversa; Memória.

Referências:

BARROS, M. de. **Memórias Inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
BISPO, A. dos S.. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
HOOKS, B. T**udo sobre o amor:** novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.
KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020a.
KRENAK, A. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
RIBEIRO, T; SOUZA, R. de; SAMPAIO, C. S. **Conversa como metodologia de pesquisa:** Por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
RUFINO, L. **Vence-demanda:** educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.
SIMAS, L. A; RUFINO, L. **Encantamento sobre política de vida.** Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

1.28
FRESTAS PARA (RE)ENCANTAR CORPOS DOCENTES: TECENDO ETHOS DO CUIDADO NA FORMAÇÃO

Andrea Álvaro Alberto Bacellar
Adrianne Ogêda Guedes
Edilane Oliveira da Silva
Michelle Dantas Ferreira

Temos produzido uma sociedade adoecida, com corpos alienados e esgotados, como alertam Patzdorf (2021) e Han (2017). A Educação está imersa neste cenário, e reproduz um sistema capitalista produtivista e meritocrático, materializado por meio de políticas de formação em massa, que não levam em conta as singularidades das/dos profissionais. Precisamos parar de desenvolver tais políticas formativas, buscando projetos que priorizem a escuta sensível e as demandas reais da Educação, vivenciadas cotidianamente pelas/os docentes. Neste sentido, fiamos tramas da formação de professoras das infâncias ao investigarmos como diferentes abordagens metodológicas em formações continuadas voltadas aos docentes impactam suas práticas e vidas. Os fios investigativos são tecidos por meio da pesquisa narrativa (Connelly; Clandinin, 2015), urdidos por meio de metodologias minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019), costuradas por caminhos errantes (Ostetto, 2019). As formações em questão foram propostas como cursos de extensão, intitulados “Frestas para (re)encantar corpos docentes”, criados e ofertados pelo grupo de pesquisa FRESTAS. O primeiro curso aconteceu em 2024, em 15 manhãs de sábado, de agosto a dezembro, e teve a participação de 38 professoras/es da Educação Básica da rede municipal do Rio de Janeiro. O segundo curso contou com 10 encontros, também aos sábados pela manhã, entre setembro e novembro de 2025. A turma contou com 12 cursistas - 10 oriundas do primeiro curso e 2 novas. Nos registros, percebemos a surpresa das cursistas com a proposta formativa. M.R pergunta: “[...] estão fazendo um curso para olhar as necessidades dos professores? Eu entendi certo?” (07/12/2024). Da mesma forma, Liz questionou: “Ué?! Tem alguém que quer ouvir a gente?” (03/08/2024). O estranhamento de M.R e Liz nos provoca outras perguntas: quais processos formativos estão sendo vivenciados por elas? Quais são os processos de escuta presentes nas formações e instituições educacionais? Como é possível formar sem diálogo? Ana (03/08/2024) afirma que “o chão da escola está machucando”, pois o “cenário atual educativo nos toma, exauri as nossas forças e criatividade” (I. Santos, 07/12/2024).

É necessário criarmos comunidades de aprendizagem (hooks, 2021b) se quisermos romper com uma educação de raízes coloniais e excludentes. Diante disso, apostamos em metodologias que tenham escuta e olhares atentos, o sonho (Freire, 2020a), o amor (hooks, 2021a), o encantamento (Simas; Rufino, 2020), a educação (do) sensível (Duarte Jr., 2000) e a arte como pilares no cultivo de formações construídas como ethos do cuidado, esperançando (Freire, 2020b) educações outras. É preciso sensibilidade para ouvir as/os docentes, para promover formações coletivas, pautadas na escuta aos diferentes contextos, levando em consideração a estrutura, as condições de trabalho e a contribuição com estudos para fomento de políticas públicas que não sejam apenas legais, mas legítimas.

Palavras-chave: Formação Docente; Estética; Arte; Encantamento; Ethos do Cuidado; Educação.

Referências:

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DUARTE JÚNIOR, J.F. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020b.

GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: AYVU, 2019.

HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

hooks, b. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021a.

OSTETTO, L. E. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência**: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: AYVU, 2019, p. 47-72.

PATZDORF, D. **Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotado**s. São Paulo: Letramento, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/52447603/PEQUENO_MANUAL_DE_AUTOCUIDADO_PARA_CORPOS_ESGOTADOS Acesso em: fev. 2025.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento sobre política de vid**a. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

FIAÇÃO 2

Tramas da Educação Infantil



FIAR
Círculo de Estudo e Pesquisa
Formação de Professores, Infância e Arte

2.1
O QUE É SUBSTANCIAL NAS FALAS DAS CRIANÇAS? MINHOCAS QUE CONECTAM MUNDOS, CONFLUÊNCIAS DE SABERES E A CRIAÇÃO DE REDES DE AFETOS NOS COTIDIANOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Liana M V Santos

Este trabalho nasce da escuta sensível do que há de mais profundo no dizer das crianças, acreditando que a educação é, em sua essência, uma "conversa de almas". Diante deste cenário objetiva-se analisar como as crianças expressam suas potências criativas tecem seus mundos a partir da metáfora pedagógica das "minhocas na cabeça", compreendida como o pulsar de um pensamento que valoriza a complexidade do pensamento infantil; elas são os fios que tecem redes de afetos e possibilitam a construção de um conhecimento vivo, dinâmico. Epistemologicamente, a investigação fundamenta-se na circularidade decolonial de Nego Bispo (Bispo dos Santos, 2015), que propõe a lógica do "começo, meio e começo" baseada no pertencimento e na ancestralidade, e na teoria da interseccionalidade de Patrícia Hill Collins (2022), mobilizada para compreender as falas infantis atravessadas por marcadores de raça, gênero e território. Metodologicamente, adota-se uma abordagem narrativa e de escuta atenta no cotidiano da Educação Infantil concretizando-se em uma pesquisa de campo que foi operacionalizada com a atividade de ressignificação de títulos baseada na obra literária "Minhocas na Cabeça", de Lúcia Reis (2021). Como parte dos procedimentos éticos de pesquisa com a infância e em conformidade com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as identidades dos participantes foram preservadas mediante o uso de pseudônimos integrados organicamente ao fluxo do texto. Os registros evidenciaram o protagonismo e a autoria infantil de Lilisa, Joca, Lolo e Rodopio. A pequena Lilisa nos ensina essa organicidade ao dizer que "o cérebro faz tudo funcionar no nosso corpo", mostrando que o pensamento é movimento e ação. Ao brincarem de renomear o mundo, crianças como Joca, Lolo e Rodopio revelaram-se autoras de seus próprios universos, criando títulos como o "Livro do Pensar", "Vampiros de Estimação na Cabeça da Menina" e "As Cobras na Cabeça". Conclui-se que a metáfora investigada valoriza a complexidade cognitiva da infância, constituindo um convite epistemológico para que educadores desaprendam a rigidez curricular tradicional e se abram à construção coletiva de conhecimentos vivos, dinâmicos e afetivos no cotidiano escolar.

Palavras- chave: Educação Infantil; Escuta Atenta; Nego Bispo; Circularidade; Autoria Infantil.

Referências:

BISPO DOS SANTOS, A. (Nego Bispo). **Colonização, Quilombos:** modos e significados. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

COLLINS, P. H. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.

REIS, L. **Minhocas na Cabeça**. Londrina: Madrepérola, 2021.

2.2
"A TUA PRESENÇA DESINTEGRA E ATUALIZA A MINHA PRESENÇA": ESCUTA DA POÉTICA DAS INFÂNCIAS, EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E DOCÊNCIA EM TRANSFORMAÇÃO

Wallace Benjamim Costa Amorim

Este trabalho tem como objetivo enunciar a força da escuta amorosa e da pronúncia poética das crianças na primeira infância no contexto da Educação Infantil. Em interlocução com memórias e registros, busca-se a crítica a uma posição silenciadora, de desprezo e de interdição da palavra das crianças nas relações educativas que fragilizam o diálogo quando as crianças manifestam suas leituras de si e do mundo pelo falar metafórico-poético. Articulando contribuições teóricas que abordam a criança do ponto de vista da filosofia pensando a infância como alteridade radical Larrosa (2022), linguagem e direito à palavra (Freire, 2024), linguagens da infância e poética do início (Antônio e Tavares, 2019), percepção do outro, escuta (Buber, 2014, 2001; Freire, 2011) e experiência (Larrosa, 2025), afirma-se a escuta como ato ético e político, que compõe com a docência na direção de sua de/trans/formação enquanto possibilidade para experiência estética. A escuta verdadeira é um modo de dizer. E se a escuta diz, o registro e a publicização da palavra das infâncias tem nisto a sua força fundamental. Neste trabalho, ambos assumem papel de resposta e resistência ao apagamento das marcas das crianças e suas infâncias no espaço e no tempo, além de defesa da autoria das crianças, sua centralidade na construção de saberes e na efetivação de políticas - pedagógicas e públicas. Tecem-se críticas à prevalência de pedagogias que aproximam a escola de lógicas de consumo em rede, afastando-a da vida e da profundidade dos processos educativos, negando assim a plena escuta. Em oposição, defende-se uma escola de infâncias como espaço de criação cultural, onde registros, falas e produções poéticas das crianças sejam valorizados e publicizados como elementos que orientam o projeto pedagógico, transformam o olhar da comunidade escolar para as crianças, atualizando sua relação com elas, e preservando memórias das infâncias e das docências.

Palavras-chave: Criança, Poética, Escuta, Educação Infantil.

Referências:

ANTÔNIO, S.; TAVARES, K. **A poética da infância:** conversas com quem educa as crianças. Ilustrações: Alexandre Camanho. Cachoeira Paulista, SP: Editora Passarinho, 2019.

BARBOSA, S. “É tudo sorvete!” - enunciados e expressões das crianças na creche. In: KRAMER, Sonia (org.). **Retratos de um desafio:** crianças e adultos na Educação Infantil. São Paulo: Ática, 2009. p. 65.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 2010.

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BUBER, M. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles von Zuben. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

ESCHER, M. C. Drawing Hands, 1948. Disponível em: https://www.eschersite.com. Acesso em: 23 nov. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 88. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

KRAMER, S. (org.). **Retratos de um desafio:** crianças e adultos na Educação Infantil. São Paulo: Ática, 2009.

KRAMER, S. Contribuições de Martin Buber para a reflexão sobre/do homem contemporâneo. In: KRAMER, Sonia. **Educação como resposta responsável**: conhecer, acolher e agir. Campinas, SP: Papirus, 2021. p. 121.

KRAMER, S. **Educação como resposta responsável**: conhecer, acolher e agir. Campinas, SP: Papirus, 2021.

KRAMER, S. **Por entre pedras:** arma e sonho na escola - leitura e escrita e formação de professores. São Paulo: Ática, 1993.

LARROSA, J. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

PENA, A. C.; NUNES, M. F. R.; KRAMER, S. Formação humana, visão de mundo, diálogo e educação: a atualidade de Paulo Freire e Martin Buber. **Educação em Revista**, v. 34, e172870, 2018. DOI: 10.1590/0102-4698172870.

ROCHA, E. C. Infância e pedagogia. **Perspectiva**, Florianópolis: UFSC/CED, NUP, v. 15, p. 21?33, jul./dez. 1997.

2.3
VER/A/CIDADE: DESLOCAMENTOS DE CRIANÇAS PEQUENAS NO TERRITÓRIO PERIFÉRICO

Juliana Candida de Oliveira

O presente trabalho tem como objetivo compreender o currículo da Educação Infantil e a relação da criança com a periferia da cidade de São Paulo, apresentando um relato de pesquisa e experiência, em diálogo com autores que versam sobre o tema. O problema de pesquisa consiste nos seguintes questionamentos: na Educação Infantil, quais estratégias podem ser estabelecidas no fazer docente, tendo o território da escola como parte integrante do currículo? A periferia pode ser um espaço educativo? Como a criança percebe o entorno da escola ao se deslocar por ele? Os objetivos estabelecidos no estudo compreenderam a relação entre a criança e a cidade no espaço periférico, por meio da revisão bibliográfica e do relato de experiência da professora-pesquisadora. A reflexão sobre o currículo vivenciado pelas crianças durante o deslocamento no entorno da escola, teve a poesia do patrono da escola, como mediadora dessa relação com a cidade, mais especificamente na periferia. Para tal, o referencial teórico principal contou com os seguintes autores: Francesco Tonucci (2019), que trata do direito da criança à cidade; Léa Tiriba (2005; 2010), trazendo o conceito de pedagogia do desemparedamento; Márcia Gobbi (2022): que discute a ocupação do espaço público pelas crianças; Laís Vilela Gomes (2023), que propõe a caminhada como uma experiência estética; Tiarajú D'Andrea (2013), que tematiza a periferia como um espaço de potência. A metodologia tecida compreendeu: 1) a delimitação do contexto: escola pública periférica, crianças da Pré-escola; 2) Problematização da pesquisa; 3) Levantamento do referencial teórico e revisão bibliográfica; 4) Análise crítica e reflexiva da fonte documental - o diário de bordo - em diálogo com o referencial teórico, assumindo uma abordagem qualitativa. Os principais resultados alcançados - com a pesquisa bibliográfica e com a leitura crítica e reflexiva do diário de bordo - apontam que o desemparedamento da infância na periferia se dá com as crianças vivenciando a cidade, a partir do entorno da escola; que a cidade é educadora, e a rua é um lugar de descobertas e aprendizagens; que o currículo torna-se vivo por meio da caminhada como deslocamento de exploração e experiência, na qual as crianças apreciaram os poemas do patrono da escola, viveram encontros afetivos com o avô, com a escola antiga e as interações com outros caminhantes. A análise revela novos sentidos para o território a partir do caminhar: a escola levando a sua identidade, divulgando os poemas do seu patrono e deixando suas marcas no território, pela estética das palavras compartilhadas com as crianças e comunidade. Os significados elaborados pelas crianças a partir da escuta inicial dos poemas na rua, revelam que há possibilidade de vivenciar o conceito de cidade educadora na periferia por meio dessas estratégias: a parceria com as famílias, a confiança nas crianças e o apoio dos funcionários da escola. Enfim, o estudo reafirmou a importância de conhecer o território, a importância da intencionalidade pedagógica e do planejamento para se poder ir além dos muros da escola.

Palavras-chave: Criança; Cidade; Periferia;Educação Infantil ; Docência; Currículo.

Referências:

ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE CIUDADES EDUCADORAS. Delegación para América Latina-Ajuntament de Barcelona - Espaços Urbanos e Cidades Educadoras - **Caderno de Debate**, n. 5. Rosário , 2019.

CORSARO, W. A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e prática na pesquisa com crianças:** diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

D' ANDREA, T. P. **A formação dos sujeitos periféricos:** cultura e política na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

GOBBI, M.A. Manifesto em movimento: a pé, de motoca, as crianças na Praça da República em São Paulo. **child.philo**, Rio de Janeiro , v. 18, e-68447, jan. 2022.

GOMES, L.V. **Caminhar é encontrar:** inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana. Dissertação (Mestrado em Educação). UFF, Niterói, 2023.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos**. Porto: ASA, 2004.

TIRIBA, L. **Crianças, natureza e educação infantil** (Tese de Doutorado). PUC Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2005

TIRIBA, L. Crianças da Natureza. In: **Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais,** 1., 2010, Belo Horizonte p. 9.

TONUCCI, F. **A cidade das crianças**. Lisboa: Faktoria K de Livros (coleção Ágora K), 2019.

TONUCCI , F. **Quando as crianças dizem:** agora chega! Porto Alegre : Artmed, 2005.

2.4
ARTESANIAS NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Ferreira dos Santos Cordeiro
Roberta Dias de Souza

Em um cenário de sucateamento da educação pública no município de Niterói, temos procurado ressignificar a docência na Educação Infantil, sem romantizar os ataques sofridos, as crianças precisam seguir com uma educação de qualidade, dessa forma, um caminho para reorganizar o vivido tem sido o de oficinas entre turmas do mesmo Grupo de Referência da Educação Infantil (GREI), dessa forma, entramos nas Tramas da Educação Infantil. No início de 2025, fomos surpreendidas com mais um desmonte, o fim da bidocência , anunciada pela Prefeitura, em meio às férias gozadas pelas professoras, ação que teve duras consequências. Estávamos vivenciando uma situação-limite (Freire, 1987); mas, precisávamos encontrar um caminho. Na prática, a situação à qual fomos submetidas nos reduzia a meras controladoras de corpos infantis. Tornou-se urgente encontrar alguma brecha que devolvesse sentido à nossa prática pedagógica. Começamos o movimento, às quartas-feiras, com uma proposta que possibilitasse a expressão artística das crianças, usando materiais como tinta, diferentes riscantes e algumas técnicas de pintura, para que elas pudessem experimentar e se expressar livremente, entendendo a importância e a potência desse movimento, estruturamos as oficinas com propostas integradas ao projeto anual do GREI desenvolvendo, pinturas e produção de tintas naturais, carimbos artesanais, costuras, manipulação em tecidos, entre outros materiais e propostas, inspiradas pela cosmovisão decolonial, entendendo a confluência como força de convivência (Bispo, 2015). As crianças continuaram sendo crianças, vivas, intensas, emitindo diversos sons ao longo do dia. Elas agora estavam vivenciando outras formas de aprender, na interação entre as turmas. Começaram a se perceber, a se relacionar e a compreender as propostas de forma melhor. Nós estávamos pedagogicamente vivas novamente. As crianças passaram a nos ver - ambas professoras - como referência. Os responsáveis também passaram a reconhecer nosso trabalho como compartilhado. A própria Unidade passou a perceber o nosso trabalho como um fazer integrado. Criamos um inédito viável (Freire, 1987), diante das condições, fizemos a bidocência, de quarenta crianças acontecer. Amparadas por cosmovisões que compreendem a união, o diálogo constante e a circularidade do ser e do fazer como caminhos possíveis, tornamos nosso cotidiano um movimento de encontros e artesanias, que segue se apresentando no ano de 2026, em que acompanhamos as turmas, e umas às outras.

Palavras Chaves: Educação Infantil; Bidocência; Cotidiano escolar; narrativas docentes.

Referências

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Brasília, DF: INCTI - UnB, 2015.
FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987

2.5
EDUCAÇÃO INFANTIL COMO TERRITÓRIO DE POTÊNCIA: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E RESSIGNIFICAÇÃO DE ESPAÇOS EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA URBANA

Danielle Loureiro Lemos
Luana Nogueira Costa
Michelle Dantas Ferreira

Vislumbrando a apresentação no eixo temático Fiação 2: Tramas da Educação Infantil, esta pesquisa, decorrente de uma Especialização em Docência na Educação Infantil, que tem a Universidade Federal do Piauí (UFPI) como instituição responsável e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) como mobilizadora local, investiga o tempo e o espaço como dimensões pedagógicas fundamentais na Educação Infantil, analisando estratégias de resistência contra o "emparedamento" físico e cognitivo em unidades escolares inseridas em territórios de vulnerabilidade social e violência urbana no Rio de Janeiro. Tendo como estudo de caso o Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Tania Martins Novo Lenz, situado no Morro do Urubu, o trabalho analisa como a gestão e as educadoras ressignificam ambientes internos frente à insegurança gerada por conflitos armados, buscando assegurar os direitos das crianças e garantir que seus saberes sejam construídos, mesmo em contextos adversos. Fundamentado na Abordagem de Reggio Emilia, entendendo o ambiente como "terceiro educador" (Forman; Edwards; Gandini, 2016; Malaguzzi, 1999); nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) e em teóricos como Barbosa (2010) e Tiriba (2018), o estudo destaca a ressignificação espacial ao "desemparedar com paredes", transformando áreas subutilizadas, como a garagem, em um Ateliê de pesquisa. Vale ressaltar que a efetivação do espaço físico do ateliê permanece em fase de idealização e planejamento estratégico, aguardando os trâmites de liberação e captação de recursos necessários à sua concretização. Enquanto essa infraestrutura não é inaugurada, a unidade lançou mão do Carrinho de Pesquisa Itinerante como dispositivo de transição e ação imediata. Essa ferramenta móvel tem permitido que qualquer ambiente interno protegido seja transformado em polo de investigação artística, servindo para aproximar gradualmente crianças e educadoras/es dessas vivências e fomentar a familiaridade com o uso pedagógico de materiais não estruturados, garantindo a mobilidade, a investigação e o direito ao brincar em zonas internas protegidas. Os resultados revelam que, embora o medo e as limitações estruturais imponham grandes desafios, o planejamento intencional e a sensibilidade ética transformam o espaço escolar em um território de potência e acolhimento. Conclui-se que assegurar o movimento, a arte e o brincar em contextos adversos configura-se como um ato político de resistência, exigindo políticas públicas intersetoriais e reafirmando a escola como um lugar de vida, liberdade e invenção.

Palavras-chave: Educação Infantil; Tempo e Espaço; Territórios Conflagrados; Educação Estética; Desemparedamento.

Referências:

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força:** cotidiano e prática pedagógica na Educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009.

GANDINI, L. Espaços educacionais e desenvolvimento pessoal. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C. ; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 49-97.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria:** em busca de pedagogias ecocêntricas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

2.6
FIAR PERGUNTAS, DOCUMENTAR PERCURSOS: A TRILHA PEDAGÓGICA DO PROJETO ABACAXI NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ingrid Flores Vale Scarpa

Este relato de experiência nasce de um projeto investigativo desenvolvido com crianças pequenas da UMEI Governador Eduardo Campos, em Niterói/RJ. A experiência partiu de um acontecimento cotidiano: a presença de um abacaxi inteiro no lanche, que despertou perguntas, hipóteses, estranhamentos e desejos de investigação no grupo. A questão que orienta este trabalho é: de que modo um episódio aparentemente simples da rotina pode transformar-se em percurso investigativo quando a docência sustenta a escuta das crianças e documenta o processo vivido? O objetivo é refletir sobre a trilha pedagógica como dispositivo de documentação, planejamento e memória na Educação Infantil, analisando como ela permite acompanhar perguntas, desvios, retomadas, produções e relações construídas pelas crianças ao longo do Projeto Abacaxi. O referencial teórico dialoga com Paulo Freire (1996), especialmente pela defesa da escuta, do diálogo e da pergunta como constitutivos da prática educativa; com Rinaldi (2012) e Ostetto (2008), na compreensão da documentação pedagógica como interpretação, visibilidade e reflexão sobre os processos; e com Barbosa e Horn (2008), no entendimento dos projetos como experiências abertas, nascidas das relações entre crianças, professores, conhecimentos e cotidiano. Metodologicamente, o trabalho organiza-se como relato de experiência, construído a partir da observação participante da professora, de registros escritos e fotográficos, falas das crianças, produções infantis, planejamento docente e da própria trilha pedagógica elaborada durante o percurso. Mais do que registrar uma sequência de atividades, a documentação buscou tornar visível o movimento da investigação: o que mobilizou as crianças, quais perguntas surgiram, quais caminhos foram seguidos, quais permaneceram em aberto e como o planejamento foi sendo refeito no encontro com o grupo. Nesse percurso, o abacaxi deixou de ser apenas fruta servida à mesa e passou a mobilizar observações sobre textura, cheiro, sabor, coroa, sementes, plantio, receitas, moradias, animais e modos de vida, compondo uma rede de relações entre natureza, cultura, brincadeira e conhecimento. As principais conclusões indicam que a trilha pedagógica não opera como roteiro linear, mas como fio que articula currículo vivido, intencionalidade docente e autoria infantil. No Projeto Abacaxi, a documentação permitiu reconhecer que as crianças produziram conhecimentos por meio do corpo, da linguagem, da observação, da brincadeira, da experimentação e da convivência. Também evidenciou que nem todo percurso precisa ser fechado para ter valor pedagógico: pausas, desvios e incompletudes compõem a matéria do tempo na Educação Infantil e revelam a potência de um planejamento que se deixa afetar pelas perguntas das crianças. Assim, documentar o projeto foi também fiar memória, sustentar a escuta e afirmar a escola pública como espaço de investigação, criação e presença das infâncias.

Palavras-chave: Educação Infantil; Documentação pedagógica; Projetos investigativos; Escuta das crianças; Trilha pedagógica.

Referências:

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

OSTETTO, L. E. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, L. E. (org.). **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 13-32.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia:** escutar, investigar e aprender. Tradução de Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

2.7
TECENDO EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ARTE E A NATUREZA COMO EIXOS ORIENTADORES DE PRÁTICAS EDUCATIVAS

Débora Magalhães De Souza França
Renata Rodrigues Chagas Pessoa

O presente trabalho busca jogar luz nas vivências pedagógicas desenvolvidas com um grupamento de crianças de três anos em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) em Niterói/RJ. A questão de pesquisa investiga como a integração entre arte contemporânea indígena, literatura decolonial e elementos da natureza pode ampliar as múltiplas linguagens e a investigação na Primeira Infância, valorizando a pluralidade das infâncias. O objetivo consiste em analisar os impactos da construção de ambientes investigativos e ético-estéticos no cotidiano escolar, articulados aos interesses manifestados pelas crianças. O referencial teórico fundamenta-se na Pedagogia da Escuta e nos postulados de Nego Bispo (Santos, 2023), nas pesquisas sobre planejamento e documentação pedagógica de Ostetto (2008), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010), na concepção de infância negra e ancestralidade de França (2026) e na perspectiva da natureza de Krenak (2019). Metodologicamente, adotou-se uma pesquisa-ação qualitativa baseada na escuta sensível. O percurso organizou-se a partir da observação dos interesses do grupo pelos animais e pela natureza durante os primeiros meses do ano de 2026. Estruturaram-se contextos investigativos na sala de referência por meio da apreciação da arte contemporânea de Daiara Tukano, da exploração sensorial de matérias orgânicas (terra, folhas, sementes, urucum) e do registro da microfauna no cotidiano. O caminho pedagógico baseou-se em registros fotográficos e documentação das produções e falas das crianças. As considerações finais demonstram a potência da transformação da sala de referência em “nosso quintal", fortalecendo a indissociabilidade entre arte, ciência e cultura. A prática reafirma o compromisso ético-político com a decolonialidade, a valorização das matrizes ancestrais e o acolhimento da subjetividade das crianças desde a Educação Infantil.

Palavras-chave: Infâncias. Educação Infantil. Arte e Natureza. Decolonialidade.

Referências:

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2010.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, Piseagrama, 2023.

FRANÇA, D. M. de S. **A criança de Carolina e de Conceição:** infância negra e literatura nas obras Quarto de despejo e Becos da memória. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OSTETTO, L. E. Planejamento na Educação Infantil: mais que atividade, a criança em foco. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, v. 6, n. 16, p. 14-17, 2008.

2.8
INFÂNCIA E LEITURA: MEMÓRIAS LITERÁRIAS, TERRITÓRIOS EDUCATIVOS E CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Claudia Oliveira Fernandes
Claudio Oliveira Fernandes

O texto do artigo em tela apresenta a análise a partir da reflexão sobre a articulação entre o Centro de Educação Infantil (CEI), o Centro Educacional Unificado (CEU) e o território educativo que os compõem, na busca de compreender como essas experiências e vivências auxiliam na constituição da memória literária de crianças pequenas na para a formação desses sujeitos. O relato de experiência se fundamenta na pesquisa, nas observações da prática e da documentação pedagógica, o que se organizou a partir do estudo desenvolvido durante o ano letivo de 2024. O estudo teve como foco o agrupamento de crianças, na faixa etária de dois e três anos de idade, bem como o acompanhamento da Educação Infantil. Diante da perspectiva temática que se apresenta, partimos do pressuposto que as experiências de leitura e literatura não se restringem ao contato com os livros nos espaços formais que constituem a Unidade Educacional tais como sala de referência, ambientes e espaços internos, mas são construídas nas interações que as crianças pequenas estabelecem com diferentes ambientes, espaços e contextos socioculturais que contribuem de suas experiências de leitura em diferentes ambientes e espaços da Unidade Educacional, do Centro Educacional Unificado e do território que o compõem, compreendendo a sala de referência e seus ambientes internos e externos, bem como as áreas externas e os espaços de circulação e convivência coletiva do CEU. A metodologia adotada para o desenvolvimento da proposta pedagógica incluí observações das experiências de leitura nesses diferentes contextos, registros em diário de campo e análise da documentação pedagógica composta por mini-histórias, registros narrativos e fotográficos produzidos no decorrer do ano letivo de 2024. Nesse sentido, possibilitou a ampliação do olhar e do diálogo no âmbito teórico e prático que fundamentam e contextualizam o conceito de território educativo que o compõe a constituição de sentidos das memórias literárias das crianças pequenas. O referencial teórico e os conceitos que sustentam a prática pedagógica descrita nesse relato de experiência perpassam pela ideia de memória literária, experiência de leitura, território educativo e documentação pedagógica, que tem como premissa o diálogo com o Currículo da Cidade (2022), Bosi (1979); Fernandes et al (2025); López (2016); Reyes (2010); Andruetto (2017). Os resultados evidenciam que a circulação das crianças entre os ambientes e espaços do CEI, do CEU e do território amplia as possibilidades de interação com a literatura, favorecendo a construção de vínculos, a produção de sentidos e a constituição de memórias literárias relacionadas às experiências vividas. Conclui-se que a integração entre instituição educativa, equipamentos culturais e território potencializa as experiências leitoras das crianças pequenas, fortalecendo seu direito à cultura, à imaginação e à participação em práticas literárias significativas.

Palavras-chave: Educação Infantil; Leitura; Literatura; Memória Literária; Território Educativo.

Referências:

ANDRUETTO, M. T. **A leitura, outra revolução**. São Paulo: Edições Sesc, 2017.
BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
FERNANDES, C. O; OLIVEIRA, S. C. de; FERNANDES, C. O. Memória, infância e leitura: registros e práticas na educação infantil. **Revista Científico-Pedagógica do Bié**, Bié, v. 5, n. 1, p. 59-75, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.5281/zenodo.16272078. FONSECA, E. Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da Educação Infantil. In: ALVES, C. C. L. (org.). **Interações.** São Paulo: Blucher, 2012.
FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.
LOPES, A. C.T. **Educação Infantil e registro de práticas**. São Paulo: Cortez, 2009.
LÓPEZ, M. E. Os bebês, as professoras e a literatura: um triângulo amoroso. In: BRASIL. **Bebês como leitores e autores**. Brasília: MEC, 2016.
MOTA, G. A. S. da S.; ICHIAMA, G. T. M. Páginas mordidas: a importância do livro nas mãos de bebês e crianças pequenas. **Humanidades e Inovações,** Palmas, TO, v. 10, n. 2, 2023.
RIZZOLI, M. C. Literatura com letras e sem letras na Educação Infantil no Norte da Itália. In: REYES, Y. **A casa imaginária:** leitura e literatura na primeira infância. São Paulo: Global, 2010.
SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA. **Currículo da Cidade**: Educação Infantil. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2022.
SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA. **Orientação normativa de registros na Educação Infantil**. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2022.

2.9
RODAS INVESTIGATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OBSERVAR E VIVER A NATUREZA

Ingrid Conceição da Costa

Este trabalho apresentará parte dos resultados da minha dissertação de mestrado - Rodas Investigativas na Educação Infantil: observar e viver a natureza (Costa, 2025) - que teve como objetivo geral analisar as potencialidades do ensino investigativo a partir de práticas de interação com ambientes naturais na Educação Infantil. A pesquisa surge no meu cotidiano de professora de Educação Infantil, nas observações das crianças, que desde muito pequenas demonstram-se curiosas e observadoras diante dos fenômenos naturais de seu entorno. Percebi a importância das Ciências da Natureza na Educação Infantil e constatei a falta de sua valorização nas escolas. O que fazer diante dessa constatação? Paralisar e aceitar o que é imposto ou pesquisar e procurar fundamentação teórica para basear minha constatação? Pesquisar sobre a minha prática e fundamentá-la foi o caminho escolhido e, por esse motivo, cheguei até o Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Natureza. Em busca de compreender como as práticas investigativas podem ser momentos de vivenciar experiências com a natureza na Educação Infantil. Práticas investigativas em atendimento ao desejo e curiosidade infantil pela interação com o meio ambiente ao redor. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2012), pois visou estar com as crianças para compreender, indagar e interpretar as diversidades de sentidos e significados que o contato com a natureza pode produzir no cotidiano da escola de Educação Infantil. Além disso, a caracterizo como um estudo de caso (Gil, 2008), pois investiga um contexto real em suas particularidades e complexidades. A pesquisa realizada concentra-se em aspectos subjetivos, uma vez que foi na experiência vivida com as crianças que analisou-se a construção de aprendizagens através de seus discursos, comportamentos e experiências em contextos com a natureza. O presente trabalho foi construído um relato sobre as vivências de experiências das crianças, suas falas e a construção de conhecimentos sobre conceitos de Ciências Naturais durante práticas investigativas na Educação Infantil em contato com o ambiente natural. Pensando no cotidiano dos espaços de Educação Infantil, nas experiências que as crianças precisam vivenciar para seu desenvolvimento foi proposto a sequência investigativa: Rodas Investigativas, caracterizadas por momentos de pesquisa sobre assuntos relacionados à natureza que inquietavam as crianças em nosso cotidiano da Educação Infantil. Foram uma sequência de 10 encontros em Rodas, nos quais aconteceram conversas, observações, pesquisas e descobertas sobre aquilo que era assunto de interesse das crianças, que as provocavam o desejo de descobrir, que causava curiosidade, que despertava o desejo de conhecer o mundo.

Palavras-chave: educação infantil; ciências da natureza; curiosidade; pesquisa; investigação.

Referências:

COSTA. I. C. da. **Rodas investigativas na Educação infantil:** observar e viver a natureza. Dissertação (mestrado). Programa de pós-graduação em ensino de ciências da natureza. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

2.10
O AMBIENTE COMO TERCEIRO EDUCADOR E MEDIADOR DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PEQUENAS

Caroline do Nascimento Macedo

Em uma conversa entre professoras da educação infantil, relatar episódios de conflitos entre as crianças costuma ser uma constante e, por vezes, há dificuldades para encontrar estratégias que permitam mediar essas tensões tão comuns a rotina pedagógica. O objetivo deste relato de experiência é afirmar o ambiente da sala de referência como um terceiro educador, na perspectiva da pedagogia Malaguzziana, como estratégia de mediação e resolução de conflitos com um grupo de referência de cinco anos (GREI 5) da educação infantil da Rede Municipal de Educação de Niterói no ano vigente. O grupo em questão, composto por 12 crianças com idade entre cinco e seis anos, de forma geral, sempre manifestou um comportamento dinâmico, autônomo e bastante explorador, mas uma questão sempre me chamou a atenção: o constante surgimento de conflitos, principalmente pela disputa de brinquedos, que pareciam insuperáveis. Diante desta observação e percebendo o quanto essa dinâmica impactava negativamente as relações construídas entre as crianças e os seus processos de desenvolvimento, considerei o potencial do ambiente como um terceiro educador, nas suas dimensões ética e estética, investindo na reorganização dos espaços e tempos na sala de referência e implementando ações como: o estabelecimento de tempos de trabalho somente com pequenos grupos; a disposição de estantes com materiais para uso livre; a implementação de uma proposta de revezamento de atividades entre as crianças; e a implementação de espaços estéticos para ampliação de repertórios lúdicos. Os encaminhamentos foram referenciados pela abordagem pedagógica do educador italiano Loris Malaguzzi. A dimensão ética do ambiente educador (Hoyuelos, 2021) vai ao encontro do compromisso ético e político que defende a criança como sujeito histórico e de direitos (Brasil, 2019) e como protagonista da sua própria aprendizagem. Garantir o pleno desenvolvimento, o protagonismo e a autonomia das crianças no espaço escolar é um dever dos adultos envolvidos em seu processo educativo. Em diálogo com a dimensão ética, a dimensão estética (Hoyuelos, 2020) reflete as intenções contidas num determinado ambiente: mais do que oferecer beleza, um espaço precisa garantir um processo de socialização saudável e respeitoso, afinal, onde há conflitos recorrentes, falta espaço para as brincadeiras, as interações e aprendizagens. A abordagem metodológica foi a da pesquisa qualitativa, na perspectiva da pesquisaformação (Bragança, Prado e Araújo, 2021), que afirma que a relação entre a produção do conhecimento científico e a transformação dos sujeitos envolvidos na pesquisa é indissociável. Neste caso, como sujeitos de pesquisa, entende-se as crianças e a professora em seus processos de socialização. Concluo afirmando que, a partir das estratégias utilizadas, é notória a positiva mudança no comportamento do grupo referido e a ocorrência de conflitos, que antes eram diários e recorrentes, diminui consideravelmente.

Palavras-chave: Ambiente, educador, mediador, crianças.

Referências:

HOYUELOS, A. **A ética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. São Paulo: Phorte, 2021.

HOYUELOS, A. **A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** São Paulo: Phorte, 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: Acesso em: 03 de junho de 2026.

2.11
TERRITÓRIOS EDUCATIVOS: A CIDADE COMO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Olívia Maria da Costa Ferreira

Este relato de experiência apresenta propostas pedagógicas desenvolvidas com crianças de 4 e 5 anos na UMEI Maria Luiza da Cunha Sampaio, em Niterói/RJ, em diálogo com minha pesquisa no Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica do PPGEB/UERJ. O problema que orienta o trabalho é a persistência de muros institucionais que restringem o planejamento a conteúdos predefinidos e distanciam a escola das experiências vividas fora dela. O objetivo é refletir sobre como experiências relacionadas ao brincar e aos espaços vividos podem participar da construção do currículo na Educação Infantil, reconhecendo a cidade como território educativo. O referencial teórico dialoga com Marino (2018; 2021), que compreende o território como espaço educativo para além dos muros da escola; Lopes e Vasconcellos (2005), no campo da Geografia da Infância, que reconhecem as crianças como sujeitos produtores de conhecimento sobre o espaço; Corsino (2012), ao defender um planejamento orientado pela escuta das curiosidades infantis; e Freire (1989), cuja ideia de que a leitura de mundo precede a leitura da palavra sustenta a compreensão da criança como sujeito que interpreta seu entorno. A pesquisa tem abordagem qualitativa e se aproxima da pesquisa-ação, com registros por diário de bordo, fotografias/vídeos, falas e croquis infantis. O interesse das crianças pela rotina urbana vista da janela ampliou o olhar para fora da escola. Inspirados pelo livro Da minha janela, de Otávio Júnior, observamos o entorno da unidade. Ao avistarem veículos com símbolos da prefeitura, as crianças os relacionaram ao uniforme escolar: “É igual o da minha roupa óh!”. Com o Google Street View, revisitamos ruas e trajetos conhecidos, despertando memórias e narrativas de pertencimento: “Eu moro aí”; “Essa é minha rua e esse é meu parquinho”; “Aí é onde a minha mãe recebe”. As investigações continuaram em uma expedição até uma praça do bairro, onde as crianças leram a paisagem urbana a partir de referências afetivas: “Eu vi o ponto que eu pego o ônibus”; “Tinha o morro cheio de casa que é aonde eu moro, lá do outro lado do mar”. Outra experiência foi a pintura coletiva da calçada da escola, como forma de apropriação afetiva do espaço público. Ao observarem os filhos brincando e pintando livremente na rua, familiares retomaram memórias de suas próprias infâncias, aproximando diferentes gerações em torno das experiências de brincar e ocupar a cidade. Como conclusão, compreendemos que o território deixa de ser apenas o lugar onde o currículo acontece e passa a participar de sua construção. Ao observar, brincar, caminhar, perguntar e narrar, as crianças produzem conhecimentos e atribuem sentidos aos espaços que habitam. As experiências
apontam para uma Educação Infantil mais permeável ao cotidiano, à comunidade, às memórias das famílias e, sobretudo, à voz das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil; Currículo; Territórios Educativos; Geografia da Infância.

Referências:

CORSINO, P. Trabalhando com projetos na Educação Infantil. In: SOUZA, G. (Org.). **Educação Infantil:** cotidiano e políticas. Porto Alegre: Penso, 2012.
FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
JÚNIOR, O. **Da minha janela**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. de. **Geografia da Infância:** reflexões sobre uma área de pesquisa. Juiz de Fora: FEME, 2005.
MARINO, L. F. A Cidade e seus Caminhos: o espaço urbano como currículo e itinerário formativo. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), v. 4, n. 3, p. 231-248, 2021.
MARINO, L. F. A falência do modelo escolar tradicional e a necessária construção de uma educação integral e comunitária. **Revista Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 19-30, 2018.

2.12
ENTRE ARTE E NATUREZA: SEMEAR E COLHER PRESENÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alessandra Piedras

Que expressões de ser, de surpreender, de criar e recriar o mundo, de renová-lo, as crianças forjam na escola? Temos olhos para ver? Há pouco mais de 2 anos como professora em uma escola bilíngue de surdos, o cotidiano me convoca incessantemente a exercícios do olhar. Há algo que se esconde? O que se abre à percepção? A maioria das crianças surdas na escola tem famílias ouvintes, o que significa que, em sua maioria, chegam à escola sem uma língua, sem Libras. Criam gestos, combinam gestos para expressões no cotidiano com suas famílias. Que pertencimentos tecem nossas práticas de ser e estar, agir no mundo? As perguntas me põem a caminhar, instigando-me em buscas, provocando aberturas e deslocamentos, em uma prática e investigação educativa que se faz e refaz a partir da experiência, na experiência (Contreras; Perez de Lara, 2010). Na experiência há encontros, acontecimentos. Nela se deu minha acolhida no projeto Semearte, do grupo ArteGestoAção, uma proposta a entrelaçar arte, agroecologia e educação ambiental. Terra, folhas, sementes, pedras, histórias, água, argila, árvores, abraços? abraçar árvores, estar ao ar livre, plantar, cuidar. Nos demos tempo. Tempo para observar as pequenas formigas a caminhar pelos troncos das árvores, pelo chão, por nossas mãos; pequenos olhos a acompanhar a formiga a andar, mãos a virar de um lado a outro. O tempo da menina-formiga, da formiga-menina. Aprender a estar com, a estar, presentes, sensibilizar-se ao que é pequeno, ínfimo. O que se semeia, o que se colhe? Me arvoro em pensar que em nossas experiências semeamos e colhemos presença, correspondência, como delas nos fala Tim Ingold (2018). Plantar, molhar, pintar com água, observar; replantar, cavucar a terra, pintar com barro, com lama; (re)fazer-nos em barro e água? Somos água; somos terra; nos deslocamos em busca de saberes orgânicos, como deles nos fala Antônio Bispo dos Santos (2018). Abrimos espaço e tempo para a exploração, para descobertas, para afetos. Observamos experimentações de possibilidades que se apresentaram, de possibilidades que foram criadas, repetições, recombinações; o contato visual, o desejo de participar, de fazer contato, de comunicar, de sinalizar. Experiências que narro na busca por tecer pertencimentos.

Palavras- chave: Arte; Experiência; Infâncias; Natureza; Presença.

Referências:

CONTRERAS, J.; PÉREZ DE LARA, N. La experiencia y la investigación educativa. In: CONTRERAS, J.; PÉREZ DE LARA, N. (Comps) **Investigar la experiencia educativa**. Madrid: Morata, 2010. p. 21-86

INGOLD, T. The art of paying attention. YOUTUBE. 22 de fevereiro de 2018. Disponível em https://youtu.be/2Mytf4ZSqQs?si=2XBmdZOIm1O-0R7q. Acessado em março de 2026.

SANTOS, A. B. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

2.13
O DESENHO DE SI NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A EXPERIÊNCIA DO AUTORRETRATO COM TURMAS DE UMA PRÉ-ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA-CE

Leandro Da Silva Pereira Junior
Janice Débora De Alencar Batista Araújo

O desejo deste texto é trazer reflexões a partir de vivências permeadas pela linguagem do desenho infantil, tendo o autorretrato como mote poético e expressivo de si, em turmas do infantil IV e V, de um Centro de Educação Infantil (CEI), do município de Fortaleza-CE. Assim, a partir das primeiras ambientações e (re)conexões do início do semestre 2026.1, período de rever os amigos e conhecer seus novos professores, a experiência do autorretrato surgi como meio para alargar e nutrir as relações que serão constituídas ao longo do ano com as turmas. Aqui, a linguagem do desenho dá tônus para pensarmos em possibilidades de construção do conhecimento partindo das histórias, autobiografias (Goldberg, 2016) e representações de si de cada criança. Ainda, através dessa linguagem tão legítima da infância (Derdyk, 2015) podemos conhecer e nos aprofundar nas múltiplas maneiras nas quais as crianças se utilizam para representarem a si, ao outro e ao mundo, bem como suas experiências constituídas em outros espaços e tempos para além da escola (Araújo; Goldberg; Pereira-junior, 2023). Dessa maneira, a linguagem gráfica oportuniza ao docente - que atua na educação infantil -, janelas (auto)representativas de cada singularidade infantil. Nesse caminho linguareiro, as crianças têm o traço, o papel e a cor para dar materialidade aos seus desejos e interesses. Cada desenho, é uma oportunidade de mergulharmos nos conhecimentos e saberes que cada uma delas carrega em si. Assim, é fundamental que a docência acolha essa forma de pensamento-representacional, cheio de vida, potência, criatividade e imaginação (Iavelberg, 2006). Sensibilizados pela complexa e bonita maneira de expressão infantil através do desenho, acreditamos que este é um caminho para constituirmos uma conexão com as nossas crianças e uma porta para adentrarmos o imaginário e as histórias de vida delas. Nesse desejo, trabalhando em parceria, pensamos em organizar um conjunto de vivências no qual o desenho seria linha para costurar momentos de reconhecimento de si entre as crianças do infantil IV e infantil V, tendo as peculiaridades dos dois grupos para pensarmos em estratégias pautadas numa relação horizontal entre infância-docência (Pereira-junior, 2024). A escuta, materializada em rodas de conversas, foi fundamental para organizarmos as escolhas e estratégias e nos encontrarmos em coletividade (Araújo, 2017). Dessa maneira, as narrativas infantis compartilhadas nesses momentos de conversas foram um canal para conhecermos mais cada criança, bem como um caminho para a conjugação entre oralidade e a inserção do aprendizado do nome próprio. Aqui, a escrita não acontece de maneira isolada, mas como um importante recurso para que ela amplie o seu autorreconhecimento. Assim, nessa tríade entre escuta-desenho-escrita buscamos dar mais significado a cada linguagem, em uma relação cíclica, onde cada linguagem nutre a outra.

Palavras-chave: Desenho infantil. Autorretrato. Educação infantil.

Referências:

ARAÚJO, J. **Tia, deixa eu falar!** Os sentidos atribuídos por crianças da pré-escola à roda de conversa em um centro de educação infantil do município de Fortaleza. 2017. 239f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017.

DERDYK, E. **As formas de pensar o desenho**. São Paulo: Zouk, 2015.

GOLDBERG, L. **Autobiografismo:** desenho infantil e biografização com crianças em situação de acolhimento institucional. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016.

IAVELBERG, R. **O desenho cultivado da criança**: prática e formação de educadores. São Paulo: Zouk, 2006.

PEREIRA JUNIOR, L. da S. **As linguagens poéticas das crianças na Educação Infantil:** seus meios de ser, imaginar e expressar sentidos. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

2.14
ARTESANIAS: MODOS OUTROS DE TECER A DOCÊNCIA E A FORMAÇÃO

Jane Marchon Cordeiro Celestino
Roberta Dias de Sousa
Juliana Ferreira dos Santos Cordeiro

O presente trabalho apresenta a artesania do feito à mão como potência criativa que ressignifica os territórios e modos outros de tecer à docência e a formação. Compreendendo a infância como espaçotempo de múltiplas linguagens (Malaguzzi, 2016), que muitas vezes, não tem seu potencial criativo respeitado, percebemos a importância de tecer o diálogo sobre as linguagens possíveis na
Educação Infantil, envolvendo professoras e crianças para que juntas possamos construir um processo colaborativo para e com elas. Tendo como territórios dos encontros os municípios de Niterói e de Itaboraí, temos pensado mesmo que com grupos diferentes, a estética, a arte e o artesaniar como caminhos para repensar o espaço escolar. Em Niterói temos utilizado materiais diversos, para construir os movimentos criativos, além do bordado e da costura que vem encantando cada vez mais os pequenos. Este processo de encantamento se dá, quando as professoras não apresentam algo pronto para as crianças, mas seguem compondo com elas, por elas. Este percurso tem nos mostrado ainda, que não temos o controle absoluto, como diz (Sennet, 2013), pois ao pensarmos com elas (as crianças), não sabemos ao certo que conhecimentos serão construídos, ao nos abrirmos à imprevisibilidade da experimentação das materialidades ofertadas às crianças. No município de Itaboraí esse movimento se fortalece entre as professoras e a coordenadora pedagógica na formação entrepares, compreendendo que experienciar esses modos outros de saberfazer, favorece a formação estética para as sensibilidades do olhar, a atenção de escutar a si mesma e a outros, arriscando-se a um não saber
freireano de inacabamento (Freire, 1996), arriscando-se a saberfazer de modos outros. Assim, as professoras abrem-se a ousadia crianceira de sermos outros (Barros, 1998) se lançam nas artesanias, compreendendo seus processos formativos estético como impulsionador do que ofertamos as crianças nos encontros cotidianos. Entendemos desse modo, que tanto as crianças, que são ávidas pela novidade, como com as professoras, que se permitem ao desconhecido, ao ampliar esse repertório estético abrem-se a possibilidade de criação e reflexão. Uma construção pautada no diálogo, no encontro e na partilha, constituindo-se em uma experiência coletiva.

Palavras-chave: Artesanias, Educação Infantil, Docência.

Referências:

BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998
FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 59-104.
SENNETT, R. **Artesanía, tecnologia y nuevas formas de trabajo**. Barcelona: Katz/CCBB, 2013.

2.15
O QUE NARRAM AS CRIANÇAS SOBRE O PÁTIO NATURALIZADO? POR ENTRE OS FIOS DO MUNDO SOCIAL E NATURAL EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA/CE

Francisca Paloma Almeida Vital
Leandro da Silva Pereira Junior

Este texto deriva de uma pesquisa sobre o projeto “Pátios Escolares Naturalizados na cidade de Fortaleza", constituído a partir das perspectivas de crianças, docentes e gestores. Para isso, foi realizado um recorte com a intenção de revelarmos o que pensam e narram as crianças sobre esse espaço ao ar livre. Assim, identificamos e analisamos as percepções das crianças, de uma turma do Infantil V, de um pré-escola pública do município de Fortaleza, por meio de suas narrativas verbal e gráfica acerca do pátio escolar naturalizado. Esse ambiente visa promover a relação das crianças com a natureza e ampliar a presença de áreas verdes nas escolas. Como metodologia elegemos a pesquisa (auto)biográfica com crianças, uma vez que esse tipo de pesquisa busca romper com a visão adultocêntrica ao validar e legitimar a reflexão das crianças sobre suas próprias experiências (Passeggi et al., 2018). Partindo desse contexto, essa pesquisa foi desenvolvida em um Centro de Educação Infantil no bairro Itaperi, na cidade de Fortaleza, na qual após alguns dias de observação do tempo da rotina de brincar ao ar livre, convidamos 5 crianças para conversar sobre o que elas fazem no quintal. Nas análises das narrativas percebemos que as crianças representam o quintal como lugar de brincadeira, de fantasia e de exploração: *Eu também brinco com a Ester e a Maria Valentina de subir na corda e se balançar. A gente sobe na ponte e sobe na corda e balança - depois pula*. (Ana Júlia, 6 anos); *A gente corre e brinca de monstro. Sabe, brincar de monstro? É assim - a gente corre e uma pessoa tem que ser o monstro. E o monstro tem que pegar a gente.* (Ana Lívia, 6 anos); *Se o monstro pegar alguma criança, a pessoa cai no chão e morre. Aí vira zumbi* (Maria Valentina, 5 anos); *Não, vira monstro - ai ajuda o monstro a pegar as crianças* (Elton, 5 anos); *Eu gosto de brincar de monstro e não tenho medo. É brincadeirinh*a. (Ana Júlia, 6 anos). Aqui as crianças narram suas brincadeiras preferidas, de modo que nos possibilitam compreender que o quintal é um lugar de exploração, de maravilhas cotidianas, de improvisar brincadeiras e viver experiências com os amigos. *A gente sobe nas árvores, sabia?* (Ana Júlia, 6 anos); *Eu nem sabia subir na árvore, mas agora eu sei, pois tenho 6 anos. Você precisa se segurar forte e depois colocar os pés nos galhos para subir.* (Ana Lívia, 6 anos); *Você senta e se segura e pode deitar, mas só um pouquinho para não cair.* (Ana Júlia, 6 anos); *Eu não sei - eu tenho medo.* (Elton, 5 anos). Já nesses trechos, as crianças revelam que se sentem parte e pertencentes a esse lugar, sendo possível perceber a intimidade que as crianças têm com o mundo natural ao escalarem as árvores e associarem esse momento à idade. Por fim, a relação com a natureza exige uma outra forma de ser e estar dos humanos, afastando-os progressivamente da anestesia e do aligeiramento, para que exista o aprofundamento verdadeiro desta relação.

Palavras-chave: Crianças. Narrativas. Pátios Escolares Naturalizados.

Referências:

PASSEGGI, M. da C.; FURLANETTO, E. C.; CONTI, L. de; CHAVES, I. E. M.; GOMES, M. de O.; GABRIEL, G. L.; ROCHA, S. M. da. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Educação**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 85?104, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/11345. Acesso em: 27 ago. 2026.

2.16
EXPERIÊNCIAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS DE LETRAMENTO NO COTIDIANO DA CRECHE

Liliane Feliciano Alves

Este trabalho relata experiências de leitura e escrita desenvolvidas, em 2026, com uma turma de Maternal 1 da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. A proposta surgiu após uma pesquisa institucional com os responsáveis revelar expectativas relacionadas à aprendizagem de letras, números, leitura e escrita. Diante disso, formulou-se o seguinte problema: como promover experiências significativas de leitura e contato com a linguagem escrita, respeitando as especificidades da Educação Infantil e sem antecipar a alfabetização formal? O objetivo foi analisar possibilidades de inserção da leitura e da escrita no cotidiano da creche, articulando-as às brincadeiras, interações, diferentes linguagens, literatura, território, famílias e experiências culturais do grupo. O referencial teórico fundamenta-se na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, na Base Nacional Comum Curricular, no Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal do Rio de Janeiro e nas contribuições de Magda Soares sobre alfabetização e letramento. Metodologicamente, o trabalho caracteriza-se como relato e análise de uma experiência pedagógica, construída a partir da observação e dos registros das falas, hipóteses, interações, produções e vivências das crianças, com participação das famílias. Foram desenvolvidas propostas como a organização do ambiente, a construção do alfabetário, o reconhecimento dos nomes, a criação do espaço de leitura "Jardim Encantado", contações de histórias, leitura de imagens, rodas de conversa, painéis, registros realizados pela professora, receitas e experiências relacionadas ao território e às culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras. As experiências demonstraram que a leitura e a escrita podem ocupar um lugar significativo na Educação Infantil quando relacionadas a situações reais de comunicação, expressão, identificação, organização e preservação das memórias do grupo. Evidenciaram também a importância da mediação docente, da organização do ambiente, das múltiplas linguagens e do diálogo com as famílias. Não se conclui que as crianças foram alfabetizadas, pois esse não era o objetivo, mas que ampliaram suas oportunidades de contato com a cultura escrita e de participação em práticas sociais de linguagem. Conclui-se que é possível inserir leitura e escrita no cotidiano da creche sem antecipar a alfabetização, reconhecendo as crianças como sujeitos ativos e respeitando seus tempos, interesses, experiências e modos próprios de aprender.

Palavras-chave: Educação Infantil, Letramento, Leitura e escrita, Práticas pedagógicas, Cultura escrita, Creche.

Referências:

BRAGA, D.; PEREIRA, A.; BARBOSA, R. **Leitura e escrita no currículo e nas práticas da Educação Infantil:** um estudo de caso de Belo Horizonte (MG). Educar em Revista, Curitiba, 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2013.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Básica. **Currículo e linguagem na Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB/DEP, 2016. 124 p. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, v. 3).

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Básica. **Linguagem oral e linguagem escrita na Educação Infantil**: práticas e interações. Brasília, DF: MEC/SEB/DEP, 2016. 69 p. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, v. 6).

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 797-818, out. 2006.

RIO DE JANEIRO (RJ). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo Carioca**: Educação Infantil. Rio de Janeiro: SME, 2020.

RIO DE JANEIRO (RJ). Secretaria Municipal de Educação. A **leitura literária como lugar de encontros:** os fazeres possíveis e necessários em literaturas nas infâncias. Rio de Janeiro: SME, 2026.

RIO DE JANEIRO (RJ). Secretaria Municipal de Educação**. Guia: Educação para as Relações Étnico-Raciais**: ERER na prática. Rio de Janeiro: SME, 2026.

RIO DE JANEIRO (RJ). Secretaria Municipal de Educação. **Leitura e escrita na Educação Infantil:** do compromisso à prática. Rio de Janeiro: SME, 2024.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

2.17
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO “SEMENTES DO BRINCAR: CULTIVANDO INFÂNCIAS E SABERES”

Fabiana Mendonça Lima
Acreciana de Sousa Melo

Este trabalho relata a experiência de um projeto de extensão, em andamento, intitulado “Sementes do brincar: cultivando infâncias e saberes”, vinculado a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Regional do Cariri – URCA. Dessa forma, esta reflexão vincula-se a Temática: Tramas da Educação Infantil. Tem como objetivo principal promover reflexões acerca das experiências lúdicas, sensíveis e de interações com a natureza das crianças da Educação Infantil de uma escola pública da região do Cariri, mais especificamente da cidade de Crato-CE. O projeto reconhece a brincadeira como uma linguagem estruturante da cultura infantil, visando uma experiência sensível com o brincar e a revitalização de brincadeiras tradicionais da comunidade. Além disso, intenciona aperfeiçoar a formação dos alunos da URCA, desenvolvendo a formação prática, a criatividade, a sensibilidade e o senso crítico, por meio de estudos e experiências significativas. Em acordo com os teóricos contemporâneos da infância e com os documentos norteadores das práticas pedagógicas na Educação infantil, entende-se o brincar como uma linguagem própria da infância e como atividade essencial para o desenvolvimento integral das crianças (Brasil, 1996), além de ser o eixo estruturante das práticas pedagógicas na Educação ,Infantil (Brasil, 2009). Conforme Kishimoto (2024), o brincar é elemento estruturante da cultura infantil, reconhecido como prática social e cultural. Na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, a brincadeira é entendida como espaço de criação e de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Nesse sentido, o debate acerca do brincar com e na natureza tem apresentado cada vez mais destaque a partir da discussão de “desemparedamento da infância” como defende Léa Titiba (2021). O projeto está sendo desenvolvido com formação que reflita a práxis docente , por meio de estudos, vivências e oficinas sobre o brincar e as infâncias e intervenção na instituição, com a realização de experiências com as crianças, contemplando: o brincar com elementos da natureza; o brincar sensível; o brincar de faz de conta e o brincar envolvendo as brincadeiras tradicionais da comunidade local. Dessa forma, já tem-se algumas conclusões preliminares: o projeto traz o fortalecimento do brincar na instituição atendida; o aperfeiçoamento da formação dos alunos do Curso de Pedagogia da URCA; a consolidação da articulação ensino, pesquisa e extensão como espaço de diálogo, transformação e construção coletiva do saber, reafirmando assim o compromisso social da universidade com a sociedade e com a qualidade da Educação Infantil.

Palavras-chave: Brincar. Natureza. Educação Infantil

Referências:

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal n.o 9.394, de 26/12/1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução No 5, de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, 2009.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2024.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria:** em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

VIGOTSKY, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança.** Tradução de Zoia Prestes. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, n.11, p. 23-36, jun. 2008.

2.18
NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL, MÚLTIPLAS EXPERIÊNCIAS COM A LITERATURA INFANTIL: MOVIMENTAÇÕES DE UMA INSTITUIÇÃO DE GOIÂNIA (GO)

Sabrinna Rodrigues Rezende

A Literatura, enquanto "[...] arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra" (Coelho, 2000, p. 27), constitui um direito humano fundamental, sendo imprescindível para a humanização dos diferentes sujeitos sociais (Candido, 2011). Nesse prisma, advogo por propostas efetivas, intencionalmente organizadas com as crianças desde bebês, pelos territórios de Educação Infantil, com vista a garantir a esse público vivências de acesso à Literatura, considerando diferentes gêneros, repertórios e vivências. Assim, o presente relato se constitui a partir da questão: Como diferentes projetos/propostas institucionais podem constituir possibilidades de encontro das crianças com a Literatura no cotidiano da Educação Infantil? Para tal, objetivamos refletir criticamente sobre diferentes possibilidades de acesso e promoção da leitura literária com/para as crianças desde bebês em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), de Goiânia (GO). Nesse viés, aludimos as vivências/experimentações em torno do literário no CMEI Alto da Glória, com 25 crianças entre 4 e 5 anos, em 2025. No âmbito do agrupamento, as vivências com a Literatura Infantil fizeram parte do cotidiano por meio da Casinha da Leitura, espaço construído com as crianças e mantido com livros acessíveis, que podiam serem escolhidos, manuseados e explorados livremente e das Rodas de Histórias, nas quais foram compartilhadas diferentes obras, autores(as) e gêneros literários. Institucionalmente, esse agrupamento vivenciou o projeto Cantos e Contos, que tinha a intencionalidade de ampliar a presença da Literatura Infantil no espaço educacional, reunindo quinzenalmente crianças de diferentes agrupamentos para vivências de nutrição estética em torno do literário. As propostas foram realizadas por diferentes profissionais e envolveram leitura em voz alta, contação de histórias, dramatização, música e outras linguagens. Nesse contexto, a contação de história constituiu uma forma distinta de acesso à Literatura, marcada pela oralidade e pela presença do contador(a), que mobilizava voz, corpo, gestos, objetos e interação com as crianças. Dessa maneira, as experiências literárias vivificadas na instituição não se encerraram ao final de uma ou outra proposta, afinal constantemente as crianças retomavam personagens, comentavam acontecimentos das narrativas, e reconheciam no âmbito da contação de histórias elementos que caracterizavam as personagens. Por fim, evidenciamos que as propostas contribuíram para o acesso das crianças aos livros/narrativas, com vista a (re)constituição dessas enquanto leitoras desde bebês. E ainda, que esses projetos/propostas devem ganhar espaço no Projeto Político Pedagógico da instituição, se tornando permanentes e ganhando a cada execução novos contornos para melhor ampliar o repertório literário de professores(as) e crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil; Literatura Infantil; Crianças; Contação de Histórias.

Referências:

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5o ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-191.

COELHO, N. N. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. 7o ed. São Paulo: Moderna, 2000.

2.19
NARRATIVAS POÉTICO-FOTOGRÁFICAS NO ENCONTRO ENTRE CRIANÇAS E FORMAS OUTRAS DE VIDA: INVENTARIANDO A PRÁTICA DOCENTE

Michele Costa Pereira

O presente relato decorre de uma pesquisa de mestrado (em andamento no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense), que vem sendo tecida a partir do objetivo de revelar a dimensão sensível-poética da documentação fotográfica na Educação Infantil, articulando prática docente, experiência estética, memória, documentação e narrativa autobiográfica. O problema da pesquisa nasce do desejo da docente-pesquisadora por compreender como suas experiências de vida e formação reverberam na prática docente e na mediação das pesquisas das crianças ao ar livre. Busca-se, assim, refletir sobre a relação das crianças e da professora com a terra, as árvores e as vidas outras no quintal do Espaço de Desenvolvimento Infantil, e sobre o papel da documentação pedagógica no fazer docente. O percurso metodológico utiliza-se do inventário de registros visuais como dispositivo de produção de dados, denominados por Gomes (2003) de Inventário Poético. Este movimento é desenhado pelas ações de localizar, reunir e organizar imagens capturadas no momento de comunhão das crianças com o quintal, através do olhar atento e sensível da professora, que realizou os registros no período entre 2021 e 2025. Desenhada no movimento de caminhar para si, inspirado em Josso (2010), a pesquisa aponta para percursos pedagógicos atravessados pelas histórias de vida e formação estética docente (Ostetto, 2019), como elementos fundamentais para cultivar olhares disponíveis às múltiplas formas de se relacionar com o mundo físico e cultural e expressá-lo. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, até o momento, seus resultados e discussões estão efetivados no exercício de rememorar o percurso de vida e formação da autora-pesquisadora, constituindo a primeira parte da investigação, tecendo a escrita memorialística. Há indícios de que a formação estética ao longo da vida da professora que narra, dá suporte para as ações docentes com as crianças, marcadas pelo olhar atento, sensibilidade estética e gosto pelo registro fotográfico.

Palavras-chave: Documentação fotográfica. Prática Docente. Narrativas autobiográficas. Infâncias e Natureza.

Referências:

GOMES, L. V. **Caminhar é encontrar:** inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. 2023. Disponível em: https://app.uff.br/riuff/handle/1/32531 Acesso em: 03/04/2026.

JOSSO, M-C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

OSTETTO, L.E. Esse in anima: formação docente em deslocamento. Trabalho encomendado, apresentado no GT 07, na **39a Reunião Nacional da ANPED,** 2019. Disponível em: https://anais.anped.org.br/sites/default/files/gt07_trabalho_encomendado_formatado_39_rn_-_2_luciana_esmeralda_ostetto.pdf

2.20
IMAGENS E SENTIDOS DO CUIDADO NO FAZER DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Francisca Vanderlucia Ribeiro Rainha

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações de cuidado no contexto da Educação Infantil, compreendendo seus fundamentos, suas manifestações no cotidiano pedagógico e seus sentidos no fazer docente. Parte de uma perspectiva feminista que problematiza os processos históricos e sociais de desvalorização do cuidado, muitas vezes associado ao trabalho feminino e, por isso, invisibilizado e desqualificado. A pesquisa dialoga com os campos dos Estudos Feministas, da Pedagogia da Infância e da Sociologia da Infância, reconhecendo bebês e crianças pequenas como sujeitos de direitos, potentes e produtores de cultura. Defende-se o cuidado como dimensão central, ética, política e educativa do trabalho docente, compreendendo que, na Educação Infantil, cuidar e educar são ações indissociáveis. Historicamente, as relações de cuidado foram marcadas pela divisão sexual do trabalho e pela ideia de que cuidar seria uma característica naturalmente feminina. Autoras como Badinter (1985), Brugère (2023), Finco, Gobbi e Faria (2015), contribuem para desnaturalizar essa concepção e compreender o cuidado como responsabilidade social e coletiva. Em sua dimensão ética, cuidar envolve atenção, escuta, sensibilidade, preocupação e compromisso com o outro. Em sua dimensão política, significa reconhecer o cuidado como trabalho essencial para a vida e enfrentar desigualdades construídas historicamente. Na dimensão educativa, implica superar a separação entre corpo e mente e entre cuidar e educar, reconhecendo momentos de alimentação, higiene, sono, acolhimento, brincadeira e interação como parte do processo educativo e do desenvolvimento integral das crianças. A pesquisa possui abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão de literatura e análise da documentação pedagógica (Dahlberg; Moss; Pence, 2003). Foram utilizadas fotografias do acervo pessoal docente, produzidas entre 2021 e 2025, entendidas não apenas como ilustrações, mas como registros capazes de produzir sentidos e revelar aspectos das práticas cotidianas. A documentação pedagógica possibilita olhar novamente para as experiências vividas, interpretá-las e dar visibilidade às diferentes formas de cuidado presentes no fazer docente. Por meio das imagens, busca-se compreender como o cuidado se manifesta nos pequenos detalhes, nos gestos, nas relações e nas formas de escuta e atenção oferecidas aos bebês e às crianças pequenas. As reflexões desenvolvidas permitem compreender o cuidado como uma construção histórica e plural, constituída por diferentes sentidos e práticas. No cotidiano da Educação Infantil, ele está presente nas relações com bebês, crianças, famílias, profissionais e espaços que compõem o ambiente educativo (Brasil, 1994, 2009, 2010; Campos, 1994). Cuidar não se reduz ao atendimento das necessidades físicas, mas envolve reconhecer o outro em sua singularidade, respeitando seus tempos, necessidades e diferentes formas de expressão. Cuidar é ação, compromisso e parte constitutiva da profissão docente, contribuindo para uma Educação Infantil mais sensível, justa e humanizadora, comprometida com os direitos e com a formação integral de bebês e crianças pequenas.

Palavras-chave: Cuidado; Educação Infantil; Documentação pedagógica; Infância; Prática docente.

Referências:

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. **Nossa creche respeita os direitos fundamentais das crianças**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.

BRASIL. **Critérios de atendimento de uma creche que respeita os direitos fundamentais das crianças.** Brasília:MEC/COEDI, 2009.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC, 2010.

BRUGÈRE, F. **A ética do cuidado.** São Paulo:Editora Contracorrente, 2023.

CAMPOS, M. M.. Educar e cuidar: questões sobre o perfil dos profissionais de educação Infantil. In: BRASIL. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. MEC/COEDI; Brasília, 1994.

DAHLBERG, G., MOSS, P., PENCE, A. Documentação pedagógica: uma Prática para a Reflexão e para a Democracia. In: **Qualidade na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FINCO, D.; GOBBI, M. A.; FARIA, A. L. G. de (org.). **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora.** Campinas: Edições Leitura Crítica; ALB, 2015.

2.21
CORPO E LINGUAGEM NA EXPERIÊNCIA ESCOLAR DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Dayane Cabral Leite
Maria Angélica Augusto de Mello Pisetta

“O mais importante do bordado é o avesso /O mais importante em mim é o que eu não conheço” (Jorge Vercillo e J. Veloso). Através da partilha de cenas cotidianas de crianças bem pequenas (dois e três anos), interrogamos como o processo de constituição do sujeito aparece nos documentos oficiais do MEC, seja em relação aos processos de maturação biológica, seja em relação aos processos cognitivos. As tramas que articulam essa abordagem ganham corpo à medida que comparamos os instrumentos de acompanhamento da saúde e da educação com os aportes teóricos do desenvolvimento. A Caderneta da Criança fornece o mapeamento dos marcos maturacionais e motores, e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC baliza os direitos de aprendizagem e os campos de experiências. Por sua vez, as teorias do desenvolvimento conferem sustentação ao processo de constituição do sujeito. É no entrecruzamento dessas três esferas que a discussão busca compreender a singularidade da criança de 2 a 3 anos. Para fundamentar essa reflexão, faremos a articulação entre os aportes teóricos à práxis pedagógica, por meio de extratos de vivências em sala de aula com crianças bem pequenas, demonstrando como o encontro com o Outro na escola potencializa a transição da criança da esfera orgânica para a esfera do sujeito desejante e social. Metodologicamente, a pesquisa entrelaça a análise documental e teórica ao compartilhamento de extratos de cenas cotidianas vivenciadas com crianças bem pequenas. Partilhar esses fragmentos do dia a dia transpassa o mero ato de narrar, provocando uma cisão no modo tradicional de perceber o desenvolvimento infantil. Conclui-se que o entrecruzamento dessas esferas revela a singularidade do desenvolvimento humano: a escola não é mero cenário de observação maturacional, mas o tear vivo onde a prontidão neurológica, os direitos de aprendizagem e o laço social se alinhavam, tecendo a transição do corpo biológico para o sujeito social.

Palavras-chave: Educação infantil; Linguagem; Caderneta da criança; BNCC; Constituição do sujeito.

Referências:

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Caderneta da Criança**: passaporte da cidadania. Brasília: Ministério da Saúde, 2024.

ERIKSON, E. **Infância e sociedade**. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1971.

PISETTA, M. A. A.. Linguagem e cotidiano escolar: contribuições da psicanálise. In: LEHMANN, L. de M. e S.; COUTINHO, L. G. (org.) **Psicologia e educação:** interfaces. Niterói/ Editora da UFF, 2014.

2.22
DO CHÃO DO QUINTAL AO PENSAR CIENTÍFICO: CONTRACOLONIALIDADE E A REORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NATURAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ana Clara de Sousa Freire
Adriana Martins Cerqueira
Olivia Maria da Costa Ferreira

O presente relato de pesquisa investiga as transformações pedagógicas ocorridas na UMEI Maria Luiza da Cunha Sampaio (Niterói, 2024, 2026), a partir da articulação de dois projetos instituintes contínuos. O problema que norteia esta investigação surge de uma inquietação prática e decolonial: que experiências são possibilitadas ou limitadas pela forma como os espaços naturais são organizados e mediados na Educação Infantil? Observou-se inicialmente que as interações na horta e no jardim sensorial da escola ofereciam poucas possibilidades de exploração ativa, restringindo-se à contemplação, num reflexo do emparedamento adultocêntrico que afasta as crianças da natureza. Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar de que maneira a intervenção e a reorganização do espaço externo no Quintal de Afetos deslocou a intencionalidade pedagógica para uma experiência de exploração autoral, unindo o resgate da ancestralidade ao desenvolvimento do pensar científico. O referencial teórico articula o ambiente como terceiro educador, proposto por Loris Malaguzzi (2016), à perspectiva contracolonial de Antônio Bispo dos Santos (2023), que compreende o quintal como a parte mais necessária da morada e o território fundamental para a aprendizagem de saberes orgânicos. Além disso, fundamenta-se em conceitos trazidos por Lea Tiriba e Christiana Profice (2023), que concebem o desemparedamento das infâncias como uma ruptura política com a cosmofobia urbana, inspirando-se nas culturas indígenas para permitir que a criança conheça o mundo ativamente através de seu corpo, em estado de liberdade e alegria. A metodologia caracteriza-se como qualitativa e exploratória, baseada em uma intervenção que passou a ofertar elementos naturais não estruturados (terra, água, areia) em diálogo com ferramentas investigativas, como microscópios de mão e blocos magnéticos. A produção de dados ocorreu via observação participante e documentação pedagógica (diários de campo, fotografias/vídeos e escuta das crianças). Como principais conclusões, o estudo evidencia que a intencionalidade na reorganização dos espaços externos desempareda as infâncias e transforma o quintal em um laboratório vivo. Ao romper com a lógica colonial de confinamento, o ambiente constitui a aprendizagem, garantindo à criança o direito de investigar o mundo físico a partir de suas raízes e da intimidade com o território.

Palavras-chave: Educação Infantil; Desemparedamento; Contracolonialidade; Pensamento Científico; Quintal de Afetos.

Referências:

EDWARDS, C.; FORMAN, G.; GANDINI, L. **As cem linguagens da criança**. Volume 1: A abordagem de Reggio Emilia na Educação Infantil. Porto Alegre: Penso, 2016.

NITERÓI. UMEI MARIA LUIZA DA CUNHA SAMPAIO. **Projeto Instituinte 2024**: Ancestralidades e o resgate da cultura do quintal. Niterói: SME, 2024.

NITERÓI. UMEI MARIA LUIZA DA CUNHA SAMPAIO. **Projeto Instituinte 2026**: Curiosos por Natureza: uma aventura científica no Quintal de Afetos. Niterói: SME, 2026.

SANTOS, A. B. dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023.

TIRIBA, L. PROFICE, C. C. Desemparedar infâncias: contracolonialidades para reencontrar a vida. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 56, p. 89-112, maio/ago. 2023.

2.23
CONSTRUINDO UMA ESCOLA PARA AS INFÂNCIAS: ENTRE REINVENÇÕES E POSSIBILIDADES

Gabriela Elmor Gonçalves
Camille da Silva Oliveira

Esta tessitura constitui um relato reflexivo acerca da experiência vivida por duas professoras substitutas do setor de Educação Infantil do CAp-UFRJ, em um espaço provisório que convocou uma tarefa que ultrapassa a organização de uma sala ou rotina: era preciso fazer uma escola. Para garantir a continuidade do segmento para crianças de 2 a 4 anos, em julho de 2026, a UFRJ viabilizou provisoriamente o atendimento de três novos grupos no antigo Clube dos Empregados da Petrobras, no Fundão. Contudo, não havia sido concebido para funcionar como instituição escolar e para acolher crianças pequenas. Diante disso, perguntamos: o que é preciso para fazer uma escola que acolha as infâncias? Como construir um cotidiano pedagógico comprometido com as crianças em um espaço marcado pela improvisação e precariedade? O que pode uma escola quando precisa ser inventada e habitada? O objetivo deste trabalho é compartilhar os movimentos de (re)existência e construção coletiva produzidos nesse contexto, refletindo sobre os desafios de organizar espaços, tempos, materiais e relações em uma escola em construção. O percurso teórico dialoga com os estudos da infância e da Educação Infantil, compreendendo as crianças como sujeitos de direitos e participantes da produção de seus cotidianos (Kramer; Motta, 2010; Antonio; Tavares, 2019), e com perspectivas que reconhecem o espaço como dimensão pedagógica das experiências infantis (Horn, 2004; Edwards; Gandini; Forman, 1999). Metodologicamente, o trabalho se constitui a partir da narrativa de professoras (Clandinin; Connelly, 2011), relatos reflexivos, experiências vividas, observações, conversas diárias (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2023) e reflexões coletivas durante a organização do novo espaço. Para além de adequar uma estrutura, questionamos o que aquele lugar pode se tornar para as crianças. (Re)organizar ambientes, selecionar materiais e inventar possibilidades para o brincar, o movimento, a exploração e os encontros tornaram-se constitutivos do fazer pedagógico. A experiência, ainda em curso, permite compreender: fazer uma escola para as infâncias não significa ocupar um prédio, organizar salas com mesas e cadeiras baixas ou dispor de riscantes e papéis. Significa produzir condições para que as crianças possam habitá-la com segurança, movimento, imaginação e liberdade. Mesmo em meio às adversidades, a vivência revela a potência da ação coletiva e da reinvenção cotidiana. Entre limites, ausências e possibilidades, compreendemos que uma escola também pode nascer de gestos de cuidado, escuta e compromisso que transformam um espaço provisório em lugar de pertencimento, descoberta e encontro. A construção cotidiana do grupo em que compartilhamos a docência tem se enraizado no acolhimento das infâncias e na disponibilidade para criar, dialogar e recomeçar, fazendo do trabalho docente uma prática coletiva de resistência e reafirmando o compromisso com uma educação pública de qualidade.

Palavras-chave: Educação Infantil; Docência; Escola; Infâncias.

Referências:

ANTÔNIO, S.; TAVARES, K. **A poética da infância**: conversas com quem educa as crianças. 2. ed. São Paulo: Editora Passarinho, 2019.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.Porto Alegre: Penso, 2015.

HORN, M. G. S. **Sabores, Cores, Sons, Aromas:** a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Penso, 2004.

KRAMER, S.; MOTTA, F. M. N. Criança. In: OLIVEIRA, D.A., DUARTE, A. M. C., VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação; 2010. 1 CD-ROM.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não?. 2. ed. Rio de Janeiro: Ayvu, 2023.

2.24
INSERÇÃO DA LITERATURA AFETIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES ÁVIDOS

Pablo Marcel de Morais Lima

O presente trabalho discute a relevância da literatura na primeira infância, com ênfase nos anos iniciais da Educação Infantil. O objetivo geral é analisar de que maneira a inserção afetiva e lúdica da literatura pode contribuir para a constituição de novos leitores ávidos, cujos hábitos integrem sua subjetividade e personalidade. Metodologicamente, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa por meio de revisão bibliográfica de produções científicas recentes localizadas na plataforma Google Acadêmico. A fundamentação teórica alinha-se às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010), evidenciando o letramento literário como direito e vetor de socialização. O estudo discute as contribuições de Micarello e Baptista (2018) sobre a necessidade de qualificar as mediações promovidas no cotidiano escolar, priorizando a experiência estética com o texto e seus suportes físicos. Ademais, ancora-se em Rodrigues (2015) para demonstrar que a leitura auxilia a criança a compreender o mundo, enriquecendo os aspectos cognitivos e psicológicos. Diante de um cenário contemporâneo marcado por práticas excessivamente didáticas e pautadas na cobrança performática, o trabalho denuncia o distanciamento do cultivo do prazer pelos livros. Conclui-se que a formação de leitores ávidos na infância depende da consolidação de momentos literários preciosos, lúdicos e livres de pressões institucionais, assegurando que o ato de ler se constitua como um elemento estruturante da identidade e do prazer das futuras gerações.

Palavras-chave: Literatura; Educação Infantil; Formação de Leitores; Qualificação Profissional.

Referências:

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

MICARELLO, H.; BAPTISTA, M. C. Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente. **Educar em Revista**, v. 34, n. 72, p. 169-186, nov./dez. 2018.

RODRIGUES, S. M. A prática de leitura na educação infantil como incentivo na formação de futuros leitores. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 6, n. 2, p. 241-249, jun./jul. 2015.

2.25
RELATOS DE PRÁTICAS SOBRE ESCUTA DIÁRIA DAS CRIANÇAS NO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lohane Maísa Marques Pereira

Este artigo discute a importância da escuta das crianças na construção do planejamento pedagógico na Educação Infantil. Tem como base o relato de prática de uma professora negra que atua em uma escola periférica da rede municipal de São Paulo, com uma turma multietária e a análise dos registros nos diários de bordo. Parte-se da compreensão de que a criança é sujeito de direitos, produtora de cultura, saberes, hipóteses e formas próprias de interpretar o mundo a partir de suas interações, o que exige práticas pedagógicas que reconheçam sua participação ativa no cotidiano educativo. O objetivo geral foi compreender como a escuta diárias das crianças contribuem para a construção do planejamento pedagógico na Educação Infantil. Como objetivos específicos, buscou-se: identificar como a escuta das crianças aparece no cotidiano de uma turma de Educação Infantil; analisar de que modo a observação e o registro contribuem para o planejamento pedagógico; compreender o papel da professora na mediação de experiências construídas a partir dos interesses infantis; e refletir sobre as possibilidades de construção de práticas pedagógicas mais participativas e significativas. O estudo foi desenvolvido por meio de abordagem qualitativa, utilizando como procedimentos metodológicos o relato de prática e a análise dos diários de bordo. O trabalho dialoga com autores e documentos que tratam da infância, da escuta, da observação, do registro e do planejamento pedagógico, entre eles documentos oficiais nacionais (Brasil, 2010) e da rede municipal de São Paulo (São Paulo, 2022; 2024) e com autores como: Madalena Freire Weffort (1996), Paulo Freire (1996), Friedmann (2020), Prado e Anselmo (2020), Azoilda Trindade (s.d.), Ostetto (2000), Oliveira (2019), Formosinho (2015), Lima, Cavalcante e Santos (2024). Os registros produzidos evidenciaram que a escuta das crianças se manifesta nas falas, perguntas, hipóteses, brincadeiras, escolhas e formas de ocupar os espaços, tornando-se elemento constitutivo do planejamento. Situações observadas no cotidiano mostraram que, quando acolhidas com sensibilidade, as curiosidades infantis podem desdobrar-se em investigações potentes e em experiências significativas. Conclui-se que a escuta sensível, articulada à observação e ao registro, fortalece práticas pedagógicas mais participativas, coerentes com os direitos das crianças e com uma concepção de planejamento viva, flexível e construída no encontro com elas.

Palavras chave: Educação Infantil; escuta das crianças; planejamento pedagógico; protagonismo infantil; cotidiano.

Referências:

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.
FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças:** escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.
LIMA, L.S.; CAVALCANTE, G. de O. ; SANTOS, I. N. da S. Escuta sensível na educação infantil: uma abordagem pedagógica centrada na criança. **Revista LES – Linguagens, Educação e Sociedade**, 2024.
OLIVEIRA, Kiusam. **Pedagogia da ancestralidade**. São Paulo: Sesc, 2019.
OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **Pedagogia em participação.** 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283500319_PEDAGOGIA_EM_PARTICIPACAO. Acesso em: 22 jun. 2026.
OSTETTO, L. E. (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
PRADO, P. D; ANSELMO, V. S. “A brincadeira é o que salva”: dimensão brincalhona e resistência das creches/pré-escolas da USP. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, e214189, 2020.
SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade:** Educação Infantil. 2. ed. São Paulo: SME/COPED, 2022.
SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Intencionalidade, planejamento, protagonismo e participação:** reflexões e orientações pedagógicas para a Educação Infantil paulistana. São Paulo: SME/COPED, 2024.
TRINDADE, A. L. da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil**. [S. l.]: [s. n.], s.d. Disponível em https://reaju.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/valores-civilizatc3b3rios-afrobrasileiros-na-educac3a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf . Acesso em: 22 Jun. 2026.
WEFFORT, M. F. **Observação, registro, reflexão:** instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995.

2.26
O CADERNO DE FOTOGRAFIAS E AS NARRATIVAS DAS EXPERIÊNCIAS DOS BEBÊS A PARTIR DO PROJETO DE LITERATURA INFANTIL "A SACOLA LITERÁRIA: O ENCONTRO DOS BEBÊS COM OS LIVROS"

Maria Fernanda de Souza Nascimento

Este relato de experiência apresenta o projeto de literatura infantil “A Sacola Literária: O encontro dos bebês com os livros”, desenvolvido no âmbito da disciplina de Pesquisa e Prática Educativa em Educação Infantil, ministrada pela professora Dra. Nazareth Salutto, no curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense (UFF), a partir das vivências e observações realizadas durante o estágio curricular obrigatório em Educação Infantil, em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) de Niterói. O projeto surgiu da observação de que os livros acessíveis aos bebês eram pouco diversificados, apresentavam projetos gráficos considerados pobres e de pouca qualidade, enquanto outras obras literárias, com repertórios negro-afetivos e culturais diversos, permaneciam fora de seu alcance, na biblioteca da unidade ou dispostas em grandes prateleiras. Essa realidade suscitou reflexões acerca do direito dos bebês à literatura infantil e às experiências estéticas desde os primeiros anos de vida. Fundamentado principalmente nas discussões de Nazareth Salutto sobre os bebês, a literatura e as experiências literárias, o projeto teve como objetivo compreender os bebês como sujeitos leitores, ampliando suas possibilidades de contato com os livros, suas formas, texturas e materialidades. A metodologia envolveu a observação do cotidiano dos bebês, a seleção e disponibilização de diferentes obras literárias e a organização de um cenário literário que favorecesse experiências de exploração, brincadeira, sensibilidade e interação com os livros. Como forma de documentação pedagógica e narrativa visual das experiências vividas, foi produzido um caderno de fotografias, apresentado como devolutiva do projeto na disciplina. A experiência, em conjunto com a confecção do caderno de fotografias, possibilitou compreender que os bebês estabelecem relações com a literatura por meio de seus corpos, sentidos e diferentes formas de exploração, evidenciando a importância de garantir o acesso a um acervo literário diversificado, de qualidade e disponível às crianças. Conclui-se, assim, que reconhecer os bebês como sujeitos leitores implica ampliar suas experiências com a literatura e criar condições para que possam explorar, sentir, brincar, descobrir e construir relações significativas com os livros desde os primeiros anos de vida.

Palavras-chave: Bebês; Literatura infantil; Experiência literária; Documentação pedagógica; Educação Infantil.

Referências:

BARBOSA, M. C. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. In: **Seminário Nacional : currículo em movimento - perspectivas atuais** ,1. ,2010, Belo Horizonte: [s.n.], 2010. p. 1-17.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB Nº 20/2009, de 11 de novembro de 2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009.

CARVALHO, A.C. **Ler antes de saber ler**: oito mitos escolares sobre a leitura literária. 1.ed .São Paulo: PandaBooks,2018

REYES, Y. R. O triângulo amoroso. In: LIMA, É.; FARIAS, F.;LOPES, R. (org.). **As crianças e os livros**: reflexões sobre a leitura na primeira infância. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017. p. 47-51.

ROSA, S.. **Literatura negro-afetiva para crianças e jovens**. Portal Geledés, 31 ago. 2021. Acesso em: 25 maio 2026.

SALUTTO, N. Por uma narrativa dos gestos: os bebês e a subversão da sacralidade do livro. **Revista verão**, São Paulo, v.8,n.2, p.183,2025.

SALUTTO, N. **Bebês e livros:** relação, sutileza, reciprocidade e vínculo.Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Numa Editora, 2020.

2.27
SABERES ANCESTRAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS: RELATO DE UMA TRAMA ENTRE OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Priscilla Ramos Figueiredo Cunha
Daniele Prudencio

O presente trabalho tem como objetivo central apresentar o relato de experiência do projeto intitulado “Ciências Indígenas nas Tramas da Natureza: explorações entre terra, água, fogo e ar”, implementado em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) situada na cidade de Niterói/RJ, no qual realizou-se, por meio de uma abordagem qualitativa, vivências e experimentações que articularam os quatro elementos da natureza (terra, fogo, água e ar), os saberes e a cultura dos povos originários. Nesse cenário, a partir da leitura do livro “Tulu” (Buchweitz, 2020) e tendo em vista a realização da Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no município de Niterói, no ano 2026, as educadoras regentes de um grupo de 18 crianças na faixa-etária dos 3 e 4 anos de idade, promoveram propostas que articularam os saberes científicos e os conhecimentos ancestrais. O problema central, que deu origem ao projeto, partiu da curiosidade das crianças a respeito do cotidiano do indígena protagonista da história apresentada, e desdobrou-se em uma pesquisa com etapas que se pautaram na observação, no levantamento de hipóteses, na busca por soluções para os problemas encontrados e no encantamento advindo de cada descoberta. Os referenciais teóricos que sustentaram a pesquisa, tais como Tiriba (2010), Rinaldi (2012) e Kramer (2016), proporcionaram o embasamento para as práticas e reflexões sobre cada etapa das propostas implementadas. Dessa forma, como desdobramentos, foram oportunizados contextos investigativos envolvendo elementos como urucum, carvão, argila, ervas medicinais, açafrão e outros, priorizando o protagonismo e os interesses infantis. Posteriormente, o grupo vivenciou o contexto investigativo da batata-doce, o qual possibilitou a articulação dos quatro elementos (terra, fogo, água e ar), pois ao abordar a alimentação indígena, oportunizou-se às crianças degustar a raiz cozida (fogo), observá-la em microscópio e plantá-la de maneiras distintas: na água e na terra, fato que possibilitou comparações e observações. Durante o processo de brotação do tubérculo, a ausência do sol e o excesso de água foram fatores que fizeram com que a primeira tentativa de plantação falhasse, fato que fez com que o grupo precisasse levantar hipóteses e repensar as estratégias para uma nova tentativa de plantação. Concluímos o projeto com a confecção de um tapete produzido em tecido cru, no qual os quatro elementos da natureza foram representados por pequenos quadrantes pintados pelas crianças em tinta natural (repolho roxo, argila, açafrão, urucum e carvão). O projeto foi iniciado com a escuta atenta e sensível dos interesses, curiosidades e necessidades das crianças e, desdobrou-se no contato dos pequenos com a terra, com as plantas e com a natureza, sensibilizando-os sobre a importância de respeitar os diferentes povos, seus saberes e o ambiente em que todos nós, seres humanos, vivemos.

Palavras-chave: Povos originários; educação científica, elementos da natureza; educação infantil.

Referências:

BUCHWEITZ, D. **Tulu**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2020.

KRAMER, S. et. al.. Encontros e desencontros de crianças e adultos na Educação Infantil: uma análise a partir de Martin Buber. **Pro-Posições**, v. 27, n. 2, p. 135?154, maio 2016.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

TIRIBA, L. Crianças da natureza. In: **Anais do Seminário Nacional: Currículo Em Movimento - Perspectivas Atuais**, 2010, Belo Horizonte. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file. Acesso em: 23 ago. 2026.

2.28
OS ESPAÇOS QUE HABITAMOS: PRAIA SECA E SUAS RIQUEZAS NATURAIS

Franciara Barbosa Lemos da Silva

A urgência do desemparedamento na Educação Infantil, nos fez pensar mais nos "espaços das infâncias" e nas mudanças do clima. O processo de ampliar o conhecimento e importância dos espaços infantis serem reconhecidos como fundamentais para o desenvolvimento da consciência da preservação ambiental e do desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, trouxe à comunidade escolar a reflexão de que é necessário pensarmos nosso presente para diminuir impactos no futuro. Através de uma abordagem participativa, onde envolvemos todos os atores do universo escolar (crianças, alunos, professores, famílias, empresários dentre outros) fortalecemos os vínculos, refletimos sobre nossos papéis constituídos em nossa comunidade, discutimos os problemas e pensamos em soluções viáveis para que o lugar onde vivemos possa tornar-se ainda
melhor. Caso não comecemos já, e com as transformações climáticas, os problemas aumentarão e o desafio será ainda maior. Cuidar de onde se vive, resgatar a importância de viver em coletividade é urgente. Fomentar na Educação Infantil estratégias práticas, proporcionando maior tempo das crianças com vivências diretas com a natureza, bem como, paralelamente, organizar momentos de formações com os professores são ações que já foram implementadas na instituição de forma a apresentar as pedagogias participativas. O envolvimento também se estende aos pais e responsáveis, através de encontros e reuniões que favoreçam a compreensão da Proposta Pedagógica da Escola, ações e desdobramentos. Todas as vivências têm o objetivo principal, o protagonismo das crianças, desenvolvendo uma escuta ativa dos professores e família. Assim, entendemos que podemos construir e fortalecer vínculos, além de desenvolver os conceitos de responsabilidade e participação de toda comunidade escolar. São processos que demandam tempo, organização e efetivo envolvimento de todos. A partir de um projeto central, cada segmento desenvolve as práticas pedagógicas de acordo com a Proposta Curricular do Município. Na Educação Infantil, há cinco anos temos as diretrizes com contextos envolvendo a natureza, seja desenvolvendo vivências com a fauna, com os elementos água, terra, ar e fogo, seja com a flora, oceano, as florestas, tendo como ponto inicial tudo o que está mais próximo de nós: o lugar onde moramos. Assim, proporcionamos às crianças o sentimento de pertencimento e cuidado, Conforme a construção de seus conceitos, ampliamos as práticas e conversas sobre outros lugares, como a ida ao parquinho e a descoberta feita pelas crianças sobre as joaninhas e a "maria fedorenta", o que fez a professora dedicar um bom tempo a pesquisa junto às crianças, elaborando terrários, ampliando o conhecimento aos insetos e suas importâncias; as caixas da natureza também encantaram nossas crianças. Estamos em uma Área de Proteção Ambiental e tecemos este caminho com a proposta de conscientizar e envolver nossas crianças em uma proposta de proteção e preservação do lugar onde vivem.

Palavras-chave: Desemparedamento; Pedagogias Participativas; Protagonismo; Linguagens; Meio Ambiente.

Referências:

ANDRADE, J. P. **Aprendizagens Visíveis:** Experiências Teórico-práticas em sala de aula. São Paulo: Panda Educação, 2021.
BARBIERI, S. **Territórios da invenção:** ateliê em movimento. São Paulo: Jujuba, 2021.
BARROS, M. de. **Meu quintal é maior do que o mundo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
BARROS, M. de. **Exercícios de ser criança**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021
OLIVEIRA, R. **Espaços afetivos:** habitar a escola. São Paulo: Ed. Do Autor, 2021.
PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.
RIBEIRO, B.; CARVALHO, F. **Abordagens participativas na educação infantil:** saberes necessários para nos manter em voo. São Paulo: Passarinho, 2023.
TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria:** em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo: Paz & Terra, 2021.

2.29
PARA AS INFÂNCIAS, UMA GOIABA NUNCA É APENAS UMA GOIABA: A NATUREZA E AS EXPERIÊNCIAS QUE HABITAM O NOSSO QUINTAL

Jenifer Porto Fagundes Barreto
Alessandra da Silva Ribeiro
Rosimeri de Lima
Michelle Rangel Belém Velasco

Este relato de experiência tem como finalidade apresentar vivências de um grupo de referência da Unidade Municipal de Educação Infantil, que faz parte da rede pública de ensino de Niterói, que foram realizadas no início do segundo semestre de 2026. Ancorado por documentos oficiais que regem a Educação Infantil, os quais orientam nosso trabalho pedagógico, as propostas foram ao encontro de respostas para o questionamento quanto à pergunta que passou a habitar as conversas do grupo: “Quem comeu a goiaba?”. A pergunta surgiu após olharmos pela janela do refeitório e observarmos uma linda goiaba no pé. Ao pegá-la, algo inesperado estava para acontecer: a mesma caiu, oca, sem nenhuma polpa ou caroço. Assim, como sementes lançadas ao vento, hipóteses foram germinadas pelas crianças: “- Acho que foi um morcego!;- Eu acho que foi o mico! - Eu acho que foi um passarinho!”. Para respondermos a essa pergunta, iniciamos o processo de pesquisas. O objetivo é relatar como a escuta das hipóteses infantis sobre a goiaba impulsionou a investigação sobre os pássaros e demais seres do território, e como essa investigação se entrelaçou ao projeto de troca de elementos naturais com outra UMEI de Niterói e com uma instituição de São Paulo. O trabalho dialoga com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) e os Referenciais Curriculares de Niterói (2022), que reconhecem a interação com a natureza como direito de aprendizagem. Em diálogo com Tiriba (2010), sobre o desemparedamento da infância como condição para experiências sensíveis e corporais de conhecimento. O movimento investigativo das crianças diante da goiaba, nos traz Freire (1996), para quem o conhecimento nasce da leitura de mundo e da realidade vivida. E, compondo esse fio teórico, mobilizamos a abordagem de Reggio Emilia, teorizada por Malaguzzi e discutida por Edwards, Gandini e Forman (2015), que contribui com a concepção da criança como sujeito de "cem linguagens", competente para formular hipóteses, e com a defesa da documentação pedagógica como instrumento de pesquisa. O percurso metodológico realizado incluiu um passeio pelos arredores da UMEI, trabalhando noções iniciais de cartografia e de território, observação de pássaros na UMEI, estudo de ninhos e construção de comedouros, e troca de "caixas de tesouros da natureza" com a UMEI parceira em Niterói e com uma instituição de São Paulo, que são etapas em desenvolvimento. Como conclusões parciais, observamos que o imprevisto da goiaba, longe de ser um desvio do planejado, tornou-se potência para ampliar o próprio projeto, que coloca em evidência as crianças como sujeitos curiosos e investigativos, capazes de transformar o inesperado do cotidiano em conhecimento sobre seu território e sobre a relação entre infância e natureza.

Palavras-chave: Infâncias; Educação Ambiental; Território Educativo; Investigação; Documentação Pedagógica.

Referências:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricula**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. **Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996

NITERÓI. Fundação Municipal de Educação. **Referenciais Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Niterói**. Niterói: FME. 2010.

TIRIBA, L. Crianças da natureza. In: **Anais do Seminário Nacional: Currículo em Movimento.** Belo Horizonte, 2010.

2.30
PRÁTICAS, RELAÇÕES E EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O COTIDIANO DE UMA CRECHE PARCEIRA EM TERRITÓRIO DE FAVELA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Juliana Assis da Costa Lopes

Este artigo analisa o cotidiano de uma creche parceira localizada na comunidade Santa Marta, no município do Rio de Janeiro, buscando compreender como se constituem as práticas pedagógicas, as relações estabelecidas entre adultos e crianças e as experiências produzidas no contexto da Educação Infantil. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como estudo de caso fundamentado em observações do cotidiano institucional, registros de campo, análise documental e conversas com a equipe gestora. As observações, realizadas entre março e junho de 2026, foram articuladas à experiência da pesquisadora como supervisora de creches parceiras da rede municipal. A análise dialoga com Aquino, Campos, Kramer, Rosemberg e Tatagiba, além das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, especialmente nas discussões sobre infância, qualidade, cuidado, educação e políticas de atendimento em creches. Os resultados evidenciam que o cotidiano da instituição é marcado pela indissociabilidade entre cuidado e educação, pela organização intencional dos tempos, dos espaços e das práticas pedagógicas, pela construção de vínculos entre profissionais, crianças e famílias e pelo planejamento e registro do trabalho pedagógico. Embora o território imponha desafios que atravessam a rotina institucional, como situações de violência urbana, observou-se uma equipe comprometida com a garantia do direito das crianças à Educação Infantil e com a qualidade das experiências vividas no cotidiano da creche. O estudo evidencia que a compreensão da realidade das creches parceiras exige aproximação com o cotidiano e atenção às especificidades institucionais e territoriais, permitindo reconhecer que essas instituições desenvolvem práticas pedagógicas que articulam cuidado, educação e garantia de direitos. Ao evidenciar a complexidade das relações, das experiências e das condições que constituem o cotidiano da instituição, a pesquisa contribui para ampliar a compreensão sobre o papel das creches parceiras na oferta da Educação Infantil e para fortalecer o debate acerca da qualidade das práticas desenvolvidas nesses contextos.

Palavras-chave: Educação Infantil. Creches parceiras. Cotidiano. Práticas pedagógicas. Qualidade da Educação Infantil.

Referências:

AQUINO, L. M. L. de. Creches comunitárias e a política da educação infantil pública na cidade do Rio de Janeiro. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 18, n. 31, p. 207-218, jan./jun. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB no 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília, DF: MEC, 2009.

CAMPOS, M. M. Entre as políticas de qualidade e a qualidade das práticas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 148, p. 22-43, jan./abr. 2013.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RIO DE JANEIRO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Manual de Gestão das Parcerias com Organizações da Sociedade Civil - Creches Parceiras**. Rio de Janeiro: SME, 2022.

ROSEMBERG, F. Organizações multilaterais, Estado e políticas de Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 118, p. 25-63, mar. 2003.

TATAGIBA, L. **Creches comunitárias:** o percurso de uma luta entre a filantropia e o direito. Rio de Janeiro: Novamerica, 2011.

2.31
VOZES INFANTIS E DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA EM UMA CRECHE DA PERIFERIA CARIOCA

Alessandra Moreira Alves de Freitas
Bianca dos Santos Reis
Ana Paula Rizo de Souza
Nilda Antônia Clercq de Oliveira

Este trabalho trata-se de um relato de uma pesquisa proveniente do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Piauí (UFPI) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) para docentes da Região Sudeste e tem como questão norteadora a indagação “Pode a criança falar?”, compreendida não como uma pergunta sobre a capacidade de fala das crianças, mas como uma problematização das condições que possibilitam que suas vozes sejam escutadas, reconhecidas e legitimadas no cotidiano da Educação Infantil. Parte-se da constatação de que, embora crianças e bebês expressem pensamentos, desejos, hipóteses, sentimentos e modos próprios de compreender o mundo por meio de múltiplas linguagens, suas manifestações ainda podem ser subordinadas às interpretações e decisões adultas. Nesse contexto, o estudo tem como objetivo compreender e revelar as falas das crianças de uma creche pública municipal carioca, analisando como a documentação pedagógica pode favorecer a garantia de seus direitos, de suas vozes e de suas autorias, bem como investigar quando, como e por que as crianças se posicionam e participam das experiências vivenciadas na instituição. O referencial teórico fundamenta-se, principalmente, nas contribuições de Anete Abramowicz, Andrea Moruzzi, Carla Rinaldi, Maria Alice Proença e Paulo Fochi, articuladas às discussões sobre escuta, documentação e práticas pedagógicas. Desenvolveu-se metodologicamente uma abordagem documental-autobiográfica, ancorada na práxis da professora e na análise de documentações pedagógicas produzidas entre o primeiro semestre de 2023 e o primeiro semestre de 2026, envolvendo registros escritos, planejamentos, relatórios, desenhos, fotografias, vídeos, áudios e pré-conselhos de classes com as crianças. Foram definidas duas categorias de análise: as vozes das crianças e as práticas pedagógicas, buscando compreender, respectivamente, as formas e os momentos em que as crianças expressam suas perspectivas e participam das experiências, e os modos como tais manifestações reverberam nas ações e decisões docentes. Os resultados evidenciam que a documentação pedagógica, quando sustentada pela escuta sensível, ultrapassa a função de registro e constitui-se como dispositivo ético, político, pedagógico e investigativo, tornando visíveis os processos de pensamento, aprendizagem, investigação e expressão das crianças. Comprovou-se ainda, que as vozes infantis, quando legitimadas, passam a orientar o planejamento e o currículo, produzindo transformações na práxis docente e deslocando a professora da posição de quem apenas ensina para a de quem também investiga e aprende com as crianças. Concluiu-se, então, com o estudo que documentar é uma prática de escuta e de produção de conhecimentos que contribui para efetivar os direitos das crianças à participação, à autoria e à expressão, fortalecendo práxis pedagógicas mais democráticas e uma Educação Infantil comprometida com as múltiplas vozes das infâncias.

Palavras-chave: escuta; documentação; prática pedagógica.

Referências:

ABRAMOWICZ, A. crianças e guerra: as balas perdidas! **childhood & philosophy,** Rio de Janeiro, v. 16, p. 01-14, jul. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48358 Acesso em: 27 de julho de 2026.

ABRAMOWICZ, A. Cartografias da diferença na Educação das Infâncias: **Live Nacional do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil**:. Youtube. 23 de julho de 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/live/tgb7f6aGFY8?si=qgvoc MomREjQkUY4 . Acesso em 31 de julho de 2026.

FOCHI, P. **Documentação Pedagógica:** concepções e articulações. Cadernos 1 e 2. Brasilia: MEC / UNESCO, 2018 - 36 p. Disponível em: <https://observatorio.movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2022/01/caderno1-docped.pdf https://observatorio.movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2022/01/caderno2-docped.pdf Acesso em: 27 de julho de 2026.

MORUZZI, A.; ABRAMOWICZ, A. Pode a criança falar? Sobre feminismos subalternos, infâncias e educação infantil. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 71?82, 2023. Disponível em: < https://doi.org/10.12957/teias.2023.64513> .

PROENÇA, M. A. **O registro e a documentação pedagógica:** entre o real e o ideal... o possível! 1a ed. São Paulo: Panda Educação, 2022.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia:** escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 13a Ed. 2021.

2.32
O QUE AS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE TRINDADE (GO) LEEM PARA AS CRIANÇAS? - DA FORMAÇÃO LEITORA DAS PROFISSIONAIS A (RE)CONSTITUIÇÃO DOS ACERVOS NOS TERRITÓRIOS INSTITUCIONAIS

Cristiane Ricci Mancini
José Firmino De Oliveira Neto

O presente trabalho trata de um recorte da pesquisa realizada no município de Trindade (GO), que buscou apreender o repertório cultural apresentado às crianças e a garantia de acesso à cultura em dois Centros Municipais de Educação Infantil. Neste resumo, buscamos analisar os dados referentes à Literatura, objetivando compreender crítico-reflexivamente o repertório de livros literários oferecido pelas professoras para as crianças desses territórios educativos. Assim, realizamos uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso coletivo (André, 2005), mediante um questionário com perguntas abertas e de múltipla-escolha. Doze professores(as) das duas instituições responderam ao questionário, que foi dividido em três seções: 1) identificação; 2) questões relacionadas à atuação na Educação Infantil e 3) questões acerca das experiências culturais dos(as) professores(as). Quanto à Literatura, as professoras foram questionadas sobre a frequência que lêem em voz alta para/com as crianças e que contam histórias, além de solicitar que citassem os três livros mais lidos e as três histórias mais contadas. Nove das doze professoras dizem ler diariamente para as crianças, e seis delas contam histórias todos os dias. Contudo, observamos que muitas professoras não diferenciam as práticas de proferição (leitura em voz alta) e contação de histórias, uma vez que várias respostas apresentaram as mesmas indicações literárias. Desse modo, a partir dos estudos de Souza (2024) compreendemos que a leitura em voz alta ocorre a partir do artefato livro, onde o professor(a) empresta sua voz ao texto, já a contação de história trabalha o reconto e envolve certa teatralidade. Quanto aos livros citados, em várias respostas os nomes mencionados estavam errados/incompletos, o que impediu a localização desses. No entanto, pudemos constatar a menção à obras clássicas da Literatura Infantil, a indicação de obras com conotação religiosa (histórias bíblicas) e, ainda, a citação de obras que talvez não sejam livros (como “Pintinho Amarelinho”). Ressaltamos, a frágil bibliodiversidade do acervo reportado, marcada pela escassez de autores(as) negros(as), indígenas e LGBTQIAPN+ e temáticas que envolvem esse recorte. Quanto às próprias experiências culturais, apenas uma professora mencionou “livros”, a informação merece destaque, pois entendemos que professores(as) que não têm o hábito da leitura terão dificuldade em inserir a Literatura no cotidiano com as crianças. Desse modo, concluímos que o distanciamento de práticas leitoras pelas professoras e a consequente "anestesia" estética - agravada pelas burocracias e rotinas exaustivas do cotidiano escolar - comprometem diretamente a seleção dos acervos literários na Educação Infantil. Por isso, é essencial repensar a formação dos(as) professores(as) das infâncias, bem como meios que oportunizem e os incentivem a buscarem vivências pessoais-profissionais que ampliem seus próprios repertórios ético-político-estéticos.

Palavras-chave: Educação Infantil, Literatura Infantil; Acervo literário, Bibliodiversidade.

Referências:

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.
SOUZA, R. J. **Gestos embrionários de leitura na Educação Infantil.** São Paulo: Editora Gaivota, 2024.

2.33
"NÃO FOI FERIADO, FOI OPERAÇÃO": INFÂNCIAS DA CIDADE DE DEUS QUE NARRAM A VIOLÊNCIA

Juliana de Oliveira Guimarães

Este artigo investiga como crianças da Educação Infantil significam as operações policiais e os fechamentos escolares decorrentes da violência armada na Cidade de Deus, comunidade localizada na zona oeste do município do Rio de Janeiro. A pesquisa surgiu a partir da observação de brincadeiras infantis nas quais elementos como "caveirões", policiais e tiros apareciam espontaneamente nas narrativas produzidas pelas crianças. O estudo teve como objetivo compreender os sentidos atribuídos por elas às experiências de interrupção das atividades escolares em decorrência das operações policiais. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada com crianças de 4 e 5 anos matriculadas em uma unidade de Educação Infantil da rede pública municipal. A produção dos dados ocorreu por meio da observação de brincadeiras, entrevistas individuais, rodas de conversa e produção de desenhos que foram registradas em caderno de anotações. Os resultados evidenciam que as crianças compreendem a relação entre as operações policiais e o fechamento da escola, reconhecendo impactos sobre suas rotinas, seus deslocamentos e suas possibilidades de brincar e conviver com os pares. As narrativas produzidas revelam uma infância marcada pela restrição da circulação no seu território e pela presença da violência armada em seu repertório de experiências. O estudo reafirma a importância da escuta das crianças e de suas múltiplas linguagens na produção de conhecimentos sobre as infâncias que vivem em espaços marcados pela violência.

Palavras-chave: Narrativas Infantis; Operações Policiais; Direito à Educação; Cidade de Deus.

Referências:

BERTONCELI, M. **A roda de conversa na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIOESTE, 2016.

BORGES, E. G. da S. **Escuta de crianças na primeira infância em contextos de favela.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - PUC-Rio, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC, 2018.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, C. M. do N. ; LIMA, R. de C. P. Representação social de "polícia" por crianças que frequentam creche em favela. **Revista de Educação Pública**, v. 29, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOBBI, M. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B. F. ; PRADO, P. D. (org.). **Por uma cultura da infância**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 69-92.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, A. Memória não queima. **Caderno Selvagem**, n. 72, 2023.

LUBISCO, N.M.L.; VIEIRA, S.C. **Manual de estilo acadêmico**. 6. ed. Salvador: EDUFBA, 2019.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OSTETTO, L. E. (org.). **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. 5. ed. Campinas: Papirus, 2017.

PÉREZ, B. C.; JARDIM, M. D. Os lugares da infância na favela: da brincadeira à participação. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 494-504, 2015.

SANTOS, H. (coord.). **Infância e violência:** cotidiano de crianças pequenas em favelas do Rio de Janeiro. Porto Alegre: PUCRS, 2013.

SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A.B. (org.). **Crianças e miúdos**. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SOUZA, J. **A elite do atraso:** da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro:** uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

2.34
CORPO, INFÂNCIA E CONTROLE: NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA EM UMA INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA DE ENSINO

Daniella Fernandes Americo

Este artigo reflete sobre as práticas pedagógicas na Educação Infantil, corpo, infância, controle e currículo em uma instituição filantrópica localizada na do Rio de Janeiro. A pesquisa, de caráter qualitativo, narrativo e autobiográfico, foi construída a partir da experiência docente, da observação participante e dos registros da prática pedagógica junto a crianças de 4 e 5 anos em situação de vulnerabilidade social. O estudo dialoga com autores como Michel Foucault (2013), Jorge Larrosa Bondía (2022), Anete Abramowicz (2009; 2011), Sônia Kramer (1994; 2000), Maria da Conceição Passeggi (2016) e Ana Carolina Campos de Menezes (2024), buscando problematizar os mecanismos de disciplinamento presentes no cotidiano escolar e contribuir para reflexões sobre acolhimento, escuta e formação docente na Educação Infantil.

Palavras-chave: infância; corpo; controle; educação; escola.

Referências

ABRAMOWICZ, A. et al. Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX. **Perspectiva,** Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 263-293, jun. 2011.

ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. C. Infâncias em educação infantil. **Pro-Posições**, v. 20, p. 179-197, 2009.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Lisboa: Edições 70, 2013.

KRAMER, S. Currículo de educação infantil e a formação dos profissionais de creche e pré-escola: questões teóricas e polêmicas. In: BRASIL. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. **Revista Teias**, v. 1, n. 2, 2000.

MENEZES, A.C.C.de. Docência e pesquisa: percurso formativo de uma professora de educação infantil da rede pública municipal do Rio de Janeiro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 10, edição especial, p. 160-170, jul. 2024.

PASSEGGI, M. da C. Narrativas da experiência na pesquisaformação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan. 2016.

2.35
NADA PRONTO, TUDO EM CONSTRUÇÃO: INFÂNCIAS PROTAGONISTAS ENTRE O DISCURSO E A PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cristiane Tomaz da Silva de Almeida

A presente pesquisa emerge de inquietações vivenciadas no cotidiano de uma Unidade de Educação Infantil da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, a partir da reflexão sobre as relações entre os discursos contemporâneos acerca da infância e do protagonismo infantil e sua materialização nas práticas pedagógicas. Embora a criança seja reconhecida como sujeito de direitos e produtora de cultura, ainda persistem práticas adultocêntricas que podem limitar sua participação, autonomia e múltiplas formas de expressão. Nesse contexto, a pesquisa pergunta: O que é e onde está o protagonismo nas práticas pedagógicas da Educação Infantil? O objetivo geral consiste em refletir sobre as marcas do protagonismo infantil presentes no cotidiano pedagógico, problematizando tensões entre discurso e prática. Busca-se compreender concepções de infância e protagonismo que atravessam as práticas; refletir sobre a escuta sensível e as múltiplas linguagens infantis; e analisar situações do cotidiano, identificando marcas, limites e possibilidades de participação. O referencial teórico articula concepções de infância, protagonismo, escuta sensível, documentação pedagógica, organização dos espaços e formação docente, em diálogo com autores que reconhecem a criança como sujeito de direitos e produtora de cultura. A pesquisa é qualitativa e fundamentada na análise reflexiva da própria prática docente, desenvolvida em uma turma de Maternal I, composta por 22 crianças de dois e três anos. O percurso investigativo foi tecido no primeiro semestre de 2026, por meio de observações, anotações da professora-pesquisadora, registros fotográficos, mini-histórias e documentação pedagógica, posteriormente revisitados de forma interpretativa em diálogo com o referencial teórico. As análises evidenciam que o protagonismo infantil não é algo pronto ou previamente garantido, mas uma construção cotidiana atravessada pelas concepções de infância, pelas relações e pela organização dos tempos, espaços e materiais. Revelam, ainda, que a autoria infantil não está ausente, mas nem sempre encontra condições para ser sustentada, ampliada ou documentada. O exercício investigativo também provocou deslocamentos no olhar docente, permitindo problematizar escolhas naturalizadas e reconhecer outras possibilidades de organização da prática. Conclui-se que a distância entre discurso e prática não constitui apenas incoerência, mas um campo de tensões, disputas e possibilidades. As frestas que emergem nesse espaço podem constituir lugares de formação e transformação. Assumir a própria prática como campo de pesquisa possibilitou reconhecer que escutar, observar e documentar as experiências das crianças pode deslocar o olhar docente e fortalecer uma Educação Infantil em que elas sejam reconhecidas como participantes legítimas, produtoras de cultura e coautoras de suas experiências.

Palavras-chave: Educação infantil; protagonismo infantil; escuta sensível; documentação pedagógica; prática docente.

Referências:

ABRAMOWICZ, A. **Infâncias e crianças**. São Paulo: Cortez, 2010.

ABRAMOWICZ, A. **A infância e sua pluralidade**. São Paulo: Cortez, 2003.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GUEDES, A. O.; FERREIRA, M. D. **Cardume**: experiências formativas e travessias na educação infantil. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2021.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, J. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

NÓVOA, A. (org.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria social. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. (org.). **Estudos da infância.** Petrópolis: Vozes, 2008.

RIO DE JANEIRO (RJ). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo Carioca da Educação Infantil.** Rio de Janeiro: SME, 2020.

ROSEMBERG, F. Educação infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 119, p. 127-149, 2003.

ROSEMBERG, F. **Educação Infantil, desigualdade e políticas públicas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2012.

FIAÇÃO 3

Tramas da Educação e Arte



FIAR
Círculo de Estudo e Pesquisa
Formação de Professores, Infância e Arte

3.1
SABORES DE CORA: QUANDO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA É TECIDA POR MUITAS MÃOS

Thamires Ramos dos Santos Aguiar
Silvana de Fatima Ramos dos Santos Aguiar

O presente relato de experiência aborda uma prática realizada com crianças de cinco anos da Educação Infantil, que se iniciou a partir de um desafio vivenciado no cotidiano escolar: a seletividade alimentar apresentada por uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente em relação a abóbora e demais alimentos de coloração laranja. Nesse contexto, tem-se a seguinte questão: como transformar um alimento rejeitado em uma oportunidade de aprendizagem que pudesse conectar as crianças, a literatura, a alimentação saudável e também a educação ambiental? A proposta pedagógica se tornou significativa e valorizou a circulação de saberes e mostrou que as melhores práticas são tecidas coletivamente. O primeiro fio dessa trama surgiu da inquietação vinda da seletividade alimentar. Pouco a pouco, outros fios foram sendo entrelaçados. A literatura de Cora Coralina foi a base de inspiração da proposta. Uma colega professora compartilhou ideias pedagógicas que ampliaram o planejamento. Minha mãe, pedagoga, ex-professora de Apoio Educacional Especializado e doceira antes de ingressar na educação, dividiu comigo seus conhecimentos sobre culinária e aproveitamento integral dos alimentos, além de trazer aprendizagens adquiridas durante sua formação, entre elas receitas executadas com um professor de Cozinha Criativa. Assim nasceu: Sabores de Cora, fruto da circulação de saberes entre diferentes pessoas, vivências e gerações. Foram realizadas rodas de conversa, leitura da vida e da obra de Cora Coralina, exploração sensorial dos alimentos, momentos de reflexão sobre o aproveitamento integral dos alimentos e o preparo de receitas saudáveis tendo como base a trajetória da autora. A proposta também proporcionou a confecção de bonecas de sabugo de milho, presentes no universo poético da escritora, e a construção de um fogão de lenha com materiais recicláveis. O conjunto de elementos ampliou as possibilidades de aprendizagem, formando-se recursos para atividades de letramento matemático, tais como contagem, comparação de quantidades, classificação, sequenciação, e também fortalecendo o faz de conta, a expressão artística e as interações entre as crianças. Ao longo das atividades, novos fios continuaram sendo tecidos pelas próprias crianças, que participaram com alegria das atividades, compartilharam histórias de suas famílias e passaram a demonstrar mais interesse pelos alimentos trabalhados. A culminância, ocorrida em uma mostra pedagógica, também trouxe memórias afetivas entre os adultos presentes, evidenciando que a escola é um espaço onde os saberes se movimentam de forma contínua. Conclui-se que uma prática pedagógica inclusiva não se desenvolve de modo instantâneo e nem individualmente. É tecida no encontro entre professores, famílias, crianças e as diversas experiências de vida, fortalecendo a formação docente e tecendo aprendizagens que ultrapassam os muros da escola.

Palavras-chave: Formação docente; Circulação de saberes; Educação Infantil; Cora Coralina; Educação Ambiental.

Referências:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CORALINA, C. **Vintém de cobre:** meias confissões de Aninha. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

NÓVOA, A. **Professores:** imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2017.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

3.2
"UM JEITO DE INVENTAR MUNDOS RECORTANDO E COLANDO PEDAÇOS DA REALIDADE": EM ESTADO DE ATELIÊ, PROFESSORES(AS) DAS INFÂNCIAS EXPERIMENTAM A LINGUAGEM DA COLAGEM

José Firmino de Oliveira Neto

Inspirados pelo desejo de (re)constituir uma identidade de professores(as) das infâncias marcados por uma dimensão técnica, dimensão estética e dimensão ética e política (Rios, 2010), margeando movimentos de formação inicial e continuada desses que se materializam a partir de um conjunto de conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos (Oliveira-Neto, 2020), que compartilhamos a proposta em estado de ateliê realizada na disciplina de "Infâncias em situações de emergência planetária", na especialização em "Docência na Educação Infantil" (MEC/UFPI/UFG). Assim, nos questionamos: Como professores(as) das infâncias se movimentam com o corpo todo por um ateliê de (re)criação de colagem? Para tal, objetivamos (re)pensar as trajetórias vivificadas no espaço-ateliê pelos professores(as) das infâncias ao tensionar/problematizar as infâncias em situações de emergência ambiental/planetária. Ao modo de um ateliê efêmero organizamos um espaço no pátio da instituição para materialização da proposta, tal como Neves et al. (2024, p. 94), "o desejo que ecoava era receber as professoras de maneira afetiva e sensível, com um espaço que encantasse [...]". Desse modo, arrastamos mesas e bancos, dispusemos cuidadosamente tesouras, colas, réguas, revistas e tantos outros materiais que permitissem aos profissionais saber-criar-sentir com as mãos e o coração (emoção e cognição) diferentes propostas de colagem a partir da consigna: "Infâncias em situações de emergência planetária". Inicialmente, desconfiados da proposta e munidos de um "não sei fazer", professores(as) foram abandonando concepções primeiras sobre o trabalho com múltiplas linguagens artísticas e se permitindo viver com inteireza e boniteza o ateliê em movimento. Logo, abertos ao novo e se permitindo conhecer-sentir-pensar as materialidades disponíveis, as imagens foram surgindo: vivas, ativas, sensíveis e poéticas, expondo emergências das crianças em diferentes instâncias da vida-formação (saúde, economia, política e outros) em tempos de crise ambiental/planetária. De maneira salutar, ao recortar e colar pedaços da realidade, constituindo narrativas únicas e repletas de reflexão ética, política e estética, professores(as) salientaram diferentes violências impostas às crianças desde bebês, fazendo surgir um sentimento de transformação e compromisso com as infâncias, sobremaneira no tempoespaço da Educação Infantil. Ao experimentarem uma nova possibilidade de tecer a vida-docência-formação questionaram a perda da expressão criadora, a falta de cor-emoção e/ou a certa perda de sensibilidade nos territórios educativos - da Educação Infantil à Educação Superior. Por fim, salientamos que os corpos dos(as) professores(as) bailaram em coletivo-sintonia fazendo (re)criar um espetáculo do sensível, onde novas f(r)estas para (re)existir na docência com as crianças desde bebê são impulsionadas no diálogo com a colagem-ARTE e suas potencialidades.

Palavras-chave: Formação de professores(as) das infâncias; Ateliê; Colagem; Experimentações poéticas.

Referências:

NEVES, M. H. D. S.; OLIVEIRA-NETO, J. F.; CUNHA, K. S.; SILVA, M. L. F. Carta-convite: para pensar experiências docentes (empre)tecidas pelas veredas da arte. In: OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA-NETO, J. F. **(Re)existir na docência, com pesquisa e arte**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

OLIVEIRA-NETO, J. F. **Práxis docente:** as tramas que envolvem o saber-fazer dos professores universitários de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2020. 255 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) ? Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/258c6379-53be-43f8-ab76-9a917238ddac .

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar:** por uma docência de melhor qualidade. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

3.3
DANÇAS CIRCULARES E EDUCAÇÃO: REENCANTANDO CORPOS A PARTIR DO PRINCÍPIO DA CIRCULARIDADE

Gabriela Farias Ribeiro de Vasconcelos
Adrianne Ogêda Guedes

Este resumo, referente a uma pesquisa de mestrado em Educação - Danças Circulares Sagradas e a Educação como forma de reencantar corpos -, investiga as potencialidades das Danças Circulares Sagradas como práticas capazes de sensibilizar os corpos. O estudo nasce da minha experiência como professora da Educação Básica do Município do Rio de Janeiro, em contextos marcados por precarização estrutural, turmas numerosas, escassez de recursos e violência nos territórios escolares. Essas condições impactaram diretamente minha saúde mental, impulsionando-me a buscar caminhos de reconexão com o corpo e com o sentido da minha atuação docente. Nesse percurso, o contato com práticas artísticas e corporais - especialmente com as Danças Circulares Sagradas -, revelou-se um espaço coletivo de reinvenção da presença no ambiente educativo. A pesquisa narra os impactos dessa prática no meu corpo docente e nos corpos das participantes das rodas, facilitadas por mim, realizadas semanalmente, desde 2022, num Centro Cultural, reunindo 12 pessoas. Os registros escritos dessas vivências foram articulados às rodas de conversa (Ribeiro; Sanchez, 2023), cujas falas foram transcritas e transformadas em relatorias poéticas (Quintal, 2024), valorizando a escuta sensível e a expressão subjetiva. O desenvolvimento do estudo - de mãos dadas com os conceitos de autocuidado (Patzdorf, 2021), foi orientado pela metodologia errante (Ostetto, 2019) e pelas metodologias minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019). Por sua natureza flexível, a metodologia errante permitiu a construção de um percurso a partir das descobertas ao longo do caminho, favorecendo uma compreensão mais profunda e crítica dos fenômenos estudados. Apoio-me também na Pesquisa-Vida (Lenz-Goodoy; Ramallo; Ribeiro, 2023), compreendendo minha trajetória de pesquisadora como parte constitutiva do processo em que entrelaço a experiência, arte e educação, esta pesquisa propôs pensar o reencantamento dos corpos como possibilidade de resistência e reinvenção de si.

Palavras-chave: Dança Circular; Educação; Coletividade.

Referências:

GUEDES, A.O.; RIBEIRO, T. (Orgs). **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

LENZ-GOODOY, C.; RAMALLO, M.; RIBEIRO, G.. **Pesquisa-Vida**. 2023.

OSTETTO, L.E. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T.(Orgs). **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

PATZDORF, D. **Como descansar o indescansável?** Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados. Uruguai: Micro utopias, 2022b.

QUINTAL, L. da C. **Relatorias Poéticas:** por uma Educação como forma de (a)mar. Dissertação (Mestrado), Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação, 2024.

RIBEIRO, G.; SANCHEZ, **Rodas de conversa**. 2023.

3.4
O PAPEL DO ATELIÊ NA FORMAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS PARA BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Priscilla Vieira Nunes

Os bebês, desde muito pequenos, exploram o mundo por meio do corpo, dos sentidos e das interações, construindo suas primeiras formas de conhecimento e expressão. Eles não são receptores passivos dos estímulos do ambiente, mas sim sujeitos históricos e de direitos, dotados de uma curiosidade inata que os impulsiona a investigar o espaço, os objetos e os sujeitos ao seu redor. Nesse contexto, as práticas pedagógicas devem reconhecer o bebê como sujeito potente, capaz de investigar, interagir e produzir sentidos, por meio de gestos, risos, balbucios, choro, movimentos, sons e expressões corporais. O ateliê emerge como um espaço privilegiado dentro da educação infantil, inclusive no berçário, ao possibilitar experiências artísticas que envolvem exploração de materiais, texturas, cores, sons e movimentos. Inspirado na abordagem de Loris Malaguzzi nas escolas de Reggio Emília, na Itália, o ateliê é compreendido como um ambiente de investigação sensível, no qual os bebês vivenciam experiências estéticas e expressivas. Longe de ser um local para a produção de artes prontas ou homogêneas, o ateliê no berçário valida o processo, a plasticidade dos materiais e a liberdade do pesquisador-bebê. Além da pesquisa bibliográfica, este estudo contou com um relato de experiência realizado no em um CEI Centro de Educação Infantil localizado na zona leste da cidade de São Paulo, no bairro de Vila Curuçá. A instituição desenvolve propostas de ateliê com bebês, o que possibilita observar, na prática, as contribuições desse espaço para o desenvolvimento infantil. O relato trata da prática com bebês do berçário e toma por base os diários de bordo, buscando compreender como as experiências no ateliê favorecem a exploração sensorial, a expressão corporal e as primeiras formas de interação com o mundo. Os dados coletados e analisados demonstraram que as vivências com materiais não estruturados e elementos orgânicos cumprem uma função estruturante no desenvolvimento infantil. A riqueza das interações observadas nas poças de tintas naturais de beterraba e açafrão reiterou as teses de Lev Vygotsky (2009), demonstrando que as funções psicológicas superiores e o repertório criativo são alimentados pela variedade de estímulos socioculturais e sensoriais oferecidos pelo meio. Ao eliminar o clima restritivo do "não pode" através do uso de insumos atóxicos e comestíveis, a práxis materializou o conceito das "cem linguagens" de Loris Malaguzzi (2016), legitimando o paladar, o olfato e o rastro corpóreo como canais de autoria e comunicação do pesquisador-bebê. Ademais, o diálogo com a ancestralidade proposto por Ailton Krenak (2019) e Darcy Ribeiro (1995) foi felizmente visibilizado no ateliê da escola pública, conectando as crianças periféricas com os elementos vivos da terra. Por fim, este trabalho impõe implicações profundas e transformadoras para o meu desenvolvimento profissional. A imersão teórica e a observação participante no berçário desconstruir visões fragmentadas e tecnicistas que outrora separavam o "cuidar" do "educar". Defender o direito estético dos bebês no âmbito da escola pública paulistana transcende a execução de um projeto didático; configura-se como um ato político e humanizador de garantia de cidadania e respeito à indizível potência criadora que habita o início da vida humana.

Palavras-Chave: Educação Infantil, Berçário, Ateliê, Experiências Artísticas, Bebês.

Referências:

DERDYK, E. **Composições:** [en]cantos para a arte na educação. São Paulo: Escuta, 2010.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALAGUZZI, L. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Penso, 2016.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia:** escuta, investigação e aprendizagem. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade: Educação Infantil.** São Paulo: SME, 2019.

TUBENCHLAK, D. **Arte com bebês:** propostas e reflexões para a educação infantil. São Paulo: Peirópolis, 2020.

VYGOTSKY, L. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2009.

3.5
DESAFIOS E POTENCIALIDADES DE RE-EXISTÊNCIA DE UM ESPAÇO PARA AS ARTES NA ESCOLA

Daniela Brasil Cassinelli
Monique Serenado da Silva
Vitória Luiz Carneiro de Souza

Há um ano, participamos do 4° Encontro Nacional de Ensino da Arte (2026), na UERJ, com um relato de experiência baseado em nossa vivência como professoras de Arte da Rede Municipal de Japeri, na Baixada Fluminense, e da invenção de uma sala de artes na nossa escola, que se tornou um espaço de liberdade, acolhimento e experimentação, ou como diz Stela Barbieri (2018) um território de invenção. No início deste ano, com a mudança da gestão, fomos surpreendidas com a dissolução desse espaço para atender às demandas da escola, e percebemos sua fragilidade sem leis ou políticas que o garantam. Iniciamos, então, a busca pela re-existência da sala de artes, em um antigo depósito da escola - chamado de sala do poço. Esse relato, vinculado às Tramas da Educação e Arte, parte dessa experiência, seus desafios e potencialidades. Apesar da LDB/1996 já estabelecer a obrigatoriedade da Arte nas escolas, em 2026 foram homologadas novas diretrizes que entendem Música, Teatro, Dança e Artes Visuais como componentes curriculares que devem ser lecionados por professoras especificamente qualificadas (BRASIL, 2026). Sendo a nossa formação em Artes Visuais, as aulas são destinadas a essa linguagem e necessitam de espaços e materiais próprios. Entretanto, o acesso a esses recursos continua nos sendo negado e as diretrizes apresentam lacunas ao não especificar os espaços reservados para a realização das aulas. Temos como objetivo, então, apontar as dificuldades e potencialidades encontradas na re-existência da sala de artes quando nos falta quase tudo, menos a vontade de transformação de professoras unidas por amizade e propósito. Para nós, a sala de artes precisa ser entendida como lugar que favorece a expressão, a criatividade, a autonomia e a construção de conhecimentos. Esse relato parte, portanto, da “importância de se discutir sobre a estrutura física escolar para possibilitar uma formação estética e artística aos/às alunos/as e à comunidade escolar” (Carvalho; Freitas; e Neitzel, 2014, p.69). O espaço que está se tornando a nova sala de artes, antes fechado e quase ausente de presença humana, nas últimas semanas teve seu silêncio preenchido por turmas de 15 a 20 estudantes. Abriram-se as janelas, acenderam-se as luzes, materiais doados preencheram as prateleiras. Ainda entre caixas de uniformes e objetos esquecidos, se tornou um espaço de criação, expressão e liberdade. Os estudantes sentiam falta do espaço e, mesmo com a sala ainda em transformação, relataram positivamente essa retomada. Logo, apesar da ausência de políticas públicas e de uma lei que legitime a necessidade de espaços específicos para o ensino de Artes Visuais, a prática pedagógica na coletividade e no afeto é capaz de subverter a escassez. A transformação da "sala do poço" demonstra que a re-existência da sala de artes age como ato político e pedagógico de resistência, reafirmando a urgência de se assegurar condições dignas e estruturadas para o ensino de Arte nas escolas.

Palavras-chave: Arte; Educação; Espaço; Sala de Artes.

Referências:

BARBIERI, S. A atenção imersa na distração. **Ayvu, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 5, ed. 1, p. 245-256, 2018. Disponível em: https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/27502/16008 Acesso em: 20 de ago. 2026.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB no 2, de 19 de março de 2026**. Normas complementares à Base Nacional Comum Curricular - com orientações específicas para o ensino e a aprendizagem da Arte, em suas diversas manifestações. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 18 ago. 2026. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/2026/marco-2026/pceb002_26.pdf Acesso em: 20 de ago. 2026.

CARVALHO, C.; FREITAS; Aline Amaral; e NEITZEL, Adair de Aguiar. Salas de arte: Espaço de formação estética e sensível na escola. **Educação, Sociedade & Culturas**, v. 42, 2014, p. 67-86. Disponível em: https://ojs.up.pt/index.php/esc-ciie/article/vi Acesso em: 20 de ago. 2026.

SOUZA, Vitória Luiza Carneiro de; CASSINELLI, Daniela Brasil; SILVA, Monique Serenado da. O que faz uma sala de aula ser sala de arte? A invenção de um espaço para a arte em uma escola pública de Japeri. In: **Anais do 1° Encontro Internacional de Ensino da Arte, 4º Encontro Nacional de Ensino da Arte**: vias de mão dupla: escolas, museus, praças, teatros e demais espaços culturais, 2026. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2026, p. 109-114. Disponível em: https://www.leauerj.com/_files/ugd/4e4dc7_6a429ea540c641b894b0404cd736f462.pdf Acesso em: 20 de ago. 2026.

3.6
PROFESSORES(AS) DAS INFÂNCIAS EM MOVIMENTO NO ATELIÊ: EM QUESTÃO A GRAMÁTICA DA ARGILA

Maria Auxiliadora Fernandes Justiniano,
Ronnan Raimere Cavalcante Mota
Kevany Costa Araujo
José Firmino de Oliveira Neto

O presente relato é fruto de reflexões tecidas no tempoespaço de uma proposta de ateliê de argila na disciplina de “Infâncias em situações de emergência planetária”, na especialização em “Docência na Educação Infantil” (MEC/UFPI/UFG). Para tal, ao mobilizarmos o sensível na (re)formação continuada de professores(as) das infâncias (Martinez, 2015; Corrêa; Ostetto, 2018; Ostetto; Brito Silva, 2018), corroboramos para que mobilizem um cotidiano pedagógico que, em diálogo com a arte, a natureza e a cultura, se (re)faça ético, político e estético. Nesse sentido, objetivamos compreender os sentidos atribuídos por professores(as) em processo de (re)formação sobre a sua própria experiência de criação. Assim, em uma das aulas, foram promovidos ateliês a partir de elementos naturais (água, ar, terra, fogo). Neste relato, focamos especificamente no ateliê que explorou a materialidade da Terra (Blanco; Franco, 2025). O percurso metodológico da prática atelierista dividiu-se em três tempos: 1) o convite ao resgate das memórias afetivas das cursistas com o elemento terra; 2) a experimentação com tintas naturais de argila; e 3) a modelagem com blocos de argila. Os dados foram construídos por meio da coleta dos relatos das participantes, os quais foram analisados buscando apreender seus principais destaques/contradições. Por um lado, houve relatos de estranheza com a matéria, dificuldade em materializar ideias e o grande desafio de despertar a criatividade adormecida. Houve também relatos de frustração por não conseguirem produzir exatamente o que queriam, culminando no relato de uma sensação descrita como “torturante” ao modelar, devido à sensibilidade e falta de costume com a textura da argila. Todavia, em contrapartida a estas sensações negativas, a experiência revelou-se potente e emancipatória, uma vez que também foi descrita pelas participantes como um momento prazeroso e de grande novidade. Desse modo, o ateliê permitiu que os(as) professores(as) em formação relembrassem suas infâncias a partir de memórias afetivas, compartilhando um momento de troca sensível que os impulsionou a (re)pensar possibilidades outras para a (re)construção de propostas com as crianças. A partir dos relatos, compreendemos que a prática de ateliê oportunizou um movimento crítico de reflexão, sintetizado na compreensão de que “as crianças moldam, mas nós também precisamos nos moldar”, consolidando assim a reconexão com a terra como uma possibilidade real de criar experiências pedagógicas significativas. Sob essa ótica, podemos compreender que (re)formar professores(as) no enlace com as múltiplas linguagens é sensibilizar o seu olhar para que se atente a como as crianças leem-criam o mundo. Nesse limiar, concluímos que quando as múltiplas linguagens se tecem ao cotidiano pedagógico, emergem espaços que rompem com dicotomias entre o pensar e o sentir, e então promove entrelaçamentos para uma verdadeira didática da maravilha (Nigris, 2014) em distintos movimentos formativos.

Palavras-chave: Ateliê; Formação estética; Professores(as) das infâncias; Gramática da Argila.

Referências:

BLANCO, L.; FRANCO, P. **Feito barro**. 1. ed. São Paulo: Diálogos Embalados, 2025.

CORRÊA, C. A.; OSTETTO, L. E. Sobre formação estética e docência: as professoras de educação infantil desejam mais arte!. **LAPLAGE EM REVISTA**, v. 4, p. 23-37, 2019.

MARTINEZ, A. P. A. A criança, a escola e a educação estética. In: PEDERIVA, P. L. M.; MARTINEZ, A. P. A. (Orgs). **A escola e a educação estética**. Curitiba, PR: CRV, 2015.

NIGRIS, E. A “didática da maravilha”: um novo paradigma epistemológico. In: GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, M. A. (Orgs.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

OSTETTO, L. E.; BRITO SILVA, G. D. Arte na formação docente para a Educação Infantil: procura-se!. **Poiésis -** Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 12, p. 185-203, 2018.

3.7
TECENDO MUNDOS DE CALMARIA CURUMIM: PROCESSO DE CRIAÇÃO EM ARTE ENTRELAÇADOS À TECNOLOGIA ANCESTRAL INDÍGENA DA COSTURA

Elvis Jordan Santos Farias
Luciane Germano Goldberg
Francisco Rodrigues Holanda(Rodrigo Tremembé)

Esta tessitura escrita apresenta uma experiência de pesquisa em artes, parte de uma pesquisa de mestrado no PPGARTES/IFCE, desenvolvida com curumins Tremembé da Terra Indígena Córrego João Pereira, no Ceará, tendo como objetivo a criação coletiva de um traje de cena para Calmaria, personagem indígena de uma criação dramatúrgica tecida a várias mãos a partir de histórias, memórias e experiências (auto)biográficas do território originário Tremembé. Inserida na fiação temática Tramas da Educação e Arte, a pesquisa parte da compreensão de que educar em artes também é criar condições para que diferentes saberes, corpos, memórias e modos de existência possam se encontrar, produzir sentidos e transformar-se mutuamente. Nessa trama colaborativa, a costura se constitui como linguagem, procedimento pedagógico, dispositivo de memória e modo de relação afetiva, de pertencimento e identidade étnica. A experiência é orientada pela metodologia da pesquisa-ação existencial (Barbier, 2002), compreendida aqui como um fazer investigativo implicado no vivido, em que pesquisar, criar, aprender e conviver acontecem em simultâneo. Fiar mundos com curumins é brincar de experimentar, criar com eles e permitir que as decisões do processo criativo sejam atravessadas pelos acontecimentos dos corpos-território em movimento como os da linha no tecido. O traje de Calmaria foi construído em encontros nos quais fazer artístico e brincadeira se misturaram: selecionamos retalhos, produzimos fuxicos, pintamos grafismos, inventamos desenhos, experimentamos costuras e texturas, brincamos de jacarandá, corremos pelo terreiro e subimos no cajueiro. Esses alinhavos de pesquisa se misturaram ao cotidiano da aldeia em mergulhos (auto)biográficos que se materializam em aprendizagem e criação artística. Um dos fios fundamentais dessa experiência é a oralidade de Baía Tremembé, anciã de 103 anos, reconhecida como “tronco velho” e inspiração para a aldeia do Córrego. Sua presença simbólica e seus saberes evocam tecnologias ancestrais indígenas que se manifestam em suas práticas de costura, crochê, fuxico, tapeçaria, trançado e dobradura. Ao aproximar os curumins dessas práticas valorizamos e reconhecemos a potência das infâncias indígenas, da escuta sensível, da construção de conhecimento em relação de teia com o mundo inscritos nas mãos de crianças tecedeiras, curumins fiandeiras tal qual Yandu, a aranha, na língua Tremembé. O processo se “desavessou” em um resultado de costura onde o retalho pintado tece a narrativa de uma experiência que reforça o senso de unidade e pertencimento coletivo. Nas tramas de Calmaria criamos vestes que nos lembram do tempo curumim, brincando de mãos dadas como na dança do Torém, ritual circular do Povo Tremembé.

Palavras-chave: Arte-educação; Curumins Indígenas Tremembé; Traje de cena; Pesquisa-ação existencial; Tecnologia ancestral da Costura.

Referências:

BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.
FARIAS, E. J. S. **Quem pariu o Mateus que balance, quem inventou o figurino que costure:** Um figurino alternativo para o Mateus de Pratativando. Monografia, 2016.
GOLDBERG, L. G. Da potência narrativa do desenho infantil para a pesquisa (auto)biográfica com crianças. **Revista @mbienteeducação.** São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 2, p. 141-163 mai/ago, 2019.
MUNIZ, R. **Vestindo os nus:** o figurino em cena. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.
TREMEMBÉ, R. et al. **Entre traços e memórias Tremembé:** Aldeia Córrego João Pereira. Fortaleza: Edições KUYA, 2024.

3.8
CAIXARTE: A ETERNA NOVIDADE DAS INFÂNCIAS - A CRIANÇA COMO OBRA DE ARTE E POTÊNCIA CRIADORA

Giselle Pertinhes

O que pode acontecer quando a infância deixa de ser compreendida como um tempo de preparação para o futuro e passa a ser reconhecida como presença, criação e acontecimento? Esta experiência nasce dessa pergunta e se desdobra no CaixARTE, uma proposição pedagógico-artística que busca reconhecer a criança como sujeito de criação, como potência inventiva e como obra de Arte, em permanente processo de constituição. A experiência relatada investiga de que modo a Arte pode abrir espaços para que as crianças expressem suas narrativas, seus modos singulares de perceber o mundo e suas múltiplas linguagens, deslocando o olhar adulto de uma perspectiva que frequentemente interpreta, conduz ou antecipa os sentidos da infância. O objetivo da experiência é compreender e afirmar a potência da criança como criadora, valorizando os processos de experimentação, descoberta, imaginação, escuta e produção de sentidos que emergem no encontro entre infância e arte. Busca-se, ainda, refletir sobre o papel do educador como aquele que cria condições para que a experiência aconteça, exercitando uma escuta sensível e um olhar atento ao que a criança revela, inventa e transforma. O referencial teórico dialoga com estudos da infância e da educação, especialmente com Paulo Freire, Madalena Freire, Jorge Larrosa, Ana Mae Barbosa, Loris Malaguzzi, Adriana Friedmann e outros autores que compreendem a criança como sujeito histórico, sensível, relacional e produtor de cultura. A perspectiva da experiência estética atravessa o trabalho, compreendendo a arte não apenas como produção de objetos, mas como possibilidade de encontro, experiência e transformação. Metodologicamente, a experiência desenvolve-se a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter narrativo e reflexivo, construída pela observação, escuta e documentação dos processos vividos pelas crianças. O CaixARTE constitui-se como espaço aberto à investigação, no qual materiais, gestos, imagens, palavras, silêncios e invenções podem tornar-se matéria para a criação. Mais do que buscar um resultado previamente definido, a proposta acolhe o inesperado como parte fundamental do processo. As principais conclusões apontam para a necessidade de deslocar o olhar sobre a infância: não perguntar apenas o que a criança aprende, mas o que ela cria, o que ela inaugura e o que nos ensina a ver. O CaixARTE revela-se, assim, como uma experiência que tensiona práticas pedagógicas centradas na antecipação e na normatização, afirmando a infância como território de possibilidades. A criança, compreendida como obra de arte, não é uma forma acabada, mas presença em movimento, capaz de produzir novos sentidos e de transformar o próprio espaço educativo. Nesse entrelaçamento entre educação e arte, a experiência convida o educador a fiar com as crianças, e não por elas, reconhecendo que cada infância carrega consigo a possibilidade de uma eterna novidade.

Palavras-chave: infância; arte; experiência estética; criança; potência criadora.

3.9
ENCONTRAR-SE, FAZER À MÃO, REMEMORAR: ONDE ESTÁ A ARTE NOS PERCURSOS FORMATIVOS E NA PRÁTICA DOCENTE?

Luciana Esmeralda Ostetto
Ana Grazyele da Silva Araujo

O relato trata de uma pesquisa desenvolvida no encontro com professoras de Educação Infantil, que teve por objetivo mapear a presença da arte nos percursos formativos e nas práticas pedagógicas docentes. Sustentada pelos pressupostos teórico-metodológicos das abordagens narrativas (auto)biográficas (Josso, 2010; Formenti, 2008; Ostetto, 2021), a pesquisa desejou ouvir histórias de professoras sobre percursos e experiências que contribuíram para sua formação estética, e sobre arte na/para as infâncias, integrada em sua prática pedagógica. Como principal dispositivo de produção de dados, fez-se do ateliê narrativo um espaço-tempo para o encontro e acolhida de memórias docentes, a partir de "[...] fazeres criativos e linguagens poéticas, de modo a entrelaçar teoria e prática, reflexões e contato direto com diferentes materialidades expressivas." (Ostetto; Folque, 2021, p. 6). Um espaço-tempo empático-criativo que, chamando à inteireza de ser, pelo fazer à mão, abre possibilidades de narrativa e interpretação de si, (in)corporando razão e sensibilidade, cognição e afeto. Foram realizados nove ateliês narrativos - contemplando propostas de produzir um caderno artesanal, poetizar por meio de materialidades e imagens de arte diversas, pesquisar sobre artistas, leituras e experiência com o desenho, cantigas, narrativas sobre experiências em museus, entre outras -, com a participação de sete professoras da Rede Municipal de Niterói/RJ. No ato de rememorar e partilhar o vivido, articulando passado e presente, as narradoras reconhecem texturas, formas, cores, sabores, sons, paisagens, deslocamentos do caminho trilhado e que contribuíram para compor seus modos de ser, sua sensibilidade estética. Sobre a presença da arte no processo de formação escolar, denunciam práticas reducionistas, que deixavam à margem o ser poético-criador e induziam à cópia; por outro lado, reconhecem a escola como importante via de acesso a espaços artístico-culturais. Quanto à arte e processos criativos na formação inicial para a docência, identificam uma lacuna que, por sua vez, mobilizou o interesse em ampliar conhecimentos e repertórios estéticos, fazendo-as buscar cursos, estudos e formações, também relacionadas a demandas da prática docente com arte. Os diálogos entre memórias, histórias e reflexões de vida e formação com/sobre a arte, apontaram um campo de aprendizagem que reverbera no cotidiano pedagógico: muitas das experiências das professoras-narradoras com a arte, fora do campo profissional, compõem as propostas que realizam com as crianças, envolvendo múltiplas linguagens. As narrativas reafirmam a essencialidade de se garantir, na formação docente, inicial e continuada, experiências com a arte, a natureza e as expressões culturais, para ativar processos criativos e ampliar repertórios estéticos que, por sua vez, contribuem para a abertura do olhar e da escuta aos processos criativos, sensíveis, curiosos, poéticos e narrativamente sublimes das crianças.

Palavras-chave: Arte na educação infantil. Narrativas autobiográficas. Ateliês narrativos. Formação estética docente.

Referências:

FORMENTI, L. Escrita autobiográfica e zelo: um olhar composicional. In.: PASSEGGI, M. da C. (org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

JOSSO, M-C. **Caminhar para si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

OSTETTO, L.; KOLB-BERNARDES, R. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 1(76), p. 161-178, jan./abr. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/xrdLcNHtLfsmrRpHrYY4c8H/?lang=pt#

OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. da A. Na escuta de estudantes-professoras: entre memórias e miudezas, retratos de formação estética. **Educar em Revista,** Curitiba, v. 37, e75592, 2021.

OSTETTO, L. Texturas da prática: narrativas de uma pedagoga sobre arte na formação docente. **Revista GEARTE, Porto Alegre**, v. 8, n. 2, p. 482-508, maio/ago. 2021. http://dx.doi.org/10.22456/2357-9854.117514

RUGIRA, J-M. A relação com o corpo e a sensorialidade na história de vida: por uma abordagem somatopedagógica do acompanhamento. In: PASSEGGI, M. da C. (org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

3.10
A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS(AS) NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Luciane Germano Goldberg

A educação estética é elemento primordial para o desenvolvimento humano, crítico, reflexivo e sensível, responsável pela promoção do autoconhecimento e da consciência de si e do outro, contribuindo para a educação dos sentidos. O ser humano, ciente de sua singularidade e de seu papel no mundo, é capaz de superar o dualismo razão/emoção e perceber-se enquanto ser integral, dotado de uma personalidade única e irrepetível. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (2006), a dimensão estética é um dos princípios fundamentais para a formação do(a) pedagogo(a), devendo ser implementada, em sua atuação profissional na elaboração de práticas educativas em diferentes níveis de ensino, em espaços escolares e não escolares. Torna-se necessária então, uma formação sensível do(a) educador(a), que promova, por meio da experiência estética, a "educação dos sentidos", tão essencial na contemporaneidade. Diante disso, o presente trabalho apresenta a disciplina de Educação Estética I, componente optativo no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, que desde 2019 tem como objetivo promover experiências estéticas diversas e singulares em contato com a natureza e com a arte visando a "educação dos sentidos", contribuindo para a formação sensível, reflexiva e crítica de educadores e educadoras multiplicadores(as) na sociedade como um todo. A partir das temáticas Anestesia x Estesia; Estética e Educação estética; O sujeito da experiência; Educação estética e infâncias; Educação estética e formação docente, a disciplina promove atividades e vivências diversificadas, com acolhidas, saídas de campo, visitas a exposições em espaços culturais da cidade de Fortaleza, oficinas de arte, troca de experiências com professoras da rede pública e privada; estudos, etc. buscando promover a nutrição estética de futuros(as) pedagogos(as). Ao longo da disciplina, os(as) participantes aprendem o verbo "flanar", derivado do termo francês "flâneur", criado por Walter Benjamin, que designa o "caminhante", que perambula sem pressa ou destino certo pelas ruas da cidade, absorvendo a vida cotidiana. Representa o sujeito moderno que vaga e observa com um olhar curioso e artístico, misturando-se à multidão. Como base teórica, autores como Benjamin (1994), Duarte Jr (2000), Larrosa (2002), Albano (2021), Ostetto (2019), entre outros(as), assim como documentos legais norteadores de práticas pautadas na dimensão estética. Como objeto de registro, reflexão e avaliação das experiências, é proposta a confecção de um caderno artesanal, que configura o Diário de Itinerância (Barbier, 2002) que se caracteriza como um "caderno de campo" diferenciado, livre para experimentações sensíveis, poéticas e artísticas como desenhos, pinturas, colagens, fotografias, poesias, etc. Nele registram-se as experiências vividas como reflexões, observações, sensações, percepções, aprendizagens, tudo que tocou, mexeu, (trans)formou!

Palavras-chave: Educação Estética; Formação estética do(a) pedagogo(a); Experiência estética.

Referências:

ALBANO, A.A. Por uma pedagogia da infância através da arte. In: CAMPOS, K.P. B.; OLIVEIRA, M. das G.; BOITO, C. (Orgs). **Infância, arte e produção cultural**. Estância Velha: ZMulti Editora, 2021.

BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação.** Trad. Lucie Didio. Brasília: Editora Plano, 2002.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas III - Charles Baudelaire:** um lírico no auge do capitalismo. Tradução: José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Resolução CNE/CP no 1, de 15 de maio de 2006.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: CNE, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em 29 de agosto de 2026.

DUARTE JÚNIOR, J.F. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. (Tese de Doutorado em pdf.) Unicamp/SP: Faculdade de Educação, 2000.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, nº 19.

OSTETTO, L.E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v.14, n.1, p.57-76 jan./abr. 2019.

SILVA, C.; GOLDBERG, L.; PINTO, P.; LARRIPA, T. Ateliê do Iprede: experiência e educação estética no terceiro setor. **Extensão em Ação**, Fortaleza, v.1, n.17, jan./jul. 2019.

3.11
COMO OS ESPAÇOS ESTÉTICOS PODEM CONTRIBUIR NA DESCONSTRUÇÃO DAS ATIVIDADES ESCOLARIZADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Leidiane Ferreira Leite
Michelle Dantas Ferreira

A presente pesquisa qualitativa, emerge das inquietações vivenciadas no cotidiano de uma Unidade de Educação Infantil da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, diante da permanência de práticas pedagógicas escolarizadas, marcadas pelo uso de atividades prontas e padronizadas, centradas no produto e na antecipação de conteúdos formais. Tais práticas limitam o protagonismo, a criatividade, a investigação e as múltiplas formas de expressão das crianças, compreendidas como sujeitos históricos, sociais, culturais e protagonistas de suas aprendizagens (Malaguzzi, 1999). Nesse contexto, a pesquisa que se dá em meio à Especialização em Docência na Educação Infantil - na Universidade Federal do Piauí (UFPI) e na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) -, busca investigar como os espaços estéticos podem contribuir para a desconstrução das atividades escolarizadas na Educação Infantil, compreendendo o espaço estético como elemento constitutivo das experiências infantis; discutindo o ateliê como ambiente de investigação, experimentação e expressão e refletindo sobre a documentação pedagógica como instrumento de escuta e acompanhamento dos processos de aprendizagem. Para isso, fundamenta-se nas concepções de infância e nas contribuições da abordagem de Reggio Emilia, especialmente nos estudos de Malaguzzi (1999; 2016), Rinaldi (2012), Gandini (1999;2019), Vecchi (2017), Cadwell (2003; 2019) e Proença (2018; 2022), em diálogo com documentos orientadores da Educação Infantil. A pesquisa teve como procedimentos a observação do cotidiano pedagógico e a aplicação de questionário a quatro docentes da unidade, selecionados por amostragem intencional. Embora estivesse prevista a observação do ateliê em funcionamento, sua inauguração não ocorreu em tempo hábil. Assim, a análise concentrou-se nas práticas observadas e nas respostas dos questionários. Os resultados evidenciaram convergência entre as percepções docentes quanto à relevância dos espaços estéticos e investigativos para promover autonomia, curiosidade, criatividade, concentração, engajamento e protagonismo infantil. A construção do ateliê, mesmo sem sua utilização durante a pesquisa, mobilizou a comunidade escolar, ampliando reflexões e possibilidades de transformação das práticas. Conclui-se que a organização intencional dos espaços, articulada à escuta, à documentação pedagógica e à valorização das múltiplas linguagens, constitui um caminho potente para repensar práticas escolarizadas e fortalecer uma Educação Infantil que reconheça a criança como protagonista, criadora de cultura e participante ativa na construção de seus conhecimentos.

Palavras-chave: Educação Infantil; Educação Estética; Ateliê; Arte, Práticas Escolarizadas.

Referências:

CADWELL, L. B. **Trazendo Reggio para casa:** uma abordagem inovadora para a educação infantil. New York: Teachers College Press, 2003.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.). **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016. v. 1.

GANDINI, L. O ambiente educacional e os espaços de aprendizagem. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G.. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GANDINI, L.; HILL, L; CADWELL, L.; SCHWALL, C. (orgs.). **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2019.

PROENÇA, M. A. **O registro e a documentação pedagógica:** entre o real e o ideal... o possível!. São Paulo: Panda Educação, 2022.

PROENÇA, M. A. **Prática docente:** a abordagem Reggio Emilia com projetos, portfólios e redes formativas. São Paulo: Panda Educação, 2018.

RINALDI, C. **Diálogo com Reggio Emilia:** escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

VECCHI, V. **Arte e criatividade em Reggio Emilia:** explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação infantil. São Paulo: Phorte, 2017.

3.12
NARRATIVAS COMPARTILHADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS ENTRE ARTE E PEDAGOGIA

Iasmim Cavalcanti Caballero Lira

Na Educação Infantil, embora as diretrizes nacionais defendam que as linguagens não se separam e que a experiência estética é central no currículo, a realidade mostra isolamento dos campos da arte e da pedagogia. Há muitas questões que atravessam o trabalho do pedagogo e do professor de arte: de um lado a polivalência, de outro a especialidade, o que nem sempre é articulado em favor da criança. Sem repertório artístico e material na formação inicial, facilmente o pedagogo acaba reduzindo a arte a atividades mecânicas e utilitárias. Já o professor de arte, formado para o ensino fundamental e médio, desconhecendo a rotina da Educação Infantil e as peculiaridades da faixa etária atendida, traz à sua prática propostas inadequadas às crianças. Tais questões, que perpassam formação e identidade em cada campo, provocam uma cisão que enfraquece a escola pública como espaço de formação humana. O trabalho aqui apresentado decorre de uma pesquisa de doutorado - em andamento no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense -, tecida como pesquisaformação, pelas vias das abordagens narrativas e (auto)biográficas (Bragança, 2012; Passeggi, 2010; Delory-Momberger, 2014) e dos ateliês biográficos (Ostetto; Kolb-Bernardes, 2015). O intuito é aproximar o olhar e a escuta de pedagogos e professores de arte para construir práticas que respeitem as lógicas das infâncias, mapear as memórias estéticas desses docentes e analisar a viabilidade de ateliês experimentais como dispositivos de formação continuada, em dois contextos públicos do Rio de Janeiro. A investigação nutre-se da compreensão de fronteira como espaço de encontro (Albano, 2010) e discute a negligência da dimensão sensível nos currículos formativos (Ostetto; Silva, 2018). Dialoga com o ateliê como território de investigação (Holm, 2007) e com o afeto que sustenta o ato pedagógico (Alves, 1981). Assume um compromisso político por meio das pedagogias de re-existência (Albán Achinte, 2013), propondo o descentramento do cânone eurocêntrico e a decolonialidade do olhar. Sustenta-se ética e filosoficamente na pedagogia da escuta e no manifesto das cem linguagens da infância (Malaguzzi, 1999; Vecchi, 2013; Rinaldi,2014). Como a pesquisa de doutorado está apenas começando, os horizontes desenhados acenam para a possibilidade de desarmar bloqueios criativos, rever clichês pedagógicos e superar o isolamento nas escolas. O encontro formativo e as narrativas surgem como caminhos para construir uma docência compartilhada, onde adultos e crianças vivenciem juntos o direito à criação e à poesia.

Palavras-chave: Arte e Pedagogia; Educação Infantil e arte; narrativas autobiográficas; ateliês; pesquisaformação.

Referências:

ALBÁN ACHINTE, A. Pedagogías de la reexistencia: artistas indígenas y afrocolombianos deconstruyendo a la hegemonía. In: WALSH, C. (org.). **Pedagogías decoloniales:** Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Abya-Yala, 2013. p. 443-468.

ALBANO, A. Arte e pedagogia: além dos territórios demarcados. **Cadernos CEDES,** Campinas, v. 30, n. 80, p. 26-39, jan./abr. 2010.

ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas: Papirus, 1981.

BRAGANÇA, I. **Histórias de vida e formação de professores:** a pesquisa narrativa em busca de uma poética da docência. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2014.

HOLM, A. M. **Eco-arte com crianças.** São Paulo: Instituto de Arte e Cultura, 2015.

MALAGUZZI, L. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Penso, 1999.

OSTETTO, L; SILVA, G. Arte na formação docente para a Educação Infantil: procura-se! **Poiésis**, Unisul, Tubarão, v.12, n.21, p.185-203, Jan/Jun 2018.

OSTETTO, L.; BERNARDES, R. Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 164–180, 2019. DOI: 10.26843/v12.n2.2019.710.p164-180..

PASSEGGI, M. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. C.; SILVA, V. B. (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensões de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.103-130.

RINALDI, C. **Diálogo com Reggio Emilia:** a escuta, a pesquisa e a aprendizagem na educação infantil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

VECCHI, V. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: o papel do ateliê e dos atelieristas na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2013.

3.13
UMA EXPOSIÇÃO DE PROCESSOS E REVERBERAÇÕES POÉTICAS: NAS FRESTAS - GEST(O)AÇÕES COLETIVAS, UMA ESTRATÉGIA DE VER-SENTIR-PENSAR

Beatriz Jabor Hugueney
Adrianne Ogêda Guedes

Como parte dos desdobramentos do projeto “O ethos do cuidado na formação docente: potencializando o corpo, o movimento e a arte como dispositivos do sensível", do grupo de pesquisa FRESTAS (Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Trocas, Arte e Sentidos) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, foram realizadas uma série de ações que se configuram como estratégias de ampliação da circulação científica, formativa e cultural do alcance do projeto. Entre as ações destacam-se o Seminário Ethos do cuidado na formação docente, o lançamento do livro-objeto Frestário, a organização do livro Cuidado, criação e partilha: frestas para reencantar corpos docentes, a exposição Nas FRESTAS - gest(o)ações coletivas e a consolidação de uma gramática teórico-metodológica de pesquisa. Este artigo irá abordar a importância da mostra, realizada em âmbito acadêmico dentro do próprio espaço da universidade, como um dispositivo artístico-curatorial e pedagógico de partilhas, processos e reverberações poéticas para os visitantes, docentes e turmas que visitaram a exposição. A curadoria da mostra nasceu a partir dos conteúdos do livro-objeto Frestário lançado na abertura da exposição. O livro, concebido como um dispositivo de criação, documentação e circulação dos conhecimentos produzidos coletivamente ao longo da investigação do projeto foi organizado em torno de verbetes de palavras-força, proposições e desenhos. A curadoria das palavras-força emergiu dos percursos investigativos e formativos desenvolvidos nos cursos de extensão de 2024 e 2025 e traduzem importantes conceitos/abordagens para o grupo Frestas em suas práticas pedagógicas. Na exposição cada palavra-força se transformou em uma escolha curatorial dentro do vasto acervo de imagens, textos, vídeos, filmetes, depoimentos, experiências, aulas e pesquisas do programa nas duas edições do curso “Ethos do cuidado na formação docente”. As palavras: Frestas, Memória, Saúde, Experiência, Cuidado, Arte, Ritual, Coletividade, Afeto, Corpo , Sentidos, Educação Estética, Formação, Docente, Encantamento, acompanhadas de seus respectivos verbetes, foram as portas de entrada para a curadoria de imagens e filmetes, objetos testemunhos e portais de histórias e memórias vividas, proposições participativas envolvendo o espectador, conteúdos de pesquisas e das dissertações do grupo, materialidades do mundo como convites sensíveis para o público se envolver e fazer parte de algo que transcende a matéria e é vivida no corpo através do ver-sentir-pensar. A exposição transformou materiais da pesquisa em uma experiência estética viva e aberta ao envolvimento do público, convidando-os a percorrer e experienciar cada um dos temas/conceitos. Ao transpor a ecologia de processos investigativos para o espaço expositivo, ampliou-se as possibilidades de circulação do conhecimento produzido pelo projeto e fortaleceu o diálogo entre universidade, escola e sociedade.

Palavras-chave: Arte; Formação Docente; Curadoria; Dispositivos de Partilha; Corpo Sensível.

Referências:

BEMVENUTO,V. da S.; CORTAT, R.; GUEDES, A. O.(Org.). **Frestário.** Rio de Janeiro: Sanhaço Editorial, 2026.
BOURRIAUD, N.. **Estética relacional.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.
CAMNITZER, L.; PÉREZ-BARREIRO, G.(Org.). **Educação para a arte:** arte para educação. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009
GUEDES, A.O; Ribeiro, T. **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu editora, 2019
HELGUERA, P.; HOFF, M. (Org.). **Pedagogia no campo expandido.** Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011. [online]
JABOR, B. **Escutas para ver-sentir-pensar:** a escuta sensível de artistas e educadores como pr(á)tica pedagoogica. Rio de Janeiro, 2025. Pré-projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO.

3.14
ARTE CONTEMPORÂNEA E INFÂNCIAS INVENTIVAS: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS COM A CULTURA NORDESTINA

Janice Débora de Alencar Batista Araújo
Pedro Cauã Patrício da Silva

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre práticas artísticas contemporâneas no contexto da educação infantil. A arte contemporânea, ao romper com padrões tradicionais e valorizar os processos criativos, amplia práticas educativas mais abertas, sensíveis e críticas na infância. Tal estudo propõe analisar ações do Projeto de Extensão Invencionática: Arte Contemporânea e Ludicidade na Educação de Crianças (PREX/UFC), que durante o primeiro semestre de 2026, realizou ações voltadas a presença da arte contemporânea na Educação Infantil. Participaram da experiência crianças do agrupamento Infantil IV de um Centro de Educação Infantil (CEI) do município de Fortaleza-CE. Esse estudo tem inspiração teórica, nos estudos de Hernández (2000), Ostetto (2021) e Abad e Veslasco (2011) que compreendem a arte contemporânea como experiência e investigação, promovendo aprendizagens significativas em diálogo com o mundo vivido pelas crianças. A principal ação do projeto foi uma experiência estética com os elementos da cultura nordestina e a arte contemporânea. As crianças do Infantil 4 vivenciaram um conjunto de experiências estéticas e sensoriais, que aguçaram os seus sentidos, tendo como referência a cultura nordestina. Apreciaram nas paredes do CEI um quadro em Arte Naif, como o título “São João em Custódia”, da artista Lourdes de Deus. A Literatura Infantil foi uma importante aliada, para ampliar as referências estéticas e culturais das crianças, assim a partir do livro Mungunzá (2022) de Tatiane Santos as crianças conheceram sobre a origem desse alimento, degustaram, conheceram as especiarias cravo e canela. Com o livro Uma festa de cores - memórias de um tecido brasileiro (2024), de Anna Gobel e Ronaldo Fraga as crianças conheceram a origem do tecido chita, conhecido por suas estampas florais, sendo um elemento cultural do Brasil, muito utilizado nas festas populares como o maracatu, festas juninas e danças. As crianças vivenciaram diversas possibilidades de exploração e criação com o tecido chita, realizaram colagem, desenhos com retalhos, e brincaram com os tecidos, criaram movimentos e através do faz de conta, brincaram de pic-nic, criaram tendas, balançaram na rede, puderam ser fantasma, rei, rainha, super-heróis e organizaram um desfile transformando os tecidos em roupa. A documentação pedagógica se configurou em desenhos, colagens e registros das brincadeiras, vídeos e uma exposição para a exploração e apreciação de todas as crianças do CEI com um espaço marcado pela experimentação de materiais, suportes e espaços ludoestéticos. Portanto, o Projeto Invencionática contribuiu para estudos e reflexões sobre a relação entre arte contemporânea e práticas lúdicas no contexto da educação infantil que atravessou intencionalidades pedagógicas de ampliação estética e produção artística das crianças e professores.

Palavras-chave: arte contemporânea. princípio estético. crianças.

Referências:

ABAD, J.; VELASCO, R. de. **El juego simbólico.** Barcelona: Graó,2011

FRAGA, R. **Uma festa de cores:** memórias de um tecido brasileiro. Ilustrado por Anna Gobel. 1a ed. Belo Horizonte, MG. Yellonfante,2024

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

OSTETTO, L.E. Formação, pesquisa e prática docente pelos territórios da arte: (re)conectar sensibilidades, (re)inventar linguagens. In: OSTETTO, L. E.; SILVA, G. D.de B.; BIBIAN, S. (org.) **Educação Infantil, formação e prática docente nas tramas da arte**. Curitiba: Appris, 2021.

SANTOS, T. S. **Mungunzá.** Ilustrado por Bruna Lubambo.Rio de Janeiro, RJ: Pallas Mini,2022.

3.15
MUSEUS COMO TERRITÓRIOS DE ENCANTAMENTO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Hiago Viveiros da Silva
Adrianne Ogêda Guedes
Gabriela Farias Ribeiro de Vasconcelos

Este relato de experiência apresenta um projeto formativo iniciado em 2025 com professores da Educação Infantil da rede municipal do Rio de Janeiro, que propõe a ocupação de espaços culturais da cidade como estratégia de ampliação dos repertórios estéticos e de reencantamento dos processos educativos. A proposta emerge da seguinte questão: como promover experiências de encantamento na educação se muitos docentes vivenciam processos de desencanto em relação ao trabalho e às possibilidades de criação pedagógica? Soma-se a essa reflexão a inquietação acerca do acesso das crianças das classes populares aos equipamentos culturais da cidade: como incentivar a ocupação desses espaços pelas infâncias se os próprios professores pouco os frequentam? O objetivo do projeto é favorecer a aproximação dos docentes com museus e instituições culturais, potencializando experiências estéticas capazes de fortalecer a autoria docente, ampliar repertórios culturais e qualificar a escuta das subjetividades infantis. Busca-se, assim, contribuir para a construção de práticas educativas mais sensíveis, criativas e conectadas com a dimensão cultural da infância. O referencial teórico fundamenta-se nas contribuições de Simas e Rufino (2020), que discutem o encantamento como política de vida e resistência ao desencanto contemporâneo, e de Ostetto (2010; 2014), para quem o ato de educar está intimamente relacionado à capacidade de encantar-se. Nessa perspectiva, a experiência estética é compreendida como dimensão essencial da formação docente, uma vez que não se pode encantar o outro sem antes ser atravessado pelo encantamento. A metodologia inspira-se na abordagem da pesquisa e formação errante proposta por Ostetto (2019), privilegiando o deslocamento, a abertura ao inesperado e a construção de saberes a partir da experiência do diálogo da observação na trajetória. As ações são desenvolvidas em parceria com o Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUCAHB), o Museu de Arte do Rio (MAR) e o Museu de Arte Moderna (MAM), Museu de Ciências da Terra (MCter) promovendo visitas formativas e experiências de fruição artística voltadas aos professores. Os resultados parciais evidenciam elevado engajamento das professoras e apontam para a potência dos museus como territórios formativos e de estesiamento convidando os seres criativos e inventivos que acabam se perdendo no cotidiano cansado e sobrecarregado dos tempos atuais. Mesmo diante de desafios logísticos e desigualdades de acesso, professoras mobilizam estratégias próprias para garantir a participação das crianças nas atividades culturais, revelando o fortalecimento da autoria docente e o reconhecimento da arte como direito e dimensão constitutiva da formação humana. Conclui-se que a ocupação dos espaços culturais pelos educadores amplia possibilidades pedagógicas, fortalece processos de encantamento e contribui para uma educação infantil mais sensível, criativa e socialmente comprometida.

Palavras-chave: Formação docente; Arte; Encantamento; Educação Infantil; Experiência Estética.

Referências:

OSTETTO, L. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. **Cadernos CEDES,** Campinas, v. 30, n. 80, p. 40-55, 2010.

OSTETTO, L. E. A pesquisa em círculos tecida: ensaios de metodologia errante. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T.(Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento:** sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020

ATELIÊS



Obra de Antônio Poteiro

Ateliê 1
ENTRE CHAMAS E CORES, BRINCAR COM O FOGO

Mariana Soares Dantas

Ementa: O brilho do fogo orienta o ateliê-brincante, que se propõe a acessar um tempo-ação de presença, criação e belezas. Trata-se de um convite para brincadeira com esse elemento, a partir das chamas das velas e das cores do giz de cera, em movimentos de escuta, descoberta e experimentação. Um espaço-tempo para deixar-se aquecer pelo fogo, acompanhar seus gestos e possibilidades, acender imaginários e deixar emergir outras formas de sentir.

Ateliê 2
POESIA ILUSTRADA: PERCEBENDO AS IMAGENS QUE AS PALAVRAS PROVOCAM

Michele Costa

Ementa: Este ateliê propõe uma aproximação entre ilustração e poesia, a fim de compreender a imagem enquanto linguagem capaz de ampliar os sentidos da palavra. Ilustrar é uma forma de interpretar, inventar e criar novas narrativas, estabelecendo diálogos entre palavra, imagem e imaginação. Ao longo do encontro, serão apresentadas brevemente algumas técnicas da ilustração, para refletirmos sobre seus usos, significados e funções em livros, narrativas e produções artísticas, compreendendo que ilustrar não significa simplesmente representar aquilo que está escrito. Os fragmentos da obra de Manoel de Barros, poeta das invenções, serão usados como disparadores poéticos para experimentarmos diferentes possibilidades de composição visual, criando narrativas próprias, pautadas na experimentação, sensibilidade e liberdade criadora. A experiência prática acontecerá com a utilização de diferentes materiais e suportes, como aquarela, giz pastel e elementos da natureza, como folhas, sementes, gravetos, entre outros, percebendo suas características e potencialidades expressivas.

Ateliê 3
FIAR IMAGENS, COLAR HISTÓRIAS

Iasmim C. C. Lira

Ementa: Esse ateliê toma a colagem como um gesto poético e de escuta. Tendo a criação de um zine autoral como suporte, vamos tecer nossas narrativas. A partir do manuseio de fragmentos de papéis, texturas, imagens e palavras, vamos desestabilizar a rigidez da escrita acadêmica tradicional para dar contorno e destaque às memórias e trajetórias docentes. Trata-se de um exercício de “fiar imaginações” e inventar outras cartografias para as histórias que nos habitam.

Ateliê 4
INVENTÁRIOS DO CAMINHO: (RE)ENCONTROS COM A CIDADE E A FORMAÇÃO ESTÉTICA DOCENTE

Graziela Mello
Laís Vilela Gomes

Ementa: O ateliê propõe experimentar a cidade como espaço formativo e o caminhar como prática estética-formativa, perguntando: o que o caminho nos oferece quando desaceleramos para percebê-lo? O que escolhemos olhar? O que nos olha de volta? O que, nesse percurso, nos forma? Do percurso/processo, tecer um inventário que não pretende dar conta do caminho, mas tornar visíveis alguns dos modos pelos quais fomos atravessados por ele.
Palavras-chave: cidade; caminhar; fotografia; olhar; formação estética docente; experiência; sensibilidades; inventário.

Ateliê 5
ARTE, IMAGENS E TEMPORALIDADES

Sidiney Peterson

Ementa: O ateliê se inscreve como possibilidade de criação de um campo de investigação e experimentação Com o de investigar como as noções de arte, imagem e temporalidades operam nas produções artísticas e nas vivências visuais cotidianas, articulando-as com práticas educativas, será desenvolvido por meio de uma abordagem experiencial-reflexiva, para construção de sobreposições e colagens, estruturada em momentos de estranhamento visual, experimentação poética com materiais diversos e diálogo conceitual fundamentado nos estudos sobre imagem, temporalidade e materialidades.

Ateliê 6
"EM TUDO EU PONHO A VIDA DE GOIÁS. TUDO O QUE FAÇO É BRASIL": COM A ARTE DE ANTÔNIO POTEIRO, PENSAR O *TEMPOESPAÇO* DE ESTESIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

José Firmino de Oliveira Neto
Maria Auxiliadora Fernandes Justiniano

Ementa: Como um convite a (re)pensar o *tempoespaço* de estesia na Educação Infantil, assumindo os princípios éticos, políticos e estéticos como orientadores da docência com as crianças, desde bebês, o ateliê pretende mobilizar, pela gramática da argila e no enlace com a poética de Antônio Poteiro - escultor, pintor e ceramista radicado em Goiás -, movimentos de reflexão, com boniteza e alegria, chamando à ousadia de experimentar e deixar sua marca. Com as mãos, com o corpo inteiro, pensar, sentir, viver um caminho que inspire cada participante a reavivar a expressão criadora, com emoção e inteireza, na jornada da docência com as crianças.

Ateliê 7
"EU RABISCO O SOL QUE A CHUVA APAGOU": DESENHOS, INFÂNCIAS E AUTOBIOGRAFIAS

Luciane Germano Goldberg
Leandro Pereira Junior

Ementa: O desenho é uma das primeiras linguagens na/da infância, que geralmente é "apagada" ou abandonada, principalmente quando se intensifica o processo de alfabetização escolar. Porém, não existe "eu não sei desenhar", já que praticamente todas as crianças "rabiscam o sol". O que acontece é que a expressão plástica original pode adormecer se não for estimulada e valorizada. Nisto o desenho ganha a conotação de "infantil", pois o adulto que diz que não sabe desenhar é aquele que tem na memória o seu desenho da infância, por vezes com caráter negativo, ou seja, a vergonha de um adulto que desenha como criança. Diante disso o ateliê propõe o (re) encontro com o desenho original e o conhecimento da gênese da linguagem plástica/gráfica, desconstruindo estereótipos e bloqueios na compreensão de que o desenho é um processo vital que deve ser valorizado, estimulado e pode ser resgatado a qualquer tempo.

Ateliê 8
"QUEM DISSE QUE DESENHO É SÓ COISA DE LÁPIS E PAPEL?" - CORPO, LINHA E INVENÇÃO

Edith Maria Batista Ferreira
Joelma Reis Correia

Ementa: "O desenho é um gesto atávico e ancestral" (Derdyk, 2025, p. 141). Apesar disso, à medida que crescemos, vamos parando de desenhar, fato que nos provoca a interrogar: Por qual razão nos distanciamos do gesto desenhante? O que fazer para recuperar o sentido poético do desenho? O ateliê é um convite para a criação de "máquinas de desenhar", o encontro com artistas e a experimentação do traçar e marcar linhas no espaço movente do suporte, revelando a potência de um corpo que se faz linha.

Referência: DERDYK, Edith. Composições: [en]cantos para a Arte na Educação. São Paulo: Diálogos Embalados, 2025.

Ateliê 9
POÉTICAS NEGRAS E NARRATIVAS DE SI: UM ENCONTRO-ATELIÊ DE MEMÓRIAS, IMAGENS E ESCREVIVÊNCIAS

Greice Duarte de Brito Silva

Ementa: O que acontece conosco quando a arte encontra nossas memórias e experiências? A oficina convida ao encontro com poéticas de mulheres negras e com as histórias que nos constituem. Entre imagens, palavras, sons e gestos, narrativas pessoais e formativas ganham presença e novos sentidos. No encontro-ateliê, criar, narrar e escutar tornam-se modos de produzir conhecimentos sobre si e sobre a formação. Ao final, postais-retratos guardam marcas, afetos e deslocamentos tecidos no vivido.

Ateliê 10
VESTÍGIOS DA MEMÓRIA: DRAMATURGIAS TEATRAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE

Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias

Ementa: Ateliê de experimentação da linguagem teatral a partir do corpo e de memórias, objetos, imagens e sonoridades como vestígios de experiências vividas. Por meio de jogos teatrais e improvisações, as pessoas participantes serão convidadas a transformar lembranças, gestos, narrativas em dramaturgias teatrais, compreendidas como composições sensíveis que recriam experiências e produzem novos sentidos. A proposta articula experiência estética, memória e criação cênica teatral para pensar a formação docente na Educação Infantil, sem necessidade de experiência prévia com teatro.

EXPOSIÇÃO

Exposição
na BCG

Abertura dia 17/11 às 16h

A matéria do tempo (con)fiada em memórias

10 anos do Círculo de Estudo e Pesquisa
Formação de Professores, Infância e Arte



17 de nov. 2026 à **11 de dez. 2026**

Biblioteca Central do Gragoatá

APOIO: PROEX

ORGANIZAÇÃO: FIAR

A MATÉRIA DO TEMPO (CON)FIADA EM MEMÓRIAS: 10 ANOS DO CÍRCULO DE ESTUDO E PESQUISA FORMAÇÃO DE PROFESSORES, INFÂNCIA E ARTE

Coletivo que teceu a exposição:
Simone Bibian – Curadoria (MNBA/RJ)
Luciana Ostetto (FIAR/UFF)
Ana Grazyele Araujo (FIAR/UFF)
Simone Bibian (MNBA/RJ)
Graziela Mello (FIAR/UFF)
Iasmim Caballero Lira (FIAR/UFF)

Realização:FIAR

Apoio: Biblioteca Central do Gragoatá

Abertura: 17/11/2026 - 16:00
Período de visitação: 17/11 à 11/12/2026
Local: Biblioteca Central do Gragoatá

Com o desejo de cultivar encontros entre Educação e Arte, para (con)fiar outros modos de fazer pesquisa, ensino e extensão, o Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de professores, Infância e Arte (FIAR) lançou seu primeiro fio ao mundo em 2016. Como (desa)fio contínuo de "descolonizar a estética para libertar *aisthesis"*, o círculo fiandeiro finca raízes no terreno arado para o diálogo em torno da arte, dos processos criativos e da formação docente para/com as infâncias, pelas vias (auto)biográficas e narrativas.

No giro de seus dez anos, o FIAR - vinculado à Faculdade de Educação da UFF e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ - entreteceu pesquisa e formação em íntimo diálogo com a Educação Básica. Desde a universidade, se espraiou além de seus muros, misturando-se na vida cotidiana, cultivada com as infâncias, na Escola, na Educação Infantil. Borrando fronteiras, acolheu belos encontros, sustentados pelos princípios éticos, políticos e estéticos.

Proposta no âmbito do 4º Seminário Rodas do FIAR, realizado nos dias 17, 18 e 19/11/2026, a *exposição* **A matéria do tempo (con)fiada em memórias:10 anos do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte** reúne memórias do percurso de uma década de existência fiandeira, marcadas em imagens e texturas, artefatos e linguagens múltiplas, que com alegria e emoção são oferecidas em partilha à comunidade, neste tempo de festa e de celebração! Uma história narrada, que é também projeto de continuidade.

Assim como os modos fiandeiros de pesquisar, a exposição foi desenhada como uma ocupação sensível do espaço, no qual artesanias e poéticas marcadas pelo feito à mão são visibilizadas, convidando o expectador a percorrer - com todos os sentidos e nutrindo a imaginação - as trilhas de um coletivo que convoca:

Mais arte na pesquisa!
Mais arte na educação!
Mais arte na formação docente!
Mais arte na vida!



Em novembro de 2026, o Círculo de Pesquisa FIAR celebrou seus dez anos de existência. (Re)afirmando o compromisso e a comunhão entre Educação Básica e Universidade, alargando os sentidos, (con)fiando sonhos para (re)inventar outros mundos possíveis, realizou o 4º Seminário Rodas do FIAR, na FEUFF, em Niterói/RJ. Espaço de (re)encontros e partilhas, com comunicações, relatos de pesquisa e experiências da prática docente, ateliês, rodas de conversações. Os registros do percurso compõem esses Anais, como uma tessitura de vozes, saberes e sensibilidades, celebrando os fios que nos trouxeram até aqui e aqueles que, em roda, ainda temos a tecer.

FIAR

Círculo de Estudo e Pesquisa

Formação de Professores, Infância e Arte

Pedro & João Editores

pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-3389-5